

MÁRIO E LOURENÇO

In memoriam
eorum ipsi
faciamus

Celito Kesting



Pedro • João
editores

Celito Kesting
(Org.)

Mário e Lourenço:
in memoriam eorum ipsi faciamus



Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Celito Kesting [Org.]

Mário e Lourenço: *in memoriam eorum ipsi faciamus.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 300p. 14 x 21 cm

**ISBN: 978-65-265-0736-0 [Impresso]
978-65-265-0737-7 [Digital]**

1. Arqueologia. 2. Antropologia. 3. História. 4. História de vida. 5. Autor.
I. Título.

CDD – 930

Capa: Celito Kesting

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Celito Kesting

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

Amados irmãos e filhos nossos: o olhar que lançamos convosco sobre os diversos problemas da vida social contemporânea, desde as primeiras luzes do ensinamento do papa Leão XIII, levou-nos a formular um conjunto de observações que formam um programa. **Convidamo-vos a que as pondereis, as mediteis bem e vos animeis a cooperar, todos e cada um de vós, na realização do reino de Cristo sobre a terra:** "Reino de verdade e de vida; reino de santidade e de graça; reino de justiça, de amor e de paz"; reino que promete o gozo dos bens celestiais, para que fomos criados e que ansiosamente desejamos. (JOÃO XXIII, 1961).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	MÁRIO ZANETTA E LOURENÇO TORI	27
2.1	RICORDI	29
	Natale Allegra	
2.2	IN MEMORIA	35
	Giannino Piana	
2.3	JUNTOS A TRILHAR OS CAMINHOS DA MISSÃO Luciano Piumarta	55
2.4	EM DESACORDO COM A REPÚBLICA DAS OLIGARQUIAS	63
	Celito Kesting	
2.5	IGREJA LIBERTADORA, À LUZ DA MISSÃO	85
	Luciano Pereira Aguiar	
3	LOURENÇO TORI	95
3.1	RAGAZZATE	97
	Lorenzo Pavesi	
3.2	IN ME, LO SPIRITO SI È FATTO CARNE PER CONSERVARSI NELLA PAROLA ORALE E SCRITTA Mario Lorenzo Tori	101
3.3	NOSSO AMADO PADRE	125
	Aníbal Alves Nunes	

3.4	DEZESEIS ANOS SEM ELE	145
	Maria José Rodrigues Vieira	
3.5	VIDA VELOZ	147
	Maria José Rodrigues Vieira	
3.6	CINQUENTA ANOS DE SUA PÁSCOA	153
	Nélio Vieira de Melo	
4	MÁRIO ZANETTA	165
4.1	<i>IL MESSAGGERO DI DIO, DA BORGOMANERO A PAULO AFONSO</i>	167
	Família Zanetta	
4.2	RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE	213
	Pierre Teilhard de Chardin	
4.3	COMO O CONHECI	219
	Aníbal Alves Nunes	
4.4	O COMUNICADOR	235
	Maria José Rodrigues Vieira	
4.5	CORDEL EM MEMÓRIA	273
	Blandina Oliveira Andrade	
4.6	VIVEU 120 ANOS	277
	Gianpietro Canossi	
4.7	ESPÍRITO DO PAI CONOSCO	279
	Regina Oliveira Conceição Canossi	
4.8	EXEMPLO DE VIDA	281
	Jovelina Maria Ramalho da Silva	

4.9	<i>IL FIUME E LA DIGA</i>	285
	Luigino Canal	
4.10	<i>PARCEIRO INCONTESTE</i>	289
	Harald Schistek	
5	<i>CONSIDERAZIONI FINALI</i>	297
	ANEXOS	299

1 INTRODUÇÃO

Morreria em débito com a **Ciência e o Espírito** se passasse pela vida, sem registrar o quanto foi salutar à humanidade a ruptura epistemológica¹ e paradigmática² que João XXIII propôs à Igreja e ao mundo (*ad Ecclesiam et mundum*) quando, em 1961, decidiu convocar seu episcopado à realização do Concílio Vaticano II³. Basicamente, ele estava a propor o resgate do autêntico **Cristianismo**, professado pelos primeiros seguidores de Jesus.

A ordem moral não pode existir sem Deus: separada dele, desintegra-se. O homem, pois, não é formado só de matéria, mas é também um ser espiritual, dotado de inteligência e liberdade. Exige, portanto, uma ordem moral (...) que, **mais do que todos e quaisquer valores materiais, influi na direção e nas soluções que deve dar aos problemas da vida individual e comunitária** (grifo nosso), dentro das comunidades nacionais e nas relações entre estas. (JOÃO XXIII, 1961:207).

Três semanas antes daquele bendito documento papal, havia eu completado nove anos de idade. Não esquecera, ainda, da primeira confissão individual, realizada em 20 de agosto de 1960, um dia antes da festa de Pio X, patrono da Capela de Morro do Cruzeiro, que se subordinava à paróquia de São Ludgero, à Diocese de Tubarão e ao Arcebispado de

¹ Epistemologia é o estudo do conhecimento. Tem origem no Grego. *Episteme* significa conhecimento e *logos*, estudo. É, assim, o ramo da ciência que estuda a origem e as condições necessárias para que o saber tenha consistência e reconhecimento acadêmico.

² Paradigmas são realizações científicas que se tornam modelos. Por período mais ou menos longo e de modo mais ou menos explícito, eles orientam as pesquisas, na busca da solução para os problemas que elas suscitam. (KUHN, 2013).

³ O Concílio Vaticano II iniciou no dia 11 de outubro de 1962, com mais de três mil pessoas que, com a intenção de representar todos os povos, faziam-se presentes em Roma.

Florianópolis. No dia 21 de agosto do mesmo ano, festivo à Igreja Católica Apostólica Romana, por comemorar-se a recomendação daquele pontífice, à distribuição da Eucaristia às crianças, vários infantes, doutrinados nos moldes dos ortodoxos princípios da **Cristandade**⁴, receberam-na, em missa solene que, em latim, celebrou-se naquele modesto e inacabado santuário familiar⁵.

Igreja e Estado, base da Cristandade, dominaram a vida social, política, econômica, cultural e simbólica, onde esse modelo foi implantado. Essa construção da Cristandade enquanto **modelo eclesial de poder** (grifo nosso) aconteceu quando a Igreja, buscando expandir seus interesses, manteve uma relação de dominação sobre a sociedade civil mediada pelo Estado. (OLIVEIRA, 2011, p. 315).

Para ratificar o modelo de sociedade que desejavam, os imperadores e a Igreja Católica Apostólica Romana a eles vinculada, construíam igrejas em formatos que indicassem o altíssimo céu, como prêmio, a alcançarem *post mortem*, por sacrifícios que, ao longo da vida, fizessem os fiéis. No interior deles, realizavam-se rituais litúrgicos, de costas ao povo, e transmitiam-se ensinamentos de linearidade vertical⁶, em

⁴ “A Cristandade implantou-se com Constantino I, no Século IV. Solidificou-se com o Concílio de Latrão, no Século XII. Reafirmou-se com o Concílio de Trento, no Século XVI. Este último realizou-se para organizar a Igreja Católica contra a Reforma Protestante, promovida por Lutero, com as bênçãos do poder econômico germânico feudal.” (KESTERING, 2022, p. 37).

⁵ [Pio X] “redigiu e aprovou decretos sobre o Sacramento da Eucaristia, nos quais recomendava e elogiava a comunhão diária, com a possibilidade de que as crianças se aproximassem para recebê-la, a partir do momento que entendessem quem está na Santa Hóstia Consagrada. Isto foi o suficiente para que passasse a ser chamado o ‘Papa da Eucaristia’.” (NEWSLETTER, 2015).

⁶ Adorava-se a potestade que se dizia habitar altíssimo céu. Em caráter eterno e prestígio de graduação descendente, a ele serviam, os serafins, querubins, arcanjos, anjos e santos. Na terra, com predicado temporal e hierarquia de respeito declinante, a ele representavam o papa, os cardeais, arcebispos, bispos, monsenhores, cônegos, padres e diáconos. Obedeciam-

homilias semanais de fomento à obediência absoluta às autoridades constituídas (eclesiásticas, civis e militares), incumbidas de manter a ordem e, sobretudo, a estrutura da sociedade piramidal.

No horizonte conceitual da divindade estoica (heleno-judaica), absoluta para a Cristandade reformista de Lutero e contrarreformista de Trento, pressupunha-se que, ao desabrocharem à vida, os humanos herdavam uma centelha dela, **a alma**, que deveria retornar ao altíssimo céu, quando se esvaísse do **corpo**, ao findar suas efêmeras existências terrenas⁷. Conforme os princípios tridentinos, para entronizar suas essências ao seio do criador, os degredados filhos de Eva teriam que acreditar em verdades pontificadas como dogmas, pelo papa, santo e infalível representante de estratosférico ou astronômico deus, inalcançável aos humanos comuns. Para os reformistas, a mesma divindade, com similar paraíso, alcançava-se por simples arrependimento de pecados cometidos contra a ordem social e econômica vigente, seguido por sincera confissão comunitária e profissão de fé em Jesus.

Para salvarem sua psiquê, doutrinavam-se os cristãos católicos tridentinos ao dever de realizarem regulares e clarividentes

nos, com subordinação declinante e obrigações crescentes, os frades, as freiras e os fiéis. O corpo humano dividia-se em blocos de prestígio descendente: nobre era a cabeça (sede da racionalidade); tolerável era o coração (centro das emoções) e vil era tudo que se relacionava com o abdômen e baixo ventre (habitat da gula, lascívia e luxúria). A quem não administrasse, com parcimônia, as emoções, os apelos estomacais e apetites sexuais, condenava-se às profundezas do inferno.

⁷ Para o estoicismo, Deus é a razão (alma) do mundo, que penetra tudo e sua providência é a lei do mundo. Entretanto, por uma forma de espírito invejoso de Deus, o cosmos está desvirtuado e nos leva a nos separarmos de Deus. Consequentemente, a salvação não está em adaptar-se à realidade do cosmos ou à contemplação de sua beleza, mas na fuga do mundo sensível e do próprio corpo, através da gnose. Só pela gnose, uma espécie de ascese da mente se pode caminhar em direção ao ápice supremo da alma que é Deus. (BRIGHENTI, 2019, *apud* KESTERING, 2020a, p. 37).

rituais, materializados em sacramentos que se traduziam como sinais sensíveis da presença e da graça dele. Quem pretendesse a bem-aventurança eterna, *post mortem*, teria que cumprir, com fidelidade absoluta, dez mandamentos de sua lei, sete sacramentos, cinco mandamentos da Igreja e cinco preceitos de uma boa confissão, quando cometesse qualquer deslize que o fizesse sentir-se pecador, ovelha desgarrada, impuro ou gentio. A quem não os observasse, expurgava-se do convívio religioso, como herege (*anatema sit*) e condenava-se ao fogo eterno de profundíssima Geena, caso não assumisse a identidade de autêntico verme, para arrepender-se e confessar-se pecante.

A organização social da Igreja da Cristandade fundamentava-se na estrutura e no modelo identitário do império romano. O papa gozava do prestígio de imperador. Tinha obreiros que, mais pela confiança que por competência, agiam próximos a ele ou junto às almas dos fiéis, como intermediários ou portavozes do deus a cuja ortodoxia doutrinal somente eles tinham acesso. A confiança recíproca eternizava-se em rituais de iniciação que se materializavam no sacramento da ordem. Construíram-se, para isso, no mundo todo, seminários menores e maiores, com o objetivo de preparar meninos, jovens e adultos, para imprimir neles o caráter indelével e eterno de sacerdotes, obreiros confiáveis da Igreja.

Nos moldes da Cristandade Italiana, por influência das famílias e do meio social católico apostólico romano, Mário Lourenço Tori e Mário Zanetta ingressaram em seminário menor que havia na cidade de Miasino. Concluíram seus estudos de Teologia em Novara onde, no dia 25 de junho de 1961, com 23 anos de idade e, em 24 de junho de 1962, com 25 primaveras, respectivamente, ordenaram-se padres *secundum ordinem Melchisedech*. Em Roma, respiravam-se os cristalinos ares que Encíclica *Mater et Magistra*, publicada por João XXIII, trouxera à Igreja. Ambos se ordenaram sacerdotes, em portentoso

ritual religioso latino, ainda vinculado ao Direito Canônico Pio-Beneditino⁸.

Entre a Cristandade, a ciência positivista e os anseios populares, havia um famigerado fosso epistemológico e paradigmático a inviabilizar tentativas de diálogo e parcerias, em busca de solucionarem-se crônicos problemas existenciais, econômicos e sociais da humanidade.

Mário Zanetta e Mário Lourenço Tori constataram e angustiavam-se com a monumental cava paradigmática a dificultar a harmonia entre disciplinas dos cursos de Filosofia e Teologia, com as cátedras da Ciência Positivista de Augusto Comte. Percebiam e não concordavam com o acordo tácito que havia nas academias. As igrejas (católicas e protestantes), alinhadas à Cristandade, por apreço ao conhecimento dogmático (religioso ou mitológico) diziam cuidar da salvação das almas que se destinavam ao paraíso eterno (*post mortem*). A ciência pragmática, por sua vez, pelo cultivo ao saber racional e empiricamente aferível (mensurável), propalava zelar pela geração de conhecimentos destinados ao usufruto de conforto temporal dos humanos.

Para Comte, a ciência tem, como objetivo, pesquisar as leis que regem os fenômenos: "só o conhecimento das leis dos fenômenos, cujo resultado constante é o de fazer com que possamos prevê-los, evidentemente pode nos levar, na vida ativa, a **modificá-los em nosso benefício** (grifo nosso)". (COMTE, 1988 *apud* SILVINO, 2007).

⁸ Seguindo a proposta do Concílio Vaticano I, o Papa Pio X, em 1904, promoveu a preparação de um código que reunisse toda a realidade jurídica vigente na Igreja. A conclusão deste projeto deu-se em 1917, quando seu sucessor, o Papa Bento XV o promulgou. Ele normatizava, basicamente o que haviam decidido os bispos reunidos no Concílio de Trento (1545-1563). Regulamentava a vida eclesial (organização, governo, ensino, culto, disciplina e práticas processuais). (PONTIFÍCIO INSTITUTO SUPERIOR DE DIREITO CANÔNICO, 2023).

Em síntese, a Religião propunha-se a solucionar os problemas no campo da espiritualidade e a Ciência, na esfera da materialidade, respectivamente. Contudo, por vincularem-se ambas aos interesses da burguesia capitalista, imperialista ou mercantilista opressora, não o faziam de forma equitativa e justa, sobretudo aos membros das categorias mais humildes da sociedade.

Uma e outra ignoravam que, por excelência, a humanidade constituía-se de indivíduos com espiritualidade vinculada intrinsecamente a estruturas físicas (genéticas neurológicas e hormonais)⁹. Desconsideravam, da mesma forma, que se dividiam as pessoas em classes de radical antagonismo político¹⁰ quais eram: opressores (expropriadores, elitistas, ricos, colonizadores, escravizadores ou exploradores) e oprimidos (colonizados, escravizados, explorados, subjugados expropriados, pobres, proscritos, marginalizados, gentios ou excluídos).

Assim, com base na estrutura mental binária, por serem essencialmente políticos e naturalmente insatisfeitos, os humanos edificavam no passado, constroem hoje e no futuro

⁹ O processo de ensino aprendizagem, que se realiza nos intercâmbios culturais, não se reduz à simples cópia de atributos identitários. Ele se vincula com o sistema hormonal e nervoso, herdados geneticamente. Os sistemas nervoso e hormonal são responsáveis pelas relações dos indivíduos com o ambiente e com os outros membros da espécie.

O sistema nervoso constitui-se de um conjunto de neurônios que se conecta e transmite mensagens do mundo externo ao cérebro. No cérebro, as mensagens são interpretadas e assimiladas. Os atributos identitários [espirituais] dos grupos estão, por isso, ligados a coordenações profundas dos genomas dos indivíduos. Enquanto alguns genes regulam respostas adaptativas ao ambiente, outros responsabilizam-se pela renovação de metabolismos que mantêm a estrutura do conjunto. (PIAGET, 1996).

¹⁰ Com base no pressuposto subliminar da estrutura mental binária, já antes da era cristã, Aristóteles afirmava que, por serem animais essencialmente políticos e naturalmente insatisfeitos, os humanos edificavam modelos de sociedade, pelos quais dividiam-se e lutavam. (KESTERING, 2022, p. 33).

delinearão sua identidade (espiritualidade ou religiosidade), necessariamente vinculada ao modelo de sociedade a que se reconhecem pertencentes. Em vista disso, não há como abordar temáticas concernentes à espiritualidade e/ou ciência, sem tratar primeiramente da definição política do adepto religioso e do cientista sectário porque, suas estruturas racionais e, por dilatação, paradigmáticas, edificam-se sobre modelos políticos identitários subjacentes, a imprimirem o sentido basilar de suas recíprocas existências.

Identidade é o arquétipo a partir do qual, para garantir a sobrevivência e sucesso reprodutivo, os indivíduos e os grupos sociais constroem a ideia de quem são e estabelecem o padrão de relacionamento com outros membros da própria espécie e com o ambiente. (KESTERING, 2007, p. 20).

O cenário político identitário (religioso ou espiritual) constituía-se basicamente de dois modelos antagônicos quais eram; a **Cristandade** que, pela subserviência ao poder econômico dos poderosos (monarquistas e republicanos), estribava-se em rituais de linearidade vertical ou piramidal e o **Cristianismo** que, pelo compromisso com a vida plena, servia-se de ordenamentos dialógicos, horizontais ou circulares.

A intenção fundamental do Concílio Vaticano II foi atualizar a ação salvífica da Igreja no mundo moderno. Isto significou uma ruptura corajosa e difícil com o passado, pois ao retomar o diálogo com a sociedade e com o mundo do trabalho, da ciência, da técnica e das culturas, **foi necessário um novo paradigma de compreensão da própria Igreja** (grifo nosso). (PUC-RIO, SD, p. 29).

No contexto da mudança paradigmática que João XXIII e o Concílio Vaticano II propuseram à Igreja, os missionários *Fidei Donum* Mário Zanetta e Lourenço Tori dispuseram-se a interpretar a Bíblia na perspectiva dos excluídos, sair da terra natal e seguir a estrela guia, em busca de terras longínquas, no Nordeste do Brasil. Sabiam que, em Paulo Afonso, na periferia do progresso que se inaugurava com a construção de barragens e implantação de hidrelétricas, em toscas barracas

de papelão e madeirite, improvisadas na Vila Poty, germinavam sonhos de liberdade e vida plena.

A ruptura deles com os princípios e métodos da Cristandade estoica (heleno-judaica) mostrou-se com clarividência, ao rerelem as narrativas concernentes à Ressurreição de Cristo. O apelo dos anjos à ruptura epistemológica manifestava-se no Ato dos Apóstolos.

Os apóstolos ficaram contemplando o Mestre que se afastava “elevando-se à vista deles, uma nuvem escondeu-o a seus olhos”. (...) Seus olhares voltados para o céu assinalam a esperança da volta imediata de Jesus, o desejo de que, após um breve intervalo, Ele retome a obra interrompida.

Os homens vestidos de branco, que se lhes apresentaram, dizem-lhes: não será Jesus o encarregado de levar a cabo essa obra, mas sereis vós. Vós tendes a capacidade de fazê-lo, pois passastes quarenta dias com Ele após sua Ressurreição e **recebestes o Espírito** (grifo nosso). E Jesus estará convosco até ao fim dos séculos. Quer dizer: deixai de olhar para o céu, é aqui na terra que deveis dar provas da autenticidade de vossa fé.

O seu olhar voltado para o céu assemelha-se ao de muitos cristãos de hoje que não consideram a religião como um incentivo para se comprometerem de uma maneira concreta, a fim de ajudarem a melhorar a vida de seus irmãos. (ATOS, 1: 1-11 *apud* KELLER, 2020).

No início de 1969, menos de meio ano após o episcopado latino-americano haver-se reunido no Congresso de Medellín, para ratificar os atributos identitários da Igreja revolucionária dos primeiros cristãos, de João XXIII e Paulo VI, à Capital da Energia eles chegaram e arrancharam-se em modesta casa, à Av. Getúlio Vargas. Apresentava-se, então, às comunidades eclesiais e à sociedade do Nordeste do Brasil, o mesmo Deus de Abraão, Isaac, Jacó, Helder Câmara, Pedro Casaldáliga e dos primeiros cristãos, a exigir a libertação das massas marginalizadas da América Latina. Em todas as terras do Novo

Mundo, a Igreja Católica Apostólica Romana pós-conciliar estava a fomentar a inserção das dioceses e paróquias nos movimentos sociais. Propunha radicalizarem-se as metáforas evangélicas da luz e do sal. Os cristãos comprometidos com a utopia de Jesus Cristo tinham, então, que demonstrar maior preocupação com a solução dos problemas sociais, do que se dedicarem à conversão dos gentios. A eles apresentava-se o modelo político identitário da justiça social e do direito universal à vida em plenitude.

A Igreja Latino-Americana tem uma mensagem para todos os homens que neste continente têm fome e sede de justiça. O mesmo Deus que criou o homem a sua imagem e semelhança, criou a terra e tudo o que nela existe para uso de todos os homens, e de todos os povos, de modo que os bens criados possam bastar a todos de maneira mais justa (GS 69), e dá poder ao homem para que solidariamente transforme e aperfeiçoe o mundo. (GÊNESIS 1,29). É o mesmo Deus que, na plenitude dos tempos envia seu Filho para que, feito carne, venha libertar todos os homens, de todas as escravidões a que o pecado os sujeita: a fome, a miséria, a opressão e a ignorância, numa palavra, a injustiça que tem sua origem no egoísmo humano. (JÓ 8, 32-34). Por isso, para nossa verdadeira libertação, todos os homens necessitam de profunda conversão para que chegue a nós o «Reino de justiça, de amor e de paz». (DOCUMENTO DE MEDELLÍN, 1968, p. 3-4).

Por oportuno, lembro ter sido cientificamente pertinente a revolução epistemológica e paradigmática que a Igreja estava a promover. Já no Século XVII, Baruch Spinoza (1632-1677) apresentava fortes evidências de não existir a inacessível divindade extraterrestre a quem os humanos faziam piruetas para agradar, desentediá-la ou abrandar a ira, tristeza e/ou capricho. Se fosse alienígena, argumentava ele, o ser supremo seria inalcançável ao conhecimento e tudo que dele se dissesse, mera especulação filosófica ou teológica. Verdadeiro, racional e cientificamente acessível, reconhecia o racionalista

criticista alinhado a Descartes (1596-1650), é o Deus que habita o coração das pessoas. Para nada serve, dizia aquele pensador das terras baixas da Velha Prússia, esforçar-se para agradar ao esdrúxulo e fantasmagórico ser divino ou Deus acima de Todos (*Gott über alles*).

Observo que os livros sagrados recomendam incondicionalidade no amor a Deus, mais que a todas as coisas. Nós, os humanos filhos de Eva, gerados à imagem e semelhança dele, não somos entidades criadas para acessar [inabordáveis] seres sobrenaturais. Conectamo-nos, sim, com o conceito mestre, a ideia axial a definir nossa identidade, a dar sentido à vida, a habitar o coração das pessoas e capacitá-las a mover montanhas. (KESTERING, 2022, p. 26).

Nunca é demais lembrar que o princípio de tudo é o conceito¹¹, a ideia clara de si mesmo, de seu papel no contexto da luta pela conquista da utopia do Galileu Sonhador, a Terra Sem Males, o Reino de Deus. Para isso, é preciso que os humanos, enquanto **entidades**, nasçam para o **Espírito**¹² e reconheçam-se como **identidades (entidades espirituais)**.

No Nordeste, pela ruptura epistemológica e paradigmática à Cristandade, Mário e Lourenço nasceram para o Espírito do autêntico Cristianismo. Aprenderam a seguir a estrela da

¹¹ “No princípio havia [há e haverá] o Verbo. O Verbo estava [está e estará] com Deus. O Verbo era [é e será] Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.” JOÃO, 1, 1-5).

¹² “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer? Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do **Espírito** (grifo nosso), não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo.” (JOÃO 3, 3-7).

convivência e do respeito aos marginalizados, de forma semelhante à que fizeram os reis magos, para encontrar o menino Deus, em uma manjedoura, na periferia dos palácios herodianos. Foi no convívio com pessoas de boa vontade, do Sertão Semiárido que eles ensaiaram adorar a Deus que se fez carne, para habitar o coração das pessoas. No âmago do Semiárido, eles compreenderam ser verdade a máxima suprema, “onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, estarei eu no meio deles.” (MATEUS, 18, 20). O prodígio da vida, com felicidade plena aos viventes, eles descobriram acontecer na celebração da partilha que, há dois mil anos, Ele próprio propôs e estava a sugerir, no contexto existencial de cada cristão dos dias de hoje. Assim, já não eram eles a viver. Era Cristo quem vivia neles. A vida que em Paulo Afonso viviam no corpo, viviam-na pela fidelidade ao filho de Deus. Eles sentiam que Ele os amava e sabiam ter-se entregue por eles”. (GÁLATAS, 2, 20).

Assim é a essência do Cristianismo das catacumbas. Após a morte do mestre, os apóstolos sentiam sua falta. Eles recorriam, por isso, a práticas recorrentes (rituais), para fazer presente o ausente de quem tinham saudade. Na partilha do pão, reconheciam sua essência, seu **Espírito**, sua identidade (*arké*), presente no meio deles. O ritual da partilha, por ser estrutural e fundamental à sobrevivência dos pobres, conserva-se ainda hoje, depois de dois mil anos e perpetuar-se-á, enquanto houver humanos sonhadores, em busca do Reino de Deus, da Terra Sem Males.

A ciência trabalha com fatos mensuráveis. O mito estoico (heleno-judaico), como o de outras religiões de linearidade vertical, por ser inalcançável, não é mensurável enquanto objeto acessível ao conhecimento, mas o é enquanto conceito, ideia elaborada para segregar pessoas, com a finalidade de aliená-las, como massa de manobra a serviço de interesses

imperialistas e/ou colonialistas. Traduz-se esse fascínio monopolista como espírito das trevas.

O Deus do Cristianismo original, resgatado por João XXIII e o Concílio Vaticano II é real. Ele é a **ideia límpida** que habita o centro da estrutura do sistema simbólico, do mapa cognitivo e do coração (abrigo das emoções) das pessoas de boa vontade. Se o sistema simbólico dos humanos se constitui de utopias, Deus é a utopia mor, o motor da história.

Os arqueólogos e pesquisadores de outras áreas do conhecimento têm parâmetros que permitem acessá-Lo pelo estudo de artefatos, estruturas e fatos que resultam das ações derivadas do conceito cristalino que os humanos têm da Divindade Mor. Assim, pela cultura material e imaterial reconhece-se o genuíno Deus de Abraão, Isaac, Jacó, Helder Câmara, José Rodrigues, **Mário Zanetta e Lourenço Tori**, no produto materializado do Espírito que habitava seus neurônios e fazia pulsar forte o coração deles.

Para ser verdadeiro, o Espírito da partilha tem que se democratizar no pão, no econômico. Se o econômico é determinante do ideológico, como defendia Marx, a partilha é científica. Quando ela acontece, eleva-se o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Mede-se a felicidade pela aferição do índice de alfabetização, da taxa de mortalidade infantil e da expectativa de vida. Assim, nos rituais de partilha com os marginalizados (índios, negros e brancos empobrecidos), materializa-se e quantifica-se a identidade cristã. É mais que evidente que nessas partilhas revela-se a essência de Jesus Cristo, o Mestre. A **Ciência** tem parâmetros e instrumentos que facultam acessá-Lo, porque Ele é abordável nos frutos que se evidenciam na cultura material e imaterial, objetos de estudo da Arqueologia, Antropologia, Psicologia, Sociologia, Biologia, Epistemologia, Etologia e Teologia da Libertação.

Pelos frutos conhece-se a essência da árvore que os produz. Vê-se na Bíblia escrito que, quando os apóstolos se reuniam, na hora da partilha do pão, eles se lembravam da identidade, **da espiritualidade**, do jeito de Jesus Cristo ser. Assim, ele, o mestre, fazia-se e perpetrava-se, infinitamente presente, na memória cerebral e filogenética de seus seguidores. Eles se encantavam, como nós nos encantamos, no encanto do memorável encantado. É esse ritual nativo atávico que os Nordestinos de origem indígena naturalmente repetem durante milênios. (KESTERING, 2023, p. 27).

Por pertinente, lembro que, ao receber o primeiro título de cidadania Sobradinhense, Dom José Rodrigues de Souza, antigo bispo da Diocese de Juazeiro – BA, disse estar feliz. Falou que constatava naquele gesto da Câmara Municipal, terem os edis a certeza de que, quando dois ou mais se reunissem em nome Dele, Ele, o libertador, estaria neles, a operar maravilhas. A emancipação política, disse ele, foi o cristalino produto material, o portentoso resultado dessa união, do **Espírito Salvador**. Ela se concretizou porque o cidadão de Nazaré fez-se presente, a incentivar a luta conjunta, em busca de um sonho coletivo, o Reino de Deus, a Terra Sem Males.

Partilhar um sonho coletivo é fundamental porque é nesse processo que a humanidade, embrionariamente desumana, geneticamente egoísta, ego e etnocêntrica, humaniza-se, pelo **Espírito** altruísta e cristão.

Por cabível, lembro que a essência dos humanos habita, efetivamente, seus genomas e neurônios cerebrais. Por isso, quando elaborei tese de doutorado, busquei conhecer a identidade de Sobradinho, pelo estudo das pinturas rupestres onde se preserva o espírito materializado dos nativos Tamoquim e de outros grupos que ocuparam o território Tatauí. A identidade deles revelou-se me no estudo daqueles fragmentos do antigo sistema de comunicação porque os pesquisei com base no pressuposto de que, antes de serem impressos nas rochas, eles haviam transitado pelos neurônios

onde habitava o **espírito** dos autores. Com propriedade, Piaget (1996) dizia que os espíritos não vagam, soltos como seres etéreos (fluidos, voláteis, vaporosos, incorpóreos e/ou intangíveis). As divindades geram-se, dizia aquele epistemólogo suíço, nos neurônios e preservam-se na memória genética e filogenética das pessoas, bem como no produto materializado, cientificamente mensurável de suas ações.

Assim, a humanidade é feliz quando seu **Espírito** e o comportamento que dele decorre harmonizam-se com os de **Cristo**, preservados na memória cerebral e filogenética das pessoas de boa vontade. Para manter vivo o Espírito de Cristo que se abrigou nos neurônios, brandia o coração e dava sabor à vida de Mário Zanetta e Lourenço Tori, propomo-nos a registrar em livro o que deles aprendemos e, em nossa vida, preservamos.

Na Diocese de Novara, em Paulo Afonso e no Nordeste do Brasil, o Espírito Cristão de Mário Zanetta e Mário Lourenço Tori fez-se carne. Materializou-se em frutos cujo sabor afere-se no produto de suas ações. A título de exemplo, citam-se: Igreja São Lourenço, no Bairro Panorama; Cemitério Municipal Padre Lourenço Tori; Comissão Pastoral dos Pescadores; Movimento contra a Violência; Casas da Criança; Grupo Bíblico; Casa de Repouso São Vicente de Paulo; Lar da Criança Vicentina; Casa de Acolhida São José; Fundação de Amparo ao Menor de Paulo Afonso; Creche Casulo Irmão Luiz; Escola Profissionalizante Padre Lourenço; Pastoral Catequética; Seminário em João Pessoa; Instituto de Teologia e Pastoral de Paulo Afonso; Centro Diocesano de Artesanato; Projeto Esperança de Assentamento; Escola Família Agrícola; Editora Fonte Viva; Rádio Regional de Cícero Dantas; Rádio Vaza-Barris de Jeremoabo, Instituto Tecnológico e Vila Dom Mário Zanetta.

Por isso, para registrar o que deles ouvimos e/ou, com eles aprendemos, convidamos: Natale Allegra, Giannino Piana,

Luciano Piumarta (*in memoria*), Luciano Pereira Aguiar, Lorenzo Pavesi, Mario Lorenzo Tori (*in memoria*), Aníbal Alves Nunes, Maria José Rodrigues Vieira, Nélio Vieira de Melo, Família Zanetta, Pierre Teilhard de Chardin (*in memoria*), Blandina Oliveira Andrade (*in memoria*), Gianpietro Canossi (*in memoria*) e Regina Oliveira Conceição Canossi. Estimulamos, também, a fazerem o mesmo: Jovelina Maria Ramalho da Silva, Luigino Canal, Harald Schistek (*in memoria*), Alfredo Grosso (tradutor; *in memoria*) e Gabriella Tonelli (revisora).

REFERÊNCIAS

DOCUMENTO DE MEDELIN. **Presença da Igreja na Atual Transformação da América Latina à Luz do Concílio Vaticano II**. Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Medellín, Colômbia, 1968. Disponível em: <http://www.paroquiasantarita.com.br>. Acesso: 06 jun 2023.

JOÃO XXIII. **Mater et Magistra**. Encíclica. Dicastero per la Comunicazione. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1961. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso: 30 mai 2023.

KELLER, Antônio Carlos Rossi. **Por que estais a olhar para o céu?** 2020. Disponível em: <https://gaudiumpress.org>. Acesso: 07 jun 2023.

KESTERING, Celito. **Identidade dos Grupos Pré-históricos de Sobradinho – BA**. 2007. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2007.

_____. **Encanto Bugre-Tapuia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

_____. Registro Rupestre e Epistemologia. In: OLIVEIRA, Gabriel Frechiani; PAIVA, Leandro; JUSTAMAND, Michel; ALMEIDA, Vitor José Rampaneli de (Org.). **Arte Rupestre Brasileira: múltiplas visões**, p. 33-58. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2022.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. Disponível em: <https://ppec.ufms.br>. Acesso: 13 jun 2023.

NEWSLETTER. **21 de agosto, Festa de São Pio X, o “Papa da Eucaristia”**. Disponível em: <https://www.acidigital.com>. Acesso: 30 mai 2023.

OLIVEIRA, Carlos Augusto Ferreira de. **A Cristandade: um modelo eclesial de poder**. Fragmentos de Cultura, v. 21, n. 4/6, p. 309-318. Goiânia, 2011. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br>. Acesso: 30 mai 2023.

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos**. Tradução de Francisco M. Guimarães. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1996.

PONTIFÍCIO INSTITUTO SUPERIOR DE DIREITO CANÔNICO. **Direito Canônico: definição, história e codificação**. 2023. Disponível em: <https://pisdc.org.br>. Acesso: 05 jun 2023.

PUC-RIO. **A Eclesiologia do Vaticano II: um novo paradigma de compreensão**. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br>. Acesso: 25 jan 2022.

SILVINO, Alexandre Magno Dias. **Epistemologia positivista: qual a sua influência hoje?** 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>. Acesso: 05 jun 2023.

2 MÁRIO ZANETTA E LOURENÇO TORI



2.1 **RICORDI**¹³

Natale Allegra¹⁴

Introduzione

*Ricordare dom Mario e don Mario Lorenzo vuol dire prima di tutto ricordare il "clima" missionario che abitava i nostri seminari di Arona e di Novara negli anni '50 e '60, dopo che era stato donato alla Chiesa il grande documento sulla cooperazione tra le Chiese "Fidei donum" da parte del Venerabile Pio XII. Ricordo ancora quanto i nostri superiori caldegiassero lo zelo missionario sia nel favorire fioritura di vocazioni fidei donum sia nel promuovere l'ingresso in istituti missionari. Io stesso ho avuto 2 compagni di classe che sono diventati Saveriani, anche sull'impulso di visitatori dei seminari.*¹⁵

¹³ **MEMÓRIAS**

¹⁴ **Natale Allegra** nasceu em Baveno, ao sul do Lago Maggiore, no dia 10 de fevereiro de 1940. Ordenou-se padre no dia 20 de junho de 1964. Foi professor de Literatura no Seminário Menor de Arona e, por mais de 40 anos, capelão das irmãs Josefinas. Desde 1977, é secretário dos ministérios pastorais da Diocese de Novara. Atualmente, é assistente da Ação Católica, promove a vivência cristã conforme recomenda o Concílio Vaticano II e ensina Pastoral aos Diáconos.

¹⁵ Recordar Dom Mário e Padre Lourenço significa, antes de tudo, lembrar do clima missionário que, nas décadas de 1950 e 1960, vivia-se nos seminários de Arona e Novara, depois que o Venerável Pio XII apresentou, à Igreja, a encíclica *Fidei Donum*, grande documento sobre a cooperação entre as Igrejas. Ainda me lembro de quanto nossos superiores preconizavam o zelo missionário, tanto para favorecer o florescimento de vocações na entidade *Fidei Donum*, quando para promover o ingresso dos vocacionados nos institutos missionários. Eu próprio tive dois colegas que se tornaram Xaverianos, por influência de visitantes ao Seminário.

Clima missionario

E' in questo clima che certamente sono maturate le vocazioni di dom Mario e di don Mario Lorenzo più avanti di me di un paio d'anni. Entrambi erano stimati da noi per la loro cordialità e la loro disponibilità e di don Mario Lorenzo ricordo che in teologia aveva fatto persino corsi di canto per gli stonati... non so con quale esito, ma certo iniziative di questo tipo dicevano bene una determinazione che non s'arrendeva alle difficoltà e una creatività stimolata dall'intensa preparazione al Concilio Vaticano II durante il quale siamo diventati preti, studiando su testi di teologia un po' datati, ma integrati da entusiastica attenzione a tutto ciò che guardava a un futuro di preti votati alla missione con orizzonte universale. (Fig. 1 a 3).

Naturalmente ho conosciuto don Mario Lorenzo Tori in seminario e di lui conservo il particolare ricordo che non si dava mai per vinto da tenace "montagnino" che era. Un solo esempio: constatando che alcuni compagni erano stonati nel canto in cui egli eccelleva e non volendo che in qualche modo si sentissero emarginati istituì la scuola degli stonati, ¹⁶

¹⁶ Foi nesse clima que, certamente, amadureceram as vocações de Dom Mário e Padre Lourenço, alguns anos antes de mim. Estimávamos a ambos, pela cordialidade e disponibilidade. De Lourenço lembro-me que, no Curso de Teologia, ele estudou uma Disciplina de Cantos para Surdos. Não sei o resultado, mas, certamente atesta sua determinação de não desistir diante das dificuldades. Sua criatividade estimulou-se na intensa preparação ao Concílio Vaticano II, durante o qual nos tornamos sacerdotes. Estudamos textos teológicos um tanto antigos, mas integrados ao entusiasmo a tudo que que relacionava ao futuro dos padres que se lançassem à missão, com horizonte universal. (Fig. 1 a 3).

Naturalmente, conheci Lourenço Tori no Seminário. Lembro que ele nunca desistia de ser o tenaz montanhês. Só um exemplo: Ao constatar que alguns colegas desafinavam no canto em que ele se destacava, por não querer que eles se sentissem marginalizados, montou a escola dos desafinados.

proponendosi come paziente insegnante, nei tempi liberi delle ricreazioni. Generosità che poi si manifestò nella sua scelta missionaria che tutti ben conosciamo.

Erano gli anni del Concilio Vaticano II e la nostra vita di seminario si arricchiva di giorno in giorno degli insegnamenti di quello che sapevamo essere un evento epocale. Studiavamo ancora su testi di teologia più o meno aggiornati all'aria nuova, ma sapevamo già che davanti a noi stava un tempo di grandi cambiamenti. Come non interrogarci sul nuovo modo di intendere le missioni? Il decreto "Ad gentes" non poteva lasciarci sordi... e quanti sono partiti negli anni '60 e oltre sia per gli istituti missionari (anche due miei compagni di classe) o come "fidei donum" appunto. Erano gli anni del "già e non ancora", anni creativi tesi alla fedeltà e insieme alla creatività apostolica. Le forme esterne dei seminaristi ingessati nella pur gloriosa talare (sempre indossata ancora persino nelle arrampicate alpine e nelle appassionate contese calcistiche e le giovanili birichinate teologiche si sposavano ad attese incoraggiate da superiori fedeli al passato in una formazione spirituale robusta e collaudata, ma insieme aperta all'aria¹⁷

¹⁷ Propôs-se a ser paciente professor, em seu tempo livre, de lazer. Essa generosidade manifestou-se em sua opção missionária que bem se conhece.

Eram os anos do Concílio Vaticano II. Nossa vida, no Seminário, enriquecia-se dia a dia com os ensinamentos do que sabíamos ser um acontecimento de época. Estudávamos, textos teológicos mais ou menos atualizados aos novos ares, mas sabíamos estar em momento de grandes mudanças. Como não nos interrogar sobre a nova forma de ver as missões? O Decreto *Ad Gentes* não podia deixar surdos os que partiam, depois dos anos 1960, dos institutos missionários (assim dois colegas meus) ou mesmo do grupo *Fidei Donum*. Eram anos do "já e ainda não", criativos, voltados para a fidelidade e criatividade apostólica. As formas externas dos seminaristas, engessadas na gloriosa batina (sempre usada, mesmo nas escaladas alpinas e nas apaixonadas disputas de futebol) e as travessuras teológicas juvenis aliavam-se às expectativas alimentadas por superiores fiéis ao passado, em uma formação espiritual robusta e provada, mas, ao mesmo tempo, aberta ao ar

*fresca pronosticato da S. Giovanni XXIII e confermata da S. Paolo VI. (Fig. 4 e 5). Insomma per una Chiesa fedele a Dio e amica dell'uomo, come avrebbe poi recitato il XX Sinodo diocesano del vescovo Del Monte. Come meravigliarsi allora per tanti amici e compagni partiti per "le missioni"... come a Paulo Afonso?*¹⁸

Figura 1 – Lourenço com colega de Seminário



Fonte: Acervo do Instituto Mário Zanetta e Lourenço Tori (Sem data)

¹⁸ fresco predito por São João XXIII e confirmado por São Paulo VI. (Fig. 4 e 5). Em suma, propunha-se uma Igreja fiel a Deus e amiga do homem, como o XX Sínodo Diocesano de Del Monte que o bispo faria mais tarde. Como, então, nos surpreendermos com tantos amigos e camaradas que partiam para as missões como a de Paulo Afonso?

Figura 2 – Lourenço, com colegas, no dia em que se ordenou padre



Fonte: Acervo do Instituto Mário Zanetta e Lourenço Tori (Sem data)

Figura 3 – Lourenço Tori, com seus colegas em Montescheno



Fonte: Acervo do Instituto Mário Zanetta e Lourenço Tori (Sem data)

Figura 4 – Mário Zanetta, integrante do time de futebol do seminário



Fonte: Acervo do Instituto Mário Zanetta e Lourenço Tori (Sem data)

Figura 5 – Mário Zanetta, com seus colegas de seminário, nos Alpes



Fonte: Acervo do Instituto Mário Zanetta e Lourenço Tori (Sem data)

2.2 IN MEMORIA¹⁹

Giannino Piana²⁰

¹⁹ **EM MEMÓRIA**, traduzido por Alfredo Grosso.

²⁰ **Giannino Piana** nasceu em 1939. Ensinou Ética Cristã, na Universidade Livre de Urbino e Ética e Economia, na Universidade de Torino. Foi presidente da *Associazione Teologia Italiana per lo Studio della Morale*. Participou da redação das revistas *Hermeneutica*, *Credere Oggi*, *Rivista di teologia morale* e *Servitium*. Colaborou com a revista mensal *Jesus* e colabora com a quinzenal *Rocca*. Dirigiu a seção de Teologia Moral do *Dizionario Teologico Interdisciplinare*, Casale Monferrato: Marietti, 1977; o *Nuovo Dizionario di Teologia Morale*, Cinisello Balsamo: Edizioni S. Paolo, 1990; a seção moral do *Lexicon - Dizionario Teologico Enciclopedico*, Casale Monferrato: Piemme, 1993; com T. Goffi, *Corso di Morale* (em cinco volumes), Brescia: Queriniana, 1983-1986. Entre suas publicações mencionam-se, também: *Principi di morale religiosa*, Bologna: Dehoniane, 1972; *Cristiani per il terzo millennio*, Leumann: Elle Di Ci Editrice, 1979; com G. Alberigo e G. Ruggieri, *La Chiesa italiana nell'ottica della fede*, Casale Monferrato: Marietti, 1979; *Conversione, riconciliazione e perdono. Verso il Sinodo dei vescovi*, Roma: AVE, 1983; *Fede e cultura contemporanea*, Roma: AVE, 1988; *Giovani e valori: Quale progetto?*, em AA.VV., *Educare i giovani alla fede*, Milano: Ancora, 1990, pp. 143-164; com L. Borello e S. De Carli, *Il problema etico*, Torino: SEI, 1990; *Ecologia ed etica*, Urbino: Arti grafiche editoriali, 1992; com E. Berti, G. Cottier, G. Santinello, L. Sartori, G. Trentin, *Persona e personalismo. Aspetti filosofici e teologici*, Padova: Gregoriana Libreria Editrice, 1992; com N. Delai e A. Papuzzi, *Informazione/Comunicazione*, Assisi: Cittadella Editrice, 1997; *Attraverso la memoria. Le radici di un'etica civile*, Assisi: Cittadella Editrice, 1998; *Sapienza e vita quotidiana. Itinerario etico-spirituale*, Novara: Interlinea, 1999; *L'agire morale. Tra ricerca di senso e definizione normativa*, Assisi: Cittadella Editrice, 2001; *Economia ed etica nel contesto della globalizzazione*, Roma: Agrilavoro Edizioni, 2002; *Bioetica. Alla ricerca di nuovi modelli*, Milano: Garzanti, 2002; *Nel segno della giustizia. Questioni di etica politica*, Bologna: EDB, 2005; *Vangelo e società. I fondamenti dell'etica sociale cristiana*, Assisi: Cittadella Editrice, 2005; *Etica, scienza, società. I nodi critici emergenti*, Assisi: Cittadella Editrice, 2005; *Pregare e fare la giustizia*, Magnano (BI): Qiqajon, 2006.

Introduzione

La distanza del tempo, per quanto grande, non cancella (e non può cancellare) la memoria di una stagione – quella dell'immediato post-Concilio – ricca, a livello ecclesiale, di fermenti che hanno lasciato una traccia profonda nella vita di molte persone. La Chiesa usciva da una condizione di rigido inverno, ripiegata com'era su sé stessa come una cittadella assediata, e si apriva al tepore di una nuova primavera – così aveva definito la nuova stagione Giovanni XXIII nel discorso di apertura del Concilio – guardando con simpatia al mondo circostante con il quale inaugurava un rapporto di cordiale dialogo.²¹

Tempi Nuovi per i Cristiani

Il fervore di quella stagione andava facendosi strada nelle diocesi, dando vita con entusiasmo a numerose iniziative di rinnovamento, che investivano i vari campi dell'attività pastorale: dallo studio della Parola, che aveva riconquistato²²

²¹ A distância do tempo, mesmo grande, não cancela (e não pode cancelar) a memória de uma estação (a do imediato pós-Concílio) rica, em nível eclesial, de fermentos que deixaram marca profunda na vida de muitas pessoas. A Igreja saía de uma condição de rígido inverno, debruçada como estava sobre si mesma, como uma cidadela assediada. Abria-se ao suave calor de nova primavera. Assim, no discurso de abertura do Concílio, João XXIII definiu a nova estação. Olhou, com simpatia, o mundo circundante, como quem inaugurava uma relação de diálogo cordial.

²² O fervor daquela estação abria caminhos nas dioceses. Com entusiasmo, deu vida a numerosas iniciativas de renovação, que irrompiam nos diferentes campos da atividade pastoral: do estudo da Palavra, que havia reconquistado

la sua piena centralità, alla riforma della liturgia e della catechesi, dalla restituzione al laicato della propria responsabilità in seno alla comunità cristiana al franco e sereno confronto con le altre confessioni cristiane e con le grandi religioni, dall'impegno rinnovato dei laici nella società, nel pieno rispetto dell'autonomia delle istituzioni umane, alla promozione della solidarietà e della pace universali.

Tutto questo (e altro) segnava il cammino delle comunità cristiane. Ma forse l'aspetto più rilevante, un vero "segno dei tempi", era la riscoperta della missionarietà come dimensione costitutiva della Chiesa e come anima profonda di ogni credente. Una missionarietà che investiva l'intera attività pastorale fornendo ad essa un nuovo afflato, ma che trovava la sua espressione privilegiata in uno spirito rinnovato nei confronti dell'impegno verso le missioni, in particolare africane e latinoamericane. La riscoperta della bellezza del messaggio evangelico, della potenza innovatrice che da esso si sprigionava, rendeva urgente il bisogno di comunicarlo a chi non lo aveva ancora ricevuto, dilatando nel mondo l'area della evangelizzazione.²³

²³ sua plena centralidade, à reforma da liturgia e catequese; da restituição de sua responsabilidade ao laicato, no seio da comunidade cristã, ao franco e sereno confronto com as outras confissões cristãs e as grandes religiões; do empenho renovado dos leigos na sociedade, no pleno respeito à autonomia das entidades humanas, à promoção do apoio e da paz universais.

Tudo isso (e mais ainda) marcava o caminho das comunidades cristãs. Talvez o aspecto mais relevante, verdadeiro sinal dos tempos, foi a redescoberta da missionariedade, como dimensão constitutiva da Igreja e como alma profunda de todo cristão. Uma missionariedade que investia a inteira atividade pastoral. Fornecia-lhe nova inspiração. Encontrava sua expressão privilegiada, com espírito renovado em relação ao empenho às missões, especialmente da África e América Latina. A redescoberta da beleza da mensagem evangélica, do poder inovador que dela se desprendia, tornava urgente a necessidade de comunicá-la a quem ainda não a recebera. Dilatava, no mundo, a área da evangelização.

Anche in diocesi di Novara questi stimoli assumevano grande consistenza. In realtà la tensione missionaria preesisteva nei seminari alla celebrazione del Concilio: erano nati nel dopoguerra all'interno di essi i gruppi missionari, che si informavano attraverso le riviste missionarie della situazione delle Chiese del Terzo Mondo e istituivano contatti diretti con sacerdoti e laici impegnati in territori di missione. Ricordo personalmente di aver partecipato con don Franco Mortigliengo, attuale parroco di Meina, a un incontro nazionale missionario di seminaristi a Firenze – era credo il 1959 – nel corso del quale aveva preso la parola l'allora sindaco della città Giorgio La Pira, offrendo con tono profetico una riflessione sulla missione, intessuta di riferimenti biblici, lasciando in tutti noi una grande impressione.

*Il Concilio aveva senza dubbio accentuato, per le ragioni ricordate, questa tensione. Nasceva in questo contesto l'istituto dei sacerdoti *Fidei donum* e veniva creato a Verona un apposito seminario dedicato alla formazione di sacerdoti che intendevano svolgere il loro ministero in America Latina.²⁴*

²⁴ Também na diocese de Novara, estes estímulos assumiram grande consistência. Na realidade, nos seminários, a tensão missionária preexistia ao Concílio. Neles, os grupos missionários surgidos depois da guerra informavam-se, por revistas missionárias, sobre a situação das Igrejas do Terceiro Mundo e mantinham contatos diretos com sacerdotes e leigos engajados em territórios de missão. Lembro, pessoalmente de ter participado com don Franco Mortigliengo, atual pároco de Meina, de um encontro nacional missionário de seminaristas em Florença (penso que foi no ano de 1959) em que tomou a palavra o então prefeito da cidade, Giorgio La Pira. Em tom profético, ele nos presenteou com uma bela reflexão sobre a missão, entrelaçada com referências bíblicas. Deixou-nos, a todos, maravilhosa impressão.

O Concílio tinha sem dúvida acentuado, pelas razões lembradas, essa tensão. Nesse contexto, nasceu a instituição dos sacerdotes *Fidei donum*. Criou-se em Verona um seminario específico, dedicado à formação de sacerdotes que tinham a intenção de efetivar seu ministério na América Latina.

È questo il clima generale nel quale va inserita l'attività missionaria della diocesi novarese, e più specificamente l'impegno di don Mario Zanetta e di don Mario Tori, che furono tra i primi sacerdoti novaresi (anche se non unici) a dichiarare la loro disponibilità per la missione. (Fig. 1 a 5).

Avevo conosciuto ambedue in Seminario e apprezzato la loro limpida personalità, caratterizzata da una grande umanità e da una viva sensibilità evangelica. Due personalità diverse – più riservato don Tori e più esuberante don Zanetta – ma entrambe seriamente protese a fare della propria vocazione un impegno al servizio dell'uomo, nella convinzione che il messaggio cristiano ha una grande forza di umanizzazione integrale. Impegnati con intelligenza nello studio teologico e nella crescita spirituale, rivelavano fin da quegli anni la stoffa del Pastore di uomini e donne (non di anime, come un tempo si diceva con un'espressione che ha risonanze manichee); di quel Pastore che – come ci ha ricordato papa Francesco – “conosce l'odore delle sue pecore”.²⁵

²⁵ É este o clima generalizado em que deve ser inserida a atividade missionária da diocese de Novara, e mais especificamente o empenho dos padres Mário Zanetta e Mário Tori que estavam entre os primeiros (porém não os únicos) sacerdotes de Novara a declarar sua disponibilidade para a missão. (Fig. 1 a 5).

Eu tinha conhecido ambos no Seminário e apreciado sua límpida personalidade, caracterizada por grande humanidade e viva sensibilidade evangélica. Duas personalidades diferentes (mais reservado o Padre Tori e, mais exuberante, o Padre Zanetta), contudo, ambas seriamente inclinadas a fazer da própria vocação um empenho a serviço do homem, na convicção que a mensagem cristã tem grande força de humanização integral. Empenhados com inteligência, no estudo teológico e no crescimento espiritual, revelavam desde aqueles anos as características do Pastor de homens e mulheres (não de almas, como um tempo se dizia com uma expressão que tem ressonâncias maniqueístas); daquele Pastor que, como nos lembrou o Papa Francisco, “conhece o odor de suas ovelhas”.

Allontanatomi da Novara per completare gli studi teologici a Roma, dove ho vissuto tutte le sessioni del Concilio, li ho persi per alcuni anni di vista. Al mio ritorno come docente di teologia morale in Seminario ho ripreso con loro i contatti, più rarefatti con don Tori, più frequenti con don Zanetta, che era in quegli anni coadiutore della parrocchia di S. Martino in Novara. Con lui, che era allora attorniato da un nugolo di giovani vivaci, desiderosi di conoscere le proposte conciliari, ho instaurato in quegli anni un rapporto di amicizia e di collaborazione, essendo stato più volte da lui invitato a sviluppare in vari gruppi della parrocchia alcune riflessioni sui grandi temi del Concilio.

La presenza di don Mario rappresentava per la parrocchia di S. Martino, in un momento di grande e promettente rinnovamento, uno stimolo del tutto eccezionale. Le iniziative di studio e di impegno caritativo e sociale si moltiplicavano con un ritmo frenetico. Con la sua passione e la sua fantasia vulcanica, era riuscito a coinvolgere, accanto ai giovani, numerosi adulti, a creare un gruppo di animatori, che prestavano il loro servizio nei vari settori della vita parrocchiale,²⁶

²⁶ Após deixar a cidade de Novara, para completar os estudos de Teologia em Roma, onde acompanhei todas as sessões do Concílio, perdi-os de vista por alguns anos. Ao retornar ao Seminário, como docente de Teologia Moral, retomei os contatos com eles, raros com Padre Tori, mas frequentes com Padre Zanetta. Naqueles anos, ele era coadjutor na Paróquia de São Martinho, em Novara. Com ele, que naquele tempo buscava-se de grande grupo de jovens vivazes, desejosos de conhecer as propostas conciliares, criei um relacionamento de amizade e colaboração. Convidaram-me várias vezes a refletir sobre grandes temas do Concílio para grupos da paróquia.

Para a paróquia de São Martinho, no momento de grande e promissora renovação, a presença de Padre Mário representava estímulo totalmente excepcional. As iniciativas de estudo e compromisso caritativo e social multiplicavam-se freneticamente. Com sua paixão e fantasia vulcânica, conseguiu envolver, ao lado dos jovens, muitos adultos. Criou um grupo de animadores, que prestavam serviço nos diferentes setores da vida paroquial,

a gestire le attività ricreative e sportive dell'oratorio, spendendosi in un'attività intensissima, senza risparmio di energie. Chi come me si affacciava dall'esterno alla parrocchia rimaneva sorpreso, oltre che dall'alto livello di partecipazione, dall'entusiasmo che immediatamente traspariva sul volto dei partecipanti.

A caratterizzare l'azione pastorale di don Mario era, da una parte, l'impegno della formazione delle coscienze per far penetrare in profondità una visione liberante del cristianesimo e favorire la conoscenza degli insegnamenti del Concilio e, dall'altra, lo sforzo di far crescere nei laici una sensibilità partecipativa tale da farli sentire soggetti attivi della vita della Chiesa. Sul primo versante, accanto alla conoscenza dei più importanti documenti del Concilio, un ruolo determinante veniva esercitato da esperienze forti e continuative: dall'accostamento alla Parola (iniziava in quegli anni a farsi strada la lectio biblica) alla vita liturgico-sacramentale fino a momenti di preghiera comunitari. Sul secondo, si trattava di abdicare a tutte le forme di clericalismo, facendo spazio a tutti i livelli ai laici nella conduzione della vita della Chiesa.²⁷

²⁷ a gerir as atividades recreativas e desportivas do oratório. Desgastavam-se em atividade intensíssima, sem economizar energias. Quem, como eu, observava de fora a paróquia surpreendia-se porque, além do alto nível de participação, havia entusiasmo a transparecer no rosto dos participantes.

Marcava a ação pastoral de Padre Mário, de um lado, o empenho da formação das consciências para fazer penetrar, em agudeza, a visão libertadora do Cristianismo e favorecer a cognição dos preceitos do Concílio e, de outro, o esforço em fazer crescer nos leigos a sensibilidade participativa, em fazê-los sentirem-se sujeitos ativos da vida da Igreja. Pela primeira vertente, junto ao informe dos mais insignes escritos do Concílio, exercitava-se papel determinante em experiências fortes e continuativas: da aproximação com a Palavra (iniciava naqueles anos a abrir caminho à *lectio biblica*), à vida litúrgico-sacramental até a momentos comunitários de oração. Pela segunda, tratava-se de abdicar todas as formas de clericalismo. Dava-se espaço, em todos os níveis, aos leigos, na condução da vida da Igreja.

*In questo contesto maturava in don Mario la vocazione alla missione. Il vescovo di allora Mons. Cambiaghi, uomo di grande bontà e umiltà che aveva preso sul serio il Concilio e che manifestava grande apertura nei confronti delle iniziative che ne assecondavano gli orientamenti, avvertiva l'importanza dell'azione missionaria, soprattutto in America Latina. Don Tori e Don Zanetta furono tra i primi a dichiarare la loro disponibilità. La solidarietà tra le Chiese, che il Concilio aveva rimesso fortemente in evidenza fornendole importanti supporti teologici, doveva tradursi anche nell'offerta di clero laddove non esisteva una presenza di clero autoctono autosufficiente. Il Brasile era allora (e lo è tuttora), a tale riguardo, uno dei Paesi più in difficoltà e la diocesi di Novara, che aveva già altri sacerdoti dislocati in altri Paesi africani e latinoamericani, iniziava ad intraprendere un rapporto privilegiato di fraternità con la diocesi di Paulo Afonso situata nel Nordest brasiliano. Per don Tori e don Zanetta si inaugurava così una nuova attività, con un impegno a tutto campo in cui evangelizzazione e promozione umana risultavano inscindibili.*²⁸ (Fig. 6 a 8).

²⁸ Nesse contexto, amadurecia em Padre Mário a vocação à missão. O bispo de então, Mons. Cambiaghi, homem de grande bondade e humildade que tinha levado a sério o Concílio e que manifestava grande abertura em relação às iniciativas que seguiam suas orientações, percebia a importância da ação missionária, sobretudo na América Latina. Padre Tori e Padre Zanetta estavam entre os primeiros a declarar sua disponibilidade. A solidariedade entre as Igrejas, que o Concílio tinha recolocado fortemente em evidência fornecendo-lhe importantes suportes teológicos, devia também traduzir-se na oferta de clero pra onde não existia clero autóctone autossuficiente. O Brasil era, naquele período (e ainda é), a esse respeito, um dos Países com maiores dificuldades e a diocese de Novara, que já tinha outros sacerdotes deslocados em outros Países da África e da América Latina, começava a empreender uma relação privilegiada de fraternidade com a Diocese de Paulo Afonso, situada no Nordeste do Brasil. Para os padres Mário Lourenço Tori e Mário Zanetta iniciava-se, assim, uma nova atividade, com empenho abrangente, em que evangelização e promoção humana resultavam inseparáveis. (Fig. 6 a 8).

I miei rapporti con i due missionari, a partire da quel momento, divenivano ovviamente più rari. Don Mario Tori non credo di averlo più visto, anche perché morto prematuramente in un tragico incidente. Mentre ho rivisto alcune volte don Mario Zanetta, sia prima che dopo la nomina a vescovo della diocesi brasiliana di Paulo Afonso. Non posso dimenticare il forte coinvolgimento che manifestava nella realtà di quel Paese – sembrava diventato a tutti gli effetti un brasiliano, persino nel particolare accento che aveva acquisito il suo italiano – e non ricordare l’immensa mole di lavoro, di cui si percepiva si era gravato con l’entusiasmo di sempre (forse anche a causa di tale lavoro le condizioni di salute si sono fatte in breve precarie, portandolo ancora nel pieno degli anni alla morte).

L’impressione che si ricavava dal suo racconto era di una Chiesa viva, che non aveva rinunciato a sviluppare le grandi indicazioni conciliari, impegnata nel sociale senza tuttavia mai perdere di vista il primato dell’evangelizzazione, e perciò il forte annuncio della radicalità evangelica. (Fig. 9 a 14). Il che contrastava con²⁹

²⁹ Meus relacionamentos com os dois missionários, a partir daquele momento, obviamente, tornaram-se mais raros. Padre Mário Lourenço Tori, acredito nunca mais tê-lo visto, também porque faleceu prematuramente em trágico incidente. Vi, ainda, algumas vezes, o Padre Mário Zanetta, antes e depois de sua nomeação a bispo da Diocese de Paulo Afonso, no Brasil. Não posso esquecer a forte integração que manifestava com a realidade daquele País. Parecia ter-se tornado, para todos os efeitos, um brasileiro, até no sotaque que seu italiano tinha adquirido. Não posso deixar de lembrar que dava para percebê-la em sua imensa carga de trabalho. Com o entusiasmo de sempre, ele tinha se sobrecarregado. É muito provável que, também por causa dessa sobrecarga de atividades, suas condições de saúde, em pouco tempo, se fizeram precárias, levando-o à morte, ainda no auge da vida).

A impressão que a gente tinha, por sua narrativa, era de uma Igreja viva, que não renunciara a desenvolver as magníficas indicações conciliares. Empenhava-se no trabalho social sem, todavia, perder de vista o primado da evangelização e, por conseguinte, o forte anúncio da radicalidade evangélica. (Fig. 9 a 14). Isso contrastava com

quanto stava invece avvenendo da noi, e in generale in Occidente, dove la Chiesa manifestava una certa stanchezza e in alcuni casi persino una decisa forma di regressione.

La secolarizzazione galoppante e la incapacità della Chiesa italiana (e più in generale della stessa Chiesa di Roma) di accettarne serenamente la sfida, con una forma di discernimento non preconcepito, conduceva a posizioni involutive, con il proporsi di inevitabili conflittualità interne e con l'isolamento crescente da parte della cultura dominante.

A questa battuta d'arresto nei confronti del cammino conciliare con riflessi anche pesanti sulla vita interna della Chiesa – anche in America Latina tali riflessi si facevano sentire: basti pensare alla sostituzione in molti casi di vescovi conciliari con funzionari ligi agli ordini del Vaticano – e con il riattivarsi di forti tensioni nei confronti della società civile, si accompagnavano inoltre gli scandali provocati dal fenomeno della pedofilia e, soprattutto nell'ultima fase del pontificato di Giovanni Paolo II (forse grazie anche alla debolezza della sua salute fisica), emergevano anche all'interno del Vaticano fenomeni di corruzione ³⁰

³⁰ o que, estava aqui a acontecer conosco e, de modo geral, no Ocidente, onde a Igreja manifestava certo cansaço e, em alguns casos, até uma decisiva forma de regressão.

A secularização galopante e a incapacidade de a Igreja italiana (e a própria Igreja de Roma) aceitar serenamente seu desafio, com discernimento não preconceituoso, conduziam a posições involutivas. Promoviam-se inevitáveis conflitos internos e isolamento crescente por parte da cultura dominante.

A esse retrocesso em relação ao caminho conciliar, com reflexos também pesados sobre a vida interna da Igreja (identicamente na América Latina tais reflexos estavam sendo percebidos): basta pensar na substituição, em muitos casos, de bispos conciliares com funcionários cumpridores das ordens do Vaticano, e na reativação de fortes tensões em relação à sociedade civil. Juntavam-se, ainda, os escândalos provocados pelo fenômeno da pedofilia e, sobretudo, na última fase do pontificado de João Paulo II (talvez por causa da debilidade de sua saúde física), que emergiam também no interior do Vaticano. Havia fenômenos escandalosos de corrupção,

scandalosi, che finivano per compromettere gravemente l'immagine della Chiesa e che l'allora cardinale Ratzinger non aveva mancato di stigmatizzare con forza, parlando di presenza del "marcio" nella Chiesa.

In questo contesto di opacità e di turbamento generale – la fiducia nella Chiesa andava calando di giorno in giorno – una spirale di luce e di speranza si apriva inaspettatamente con l'elevazione al pontificato di papa Francesco, che fin dal primo momento – dalla sua prima apparizione per salutare la folla dal balcone della basilica di San Pietro – lasciava intravedere l'avviarsi di una svolta, che ci riportava agli anni del Concilio e del post-Concilio. Il nome prescelto, il modo dimesso di vestire, con il semplice abito bianco senza ulteriori orpelli, il saluto "buonasera" e il suo proporsi come il nuovo vescovo di Roma, nonché l'invito alla gente che affollava la piazza a fermarsi per un istante in silenzio per pregare per la sua persona erano altrettanti segnali che qualcosa stava radicalmente cambiando.

Attraverso a questi segnali il nuovo papa comunicava la volontà³¹

³¹ que comprometiam gravemente a imagem da Igreja e que o então cardeal Ratzinger não faltara de estigmatizar, com força, falando de presença do "podre" na Igreja.

Nesse contexto de opacidade e de turbamento geral, a confiança na Igreja estava diminuindo dia após dia. Uma espiral de luz e de esperança abria-se, inesperadamente, com a elevação do Papa Francisco ao pontificado. Desde seus primeiros momentos, sua primeira aparição para saudar o povo da varanda da basílica de São Pedro, deixava perceber o início da virada que nos levaria de volta aos anos do Concílio e do pós-Concílio. O nome escolhido, o modo modesto de vestir, com a simples veste branca sem ulteriores enfeites, a saudação "boa-noite" e sua apresentação como o novo bispo de Roma, assim como o convite à multidão que enchia a praça, a parar por um instante, em silêncio, a fim de rezar para sua pessoa, eram outros tantos sinais que alguma coisa estava radicalmente mudando.

Por esses sinais, o novo papa comunicava a vontade

di un cambiamento dottrinale – si pensi soltanto al significato ecclesiológico ed ecumenico della definizione “vescovo di Roma” – ma soprattutto di stile di conduzione della Chiesa nel segno di quella “povertà”, non solo economica ma anche (e soprattutto) di potere mondano, che era stato uno degli obiettivi del Concilio. Una “Chiesa povera” per diventare “Chiesa con e per i poveri” si riaffacciava alla ribalta. Un’aria nuova ispirata alla semplicità, alla trasparenza e in particolare alla testimonianza della radicalità evangelica rifaceva capolino. Sembrava di essere tornati agli anni di effervescenza del Concilio; non era difficile per molti intravedere un ideale continuità (anche di stile personale) tra papa Giovanni XXIII e papa Francesco.

Ci voleva un latinoamericano (peraltro di origini italiane e piemontesi) per risuscitare la speranza nella possibilità di un cammino che sembrava essersi interrotto e riproporre la presenza di una Chiesa viva in una società lacerata da pesanti conflittualità sociali e da grandi mali – come ci viene ricordato dall’odierna pandemia –, divenuta – come lo stesso papa Francesco ha suggerito – come un “ospedale da campo”, che³²

³² de uma mudança doutrinal (pensem somente ao significado eclesiológico e ecumênico da definição “bispo de Roma”). Propunha, sobretudo, o estilo de condução da Igreja no sinal daquela “pobreza”, não somente econômica, mas, também e principalmente, do poder mundano, que tinha sido um dos objetivos do Concílio. Uma “Igreja pobre”, para tornar-se “Igreja com e para os pobres” se rerepresentava à tona. Um ar novo, inspirado na simplicidade, na transparência e, em particular, no testemunho da radicalidade evangélica apresentava-se novamente. Parecia ter voltado aos anos de efervescência do Concílio. Não era difícil, para muitos, vislumbrar uma continuidade ideal (também no estilo pessoal) entre os papas João XXIII e Francisco.

Era necessário um latino americano (aliás, de origem italiana, do Piemonte de Novara) para ressuscitar a esperança no caminho que parecia ter-se interrompido e repropor a presença de uma Igreja viva, numa sociedade dilacerada por pesados conflitos sociais e grandes males (como a pandemia), transformada (como o Papa Francisco sugeriu) em “hospital de campo”, que

ha bisogno di chi sappia curare le ferite, con un atteggiamento di accoglienza e di misericordia. La missionarietà riceveva in tal modo un pieno rilancio: veniva proposta come l'attitudine di fondo del credente sollecitato a farsi carico degli ultimi tornando nelle "periferie".

Non è difficile immaginare quanto di tutto questo avrebbero gioito don Tori e don Zanetta. La scelta di un latinoamericano ai vertici della Chiesa – il primo della storia – e la svolta da lui impressa alla vita delle comunità cristiane avrebbe senza dubbio rispecchiato il loro modo di pensare e di vivere. Quell'entusiasmo che li aveva spinti a fare la scelta missionaria recuperava tutto il suo valore e il suo senso. Non si può non intravedere, pur nella grande diversità di situazioni, l'esistenza di un parallelo tra quegli anni e l'oggi. La lezione di sacerdoti come don Tori e don Zanetta recupera in questo contesto ecclesiale tutta la sua attualità. La freschezza di quella testimonianza, pagata a caro prezzo con la salute e la vita, ritrova la pienezza della sua verità evangelica. Una testimonianza di cui merita si faccia memoria anche a distanza di anni, perché di questo ha oggi bisogno la Chiesa, la quale – come ci ha ricordato negli anni ottanta Karl Rahner – "o sarà una Chiesa mistica o non sarà".³³

³³ precisa de quem saiba curar as feridas, com atitudes de acolhimento e misericórdia. A missionariedade recebia, desse modo, novo lançamento pleno. Propunha-se como atitude básica de quem crê, solicitado a tomar conta dos últimos, voltando às "periferias".

Não é difícil imaginar quanto os padres Tori e Zanetta alegrar-se-iam, por tudo isso. A escolha de um latino-americano aos vértices da Igreja (o primeiro da história) e a guinada por ele imprimida na vida das comunidades cristãs teria, sem dúvida, refletido em seu modo de pensar e de viver. Aquele entusiasmo que os incentivava a fazer a escolha missionária, recuperava todo seu valor e sentido. Não se pode ignorar, mesmo na grande diversidade de situações, a existência do paralelo entre aqueles anos e hoje. Neste contexto eclesial, a lição de sacerdotes como Tori e Zanetta recupera toda sua atualidade. O frescor daquele testemunho, pago com o alto preço da saúde e da vida, reencontra a plenitude de sua verdade evangélica. Um testemunho que merece memória, mesmo à distância de anos. Disto precisa hoje a Igreja que, na década de 1980, Rahner dizia: "ou será mística ou não será Igreja".

Figura 1 – Mário Zanetta, no Seminário São Luigi de Miasino (Itália)



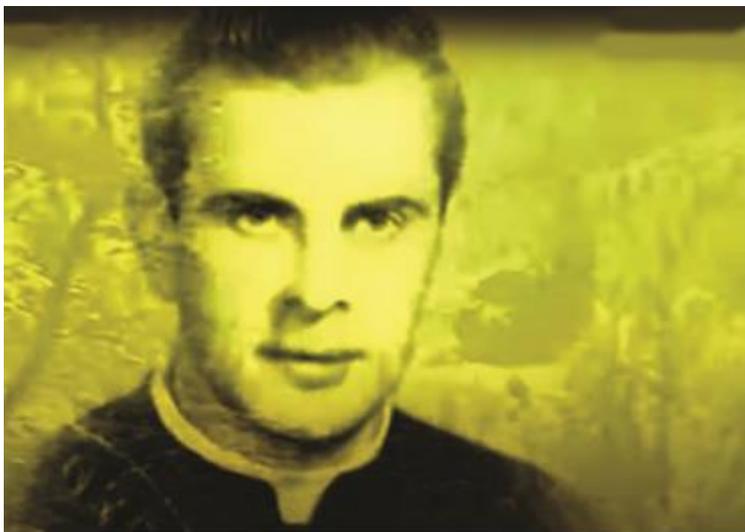
Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Figura 2 – Mário Zanetta, no Seminário de São Luigi de Miasino (Itália)



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Figura 3 – Em 1957, Mário Zanetta recebeu as ordens menores



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Figura 4 – Em 24 de junho de 1962, Mário Zanetta, ordenou-se



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Figura 5 – Lourenço Tori ordenara-se em 25 de junho de 1961



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Figura 6 – Em 25/03/1969 Zanetta e Tori receberam mandato



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Figura 7 – Em 10/04/1969 Zanetta e Tori chegaram ao Rio de Janeiro



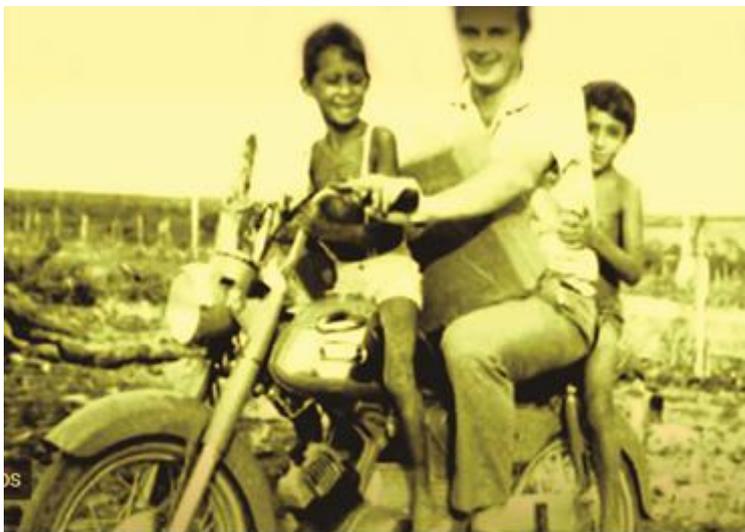
Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Figura 8 – Em 24/05/1969 Zanetta e Tori chegaram em Paulo Afonso



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Figura 9 – Primeiros dias de Mário Zanetta em Paulo Afonso



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Figura 10 – Mário Zanetta investia na formação de lideranças leigas



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Figura 11 – Zanetta investia na organização de grupos e comunidades



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Figura 12 – Mário Zanetta, em intenso trabalho pastoral



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Figura 13 – Mário Zanetta em intenso trabalho pastoral



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Figura 14 – No dia 15/06/1989, o Papa João Paulo II nomeou-o bispo



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

REFERÊNCIA

TV FONTE VIVA. **Vida de Dom Mário Zanetta**. Paulo Afonso: Fonte Viva - YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 24 jun 2023.

2.3 JUNTOS A TRILHAR OS CAMINHOS DA MISSÃO³⁴

Luciano Piumarta³⁵

Introdução

Podemos, fotograficamente, imaginar, à distância, as vidas entrelaçadas e rapidamente consumidas de Mário e Lourenço. Energias, habilidades, visão de futuro e ousadias pastorais eles trilharam juntos, para abrir caminho novo, de experiências missionárias, onde ninguém de nós nunca tinha chegado. É uma história curta, mas de alto perfil humano e eclesial. Deixaram rastros, benéficos e profusos, em todos aqueles que se vincularam e tocaram-se por sua imprevisível caminhada.

No começo, não podiam, de certo, contar com a natural afinidade de caráter, da índole rochosa, volitiva, resoluta e levemente impetuosa de Lourenço com a inclinação à mediação, ao diálogo, às nuances das expectantes suavizações de Mário. Eles tinham todos os componentes providenciais, para formar uma complementariedade de dupla compacta,

³⁴ Escrito por ocasião da celebração que se fez aos dez anos da morte de Dom Mário Zanetta, com o título **Cordata d'alta quota**.

³⁵ **Luciano Piumarta** nasceu em 1936, em San Rocco de Premia, na Itália. Ordenou-se sacerdote em 1962. Ensinou no Seminário de Arona. Em seguida, ele foi enviado como pároco para Bognanco, onde permaneceu até 1973. Foi enviado ao Brasil como missionário *Fidei Donum*. Exerceu ministério na Diocese de Petrolina e Paulo Afonso. Ao voltar à Itália, em 1992, foi nomeado pároco de Crodo e Cravegna. Depois, ele assumiu o papel de guia das comunidades de Mozzio e Viceno. Faleceu no dia 27 de junho de 2020, em Crodo, na Itália, com 83 aos de idade.

consolidada por lenta e pressentida partilha, já nos primeiros anos de vida sacerdotal.

As primeiras experiências pastorais em comunidades da diocese de Novara, não pouco distantes entre elas, fizeram germinar um acordo fundado sobre entusiasmos ainda refreados, projetos apenas comentados, contatos frequentes nas atividades dos grupos abertos à missão, uso focado e discreto, nos poucos momentos de lazer, para convencimentos recíprocos.

Nesse período, delinearam-se e aperfeiçoaram-se as raízes de seu fecundo relacionamento. A missão tinha iniciado bem antes de seu envio oficial. Essas raízes deram, mais tarde, frutos multiplicados, em justa estação, na sequência de passos seguros ao encontro dos irmãos de Paulo Afonso.

Gosto pelo confronto

Ambos nunca se davam por vencidos. Passavam noites em quebra de braço, para alcançar consentimentos que conquistavam sobre indiscutível admiração recíproca, amadurecida na alegria sempre nova, pela escolha realizada juntos. Com seu semiescondido veio de humor mediterrâneo eram mestres em evitar, entre confrades brasileiros, suspeitas e ciúmes, causados por seu exuberante, involuntário e instintivo protagonismo da identidade italiana de Novara.

Reconhecimento dos respectivos papéis

A estima criativa levou-os, bem cedo, à escolha dos espaços pastorais. Ainda no começo da idílica experiência, davam

passagem à plenitude do carisma de cada um, na promoção humana do povo mais carente. Fizeram história com as proezas de Lourenço, somadas à formação, à catequese, ao crescimento dos grupos, à chamada dos primeiros leigos e à dialética persuasiva de Mário. (Fig. 1).

Figura 1 – Mário e Lourenço



Fonte: Galdino (2023), adaptada e inserida pelo organizador

Aprofundamento

Eles reservavam horas, para reelaborar suas experiências. Não se contentavam com resultados empíricos imediatos, de gratificação fácil. Sobretudo pela sistemática insistência especulativa de Lourenço, confienciavam-se sobre doutrinas e práticas do autêntico Cristianismo dos primeiros seguidores de Jesus, presentes em embrião e/ou vivos no patrimônio imaterial das comunidades. Ambos concordavam que Deus precede, sempre, ao esforço humano. Convenceram-se de que o campo já estava amplamente semeado. Isto revolucionou e fortaleceu sua aproximação pastoral. Mais que semeadores, convenceram-se de que precisavam tornar-se pesquisadores e reveladores das mais escondidas sementes do Reino,

plantadas pelos missionários antecessores, no fértil solo das tradições indígenas locais. (Fig. 2). Isso acelerou o mergulho deles, em profundidade, na cultura e na religiosidade popular. A conversão de rota aproximou-os ainda mais. Pactuaram que, daquele momento em diante, nenhuma palavra deles, deveria ser importada, proposta e, muito menos, imposta.

Figura 2 – Buscavam as sementes do Reino, nas tradições indígenas



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Passo ajustado, prioritário no caminho das trilhas

Ambos tendencialmente levados, mesmo com ritmos diferentes, à rápida enculturação, a passos dobrados, pelo diálogo e pela escuta prudente e respeitosa, sem se anteciparem a ninguém, prontos à humilde troca, na veste de quem quer somente aprender, aproximaram-se do clero local.

Frente àquela pobre, inexperiente e debutante Igreja local, tornaram-se silenciosos, prudentes e conscientes acompanhantes. Assimilaram suas primeiras, incertas e, às vezes, ilusórias linhas pastorais. Frequentemente, Lourenço usava o acelerador. Deixava a Mário a tarefa de, atenta e firmemente, frear quando fosse necessário. Criou-se, assim, entre eles, um justo equilíbrio de marcha. Lembravam-se, com certeza, do mandato recebido da Instituição que, em Roma, preparara-os: **Fazer crescer, amadurecer, estimular ‘de dentro’, com adequada ‘cautela’, a Igreja irmã adotada.** Nisto tornaram-se exemplares sacerdotes *Fidei Donum*.

Cumplicidade

Daquela profunda raiz juvenil brotou insuspeitável gestão miúda, fluente, quase inadvertida, das escassas finanças domésticas, em estilo de vida sóbria, parcimoniosa e leve, que os tornava solícitos e próximos dos pobres que, a toda hora, a baterem palmas, marcavam presença em frente à casa deles. Naquele caixa comum, sempre no vermelho, apesar dos generosos e pontuais reabastecimentos de Novara, ambos raspavam o fundo do cofre, sem excessivos alarmes, como estratégia para alcançarem ulteriores metas de sua cumplicidade sadia, felizmente alcançadas.

A austeridade evangélica deles acertava o alvo. Chegava aos ouvidos e ao coração do povo, esse seu relacionamento, forte como a couraça dos vaqueiros do sertão. Transformou-se em convincente e assimilável anúncio evangélico. Alimentados por uma força interior a incitá-los, procuravam-se, integravam-se, substituíam-se e surpreendiam-se na revelação de afinamento espiritual crescente, bem superior à aproximação tática de solitários recém-chegados, em ambiente a descortinar.

Até o trágico e imprevisto desaparecimento de Lourenço não acabou com o admirável relacionamento deles. Transformou-se, antes, em infinita memória que os fiéis consideram pródigo poço artesiano a abastecer, ininterruptamente, a esperança da Igreja de Paulo Afonso. O povo nordestino sempre procurou em Mário a presença tranquilizadora de Lourenço. Ele, a seu jeito, várias vezes e publicamente, confirmou ter encontrado, na ausência da obstinação do montanhês Lourenço, a temeridade da continuidade solitária. Dizia considerar aquela condição de risco, como caminho por trilha perigosa. Quando recebeu o báculo episcopal de madeira esculpida, inspirou-se no **Espírito** de Lourenço, para levar a termo a inicial caminhada por trilha de montanha, empreendida havia trinta anos, ao lado do companheiro das remotas terras italianas, reconhecido nos bancos do Seminário. (Fig. 3). Ele o guiou, por intensivos e decisivos anos, na coordenação dos trabalhos da Diocese de Paulo Afonso.

Figura 3 – O bispado de Mário inspirava-se no **Espírito** de Lourenço



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Sobre convexo lajedo de gnaiss acinzentado, que parece levitar à entrada do cemitério de Paulo Afonso, ergueu-se majestoso cruzeiro. Ele evoca o madeiro plantado em Porto Seguro, ao desembarcarem os primeiros missionários nas terras brasis. Ali, aos pés dele, Mario e Lourenço marcaram o último, quase esperado e óbvio encontro. (Fig. 4). À sombra de antigas e frondosas plantas nativas, ainda hoje, velam-se seus corpos, em infinitas visitas de agradecimento, com veneração sublime e carinhosas orações.

Figura 4 – Ao pé do cruzeiro plantou-se o corpo de Mário Zanetta



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada e inserida pelo organizador

Peregrinos em romaria, com rostos sofridos e corações esperançosos, sabem onde e como encontrá-los, entre as muitas pedras que feriram os pés de seus memoráveis pastores. Defrontam-se com seus modestos túmulos, entre miríades de humildes cruces a marcarem os jazigos onde jazem corpos sem vida, outrora membros do povo a quem amaram e ensinaram as estradas do Êxodo infindo, em busca da Terra sem Males, do Reino de Deus. (Fig. 5).

Figura 5 – Túmulos onde jazem os corpos de Mário e Lourenço



Fonte: Lima (2018)

REFERÊNCIAS

GALDINO, Antônio. **Padre Lourenço Tori – 50 anos de saudades**. 2023. Disponível em: <https://www.folhasertaneja.com.br>. Acesso: 21 jun 2023.

LIMA, Ivone. **Em missa pelos 20 anos de morte de Dom Mário Zanetta, bispo Ricardo diz: “recebeu milhões e morreu pobre”**. Ozildo Alves, 2018. Disponível em: <https://www.pa4.com.br>. Acesso: 28 jun 2023.

TV FONTE VIVA. **Vida de Dom Mário Zanetta**. Paulo Afonso: YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 24 jun 2023.

2.4 EM DESACORDO COM A REPÚBLICA DAS OLIGARQUIAS

Celito Kesting³⁶

Introdução

Muita gente que desfrutou o conforto da companhia deles sabe que, devido a espinhas que, em Novara, alojaram-se junto à traqueia, na entrada de seus esôfagos, Mário e Lourenço tinham dificuldade crônica, para digerir os produtos ácidos da República do Brasil. Disso eu sei porque hospedava-me na casa dos missionários italianos, quando benfazejas circunstâncias me levavam a ausentar-me da cidade de Rodelas onde, como membro do Projeto Igrejas Irmãs, celebrado entre os regionais Sul IV e Nordeste III, nos anos de 1975 e 1976, eu missionava. Na casa deles, eu conciliava o sono, acalentava sonhos e garabulhava planos de juventude, em velho beliche que, entre muitos livros, cadeiras, armários e diversos pertences de uso pessoal em desalinho, a um canto do quarto de Mário, Magal havia posto. Antes de abandonarmo-nos aos cuidados do velho

³⁶ **Celito Kesting**, filho de Luiz Kesting e Tabita Böger Kesting, nasceu aos pés do Morro do Gato, distrito de Pindotiba, município de Orleans – SC, no dia 20 de abril de 1952. Fez o Curso Primário Elementar na Escola Estadual Morro do Cruzeiro, os cursos Ginásial e Colegial no Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Tubarão – SC. Licenciou-se em Filosofia, com habilitação em Psicologia e Sociologia na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Bacharelou-se em Engenharia Agrônômica na Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF). Fez-se mestre em História e doutor em Arqueologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É professor associado aposentado do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). O Conselho de Educação do Estado da Bahia atribuiu-lhe a honra de comendador e a Câmara Municipal de Sobradinho - BA concedeu-lhe o título de cidadão Tatauí.

Morfeu, à luz das catacumbas e do Concílio Vaticano II, avaliávamos nossa prática pastoral, em permanente desarmonia com as históricas mazelas da República positivista do Brasil. Mário e eu sabíamos que, desde o entardecer do Século XIX, até os dias atuais, ela se propusera e ainda se dispõe a respeitar a **Ciência** e menoscar o **Espírito**. Por isso, ela era espinha crônica no esôfago de Mário e Lourenço que, em 1969, dispostos a lutar pela construção do Reino que Jesus e os primeiros cristãos sonhavam, chegaram a Paulo Afonso.

O Positivismo de Augusto Comte

Mário, Lourenço e eu sabíamos que o Positivismo era uma corrente filosófica surgida na França do início do Século XIX, a partir do que, nos séculos XVII e XVIII, pensaram Montesquieu (1689-1755) e Jean Jacques Rousseau (1712-1778). Segundo seus adeptos, com destaque a Augusto Comte (1798-1857), a ciência facultaria a produção do único conhecimento verdadeiro, academicamente consistente, em detrimento dos saberes dogmáticos, gerados pela religião tradicional, e/ou metafísicos, edificados sobre meros pressupostos filosóficos.

Enquanto doutrina filosófica, sociológica e política, o positivismo tem a Matemática, a Física, a Astronomia, a Química, a Biologia e também a Sociologia como modelos científicos. Isso porque estas se destacam segundo seus valores cumulativos e transculturais.

Por outro lado, podemos dizer que o positivismo é a “**romantização da ciência**” (grifo nosso). Ele deposita sua fé na onipotência da razão, apesar de estabelecer os valores humanos como diametralmente opostos aos da Teologia e da Metafísica.

É também uma classificação totalmente cientificista do conhecimento e da ética humana, onde se desconfia da introspecção como meio de se atingir o conhecimento.

Assim, não há objetividade na informação obtida, tal como nos fenômenos não observáveis. Estes seriam inacessíveis à ciência, uma vez que ela somente se fundamenta em teorias comprovadas por métodos científicos válidos.

Desse modo, a experiência sensível seria a única a produzir dados concretos (positivos), a partir do mundo físico ou material. (BEZERRA, 2023).

A Religião Positivista

Para nortear a humanidade nas ações positivistas, Augusto Comte propunha o **amor** como princípio, a **ordem** como base e o **progresso** como fim. Desse modo, pelo caminhar sob o brilho da utopia do **altruísmo**, os humanos poderiam viver de bem com os ideais do Iluminismo, Cristianismo, Comunismo ou de qualquer outra manifestação espiritual que objetivasse a conquista de melhores condições de vida ao povo. Assim, o Estado deveria manter-se laico no gerenciamento respeitoso das diferentes expressões do **Espírito** altruísta.

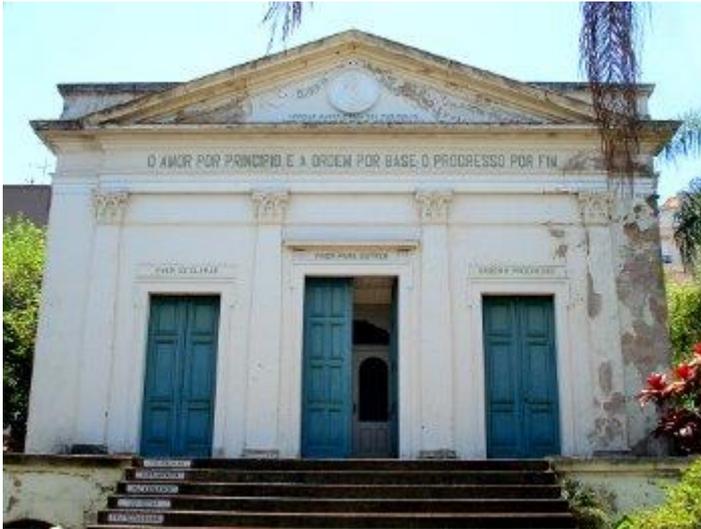
Comte afirmou a necessidade de uma nova espécie de religião, baseada não em algo acima da natureza, mas na própria natureza e na capacidade humana de desvendar os mistérios dessa natureza por meio da ciência. Grosso modo, podemos dizer que, na religião positiva, a figura de Deus [sobrenatural] é substituída pela ciência [a permitir a prática do altruísmo como valor universal]. (PORFÍRIO, 2023).

O Positivismo no Brasil

No Brasil, o positivismo encontrou campo fértil entre os intelectuais republicanos que faziam oposição ao governo de Dom Pedro II. (Fig. 1). Com os problemas sociais não resolvidos

durante o primeiro e segundo império, a ala popular conservadora encontrou fértil o campo político, para elaborar um discurso progressista, que justificasse a mudança do regime monarquista. Celeremente apropriou-se da referência teórica de Augusto Comte e propôs, aos intelectuais e à classe média, que o Brasil precisava, de fato, modernizar-se. Dizia que, para tanto, necessário se fazia estabelecer-se uma nova ordem social, em busca do progresso de que efetivamente participariam as classes aliadas pelos colonizadores portugueses e pelos imperadores. Arrazoava que a estagnação, o conservadorismo e o atraso da nação brasileira deviam-se tão somente à Monarquia. Pregava que urgia implantar-se o regime republicano presidencialista.

Figura 1 – Capela positivista edificada em Porto Alegre



Fonte: Bezerra (2023)

Descobriu-se logo nos primeiros dias que se seguiram à implantação do novo regime que se tratava muito mais de um momento de queda da Monarquia do que de conquista da ordem política, social e econômica que se divulgava. A

proclamação da República presidencialista foi consequência de um governo que não mais possuía a base de sustentação política. Dom Pedro II não contava com o apoio massivo da população. (SOUSA, 2020 *apud* KESTERING, 2020a, p. 184).

Com o fito de exemplificar, destacam-se os mais ilustres defensores e efetivos representantes da República das oligarquias, destituídos de qualquer sentimento altruísta que possibilitasse vinculá-la ao **Espírito** da partilha cristã: Marechal Deodoro da Fonseca (1827-1892), Floriano Peixoto (1839-1895), Prudente de Morais (1841-1902), Getúlio Vargas (1882-1954) e Emílio Garrastazu Médici (1905-1985).

Marechal Deodoro da Fonseca, um republicano de araque

Mário e Lourenço sabiam que a República proclamada em 15 de novembro de 1889, sob comando do Marechal Deodoro da Fonseca, da mesma forma que o famigerado grito da Independência, não contara com a participação popular e nem contemplara os anseios libertários dos negros, índios, mestiços e brancos brasis empobrecidos.

A República Presidencialista do Brasil implantou-se sobre os estribos da Filosofia positivista, com paradoxal menosprezo à espiritualidade comtiana, como se o progresso dos brasileiros prescindisse do reconhecimento dos indivíduos como identidades cidadãs, em sintonia com um modelo de sociedade altruísta. O menoscabo à filantropia e à democracia evidenciou-se sobretudo na confecção da bandeira republicana. Nela omitiu-se a dimensão espiritual (**amor, altruísmo ou partilha cristã**), recomendada como princípio à manutenção da ordem e consecução do progresso. (Fig. 2).

Assim, ela iniciou-se tímida aos olhos da população que não conseguiu alcançar a compreensão do que ocorria naquele

instante. “A República no Brasil nasceu sem o apoio popular, reforçando o distanciamento entre a cultura urbana e a sociedade rural”. (FONTENELLE, 2005 *apud* KESTERING, 2020a, p. 184-185).

Figura 2 - Ordem e progresso, sem amor, altruísmo ou partilha cristã



Fonte: Porfírio (2023)

Os missionários Zanetta e Tori tinham conhecimento de que o ritual da parada militar a legitimar a República Velha havia imposto ao povo brasileiro a cópia do modelo republicano presidencialista dos Estados Unidos. Ela caracterizou-se como um golpe em defesa dos interesses de uma minoria escravagista, constituída de latifundiários, mormente os cafeicultores indignados com a monarquia que, pela lei áurea, havia concedido liberdade aos escravos. Apoiaram-na os militares revoltados, membros influentes em defesa das tradições religiosas estoico-judaicas da Cristandade de Constantino e a maçonaria. Corroborou-a, outrossim, absoluta minoria composta por bacharéis, jornalistas, advogados, médicos, engenheiros, estudantes de escolas superiores e cafeicultores paulistas. Com ela, dizia-se, removeu-se um monarca e implantou-se o caos.

A organização brasileira republicana não mudou as formas de controle social, nem mesmo a estrutura econômica piramidal vigente desde os tempos do Brasil Colônia. Em sua base, continuaram-se agrupados os extratos mais pobres da sociedade, constituídos principalmente pelas famílias dos índios, negros e mestiços, outrora escravos. Nas camadas mais altas, mantiveram-se as oligarquias que assumiram o poder da máquina pública, para gerenciar os projetos de seus interesses. Não houve revolução e nem mudanças. O que houve foi o ingresso dos homens enriquecidos, principalmente pela agricultura cafeeira paulista, na política, em lugar do poder que antes se concentrava na figura do imperador.

Eles tinham ciência de que, no reinado de Dom Pedro II e início da República, havia vários fazendeiros nas terras atualmente vinculadas à Diocese de Paulo Afonso. Entre eles, destacava-se Cicero Dantas Martins, o Barão de Jeremoabo, a residir em uma de suas propriedades que se conhecia como Caritá.

Esse latifundiário, defensor dos ideais republicano-presidencialistas nasceu no dia 28 de junho de 1838. Tinha sessenta e uma fazendas que abrangiam áreas contíguas de Jeremoabo ao Recôncavo da Bahia. Mantinha-as e cultivava-as com trabalhadores de ancestralidade indígena e africana, em regime de escravidão até 1888 e, em extrema exploração capitalista, após a abolição da escravatura. Como os demais grandes patrões da época, ele opunha-se ferrenhamente a Antônio Conselheiro porque a mão de obra escrava abandonava suas terras para buscar espaço em Belo Monte, na antiga Fazenda Canudos. (KESTERING, 2020a, p. 238).

Floriano Peixoto, um condutopata sanguinário

Irritava o esôfago de Mário e Lourenço, a memória dos atos sanguinários do segundo presidente da República brasileira, o

famígero encarniçado Floriano Peixoto. Pela renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca, em claro e novo golpe de estado, por desrespeito ao artigo 42 da Constituição que, havia menos de um ano se promulgara, em 1891, esse déspota assumiu o poder executivo do Brasil. Contra o estratagemas golpista dos poderosos, havia muitos civis e militares a defenderem a implantação da República Parlamentarista e Federativa. Por isso, protestaram com veemência.

A sangue frio e com requintes de extrema crueldade, por ordem de Floriano Peixoto e ação de Antônio Moreira César, sacrificaram-se, sumariamente, por isso, o Marechal Gama d'Eça, conhecido como Barão de Batovi, seu filho Alfredo, bem como o Capitão de Mar e Guerra Frederico Guilherme de Lorena. Sem qualquer direito a defesa, mataram-se, também, 182 catarinenses que, dias antes, se havia preso. (Fig. 3).

Figura 3 – Muitos presos foram sumariamente degolados



Fonte: Polícia Militar do Paraná (2020 *apud* Kesting, 2020a, p. 206)

A culpa desse massacre não pode recair única e exclusivamente sobre Moreira César e seus principais auxiliares diretos, nem mesmo apenas sobre Floriano, mandatário maior do país. Ela deve ser compartilhada também com a classe política local e **as demais instituições organizadas da época**. Quando não compactuaram

diretamente com os atos sanguinários de Moreira César, foram, na melhor hipótese, inertes e omissas a seus desmandos arbitrários. (TONERA, 2004, *apud* KESTERING, 2020a, p. 203).

Prudente de Morais, um sudestino genocida

Com visível tristeza nos olhos, Mário comentava que, em 15 de novembro de 1894, elegeu-se Prudente de Morais à presidência da República. Diferentemente dos antecessores marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, ele era civil.

Em 1896, quando ele governava o país, liderado por Antônio Conselheiro, insurgiu-se o arraial de Canudos contra os desmandos dos coronéis da República das oligarquias, a abusiva cobrança de impostos e as precárias condições de vida a que eram submetidos os sertanejos do Semiárido nordestino. Basicamente, estava-se a evidenciar a insubordinação da espiritualidade nativa, essencialmente coletiva e cristã³⁷, contra o presidencialismo destituído do altruísmo que Augusto Comte preceituara ao regime republicano positivista.

Depois de longa peregrinação pelos sertões do Nordeste, à semelhança do que faziam **os índios da santidade**, Antônio Conselheiro decidiu estabelecer-se no Arraial de Canudos. Resolveu construir lá um templo religioso onde pudesse professar sua crença e pregar livremente, longe das perseguições da Igreja Católica tridentina e do governo republicano presidencialista que o viam como uma ameaça à ordem vigente. Seus ensinamentos não se afinavam com a ortodoxia estoico-judaica das tradições do Velho Mundo e suas orientações políticas desarmonizavam com os ideais da

³⁷ Antônio Conselheiro fundamentava o uso comunitário da caatinga, na ideia da solidariedade das primeiras comunidades cristãs e nas tradições das populações nativas. (KESTERING, 2020a, p. 253).

República Velha, militar e golpista. Sua ação missionária assemelhava-se à dos pajé-açu, líderes nativos itinerantes que, desde épocas remotas visitavam as aldeias, exortando os remanescentes indígenas a lutarem pela conquista da terra sem mal, a terra prometida, a Canaã Tapuia. (KESTERING, 2020a, p. 251-252).

De um lado, os políticos e senhores das terras, com o uso dos meios de comunicação da época, diziam que Antônio Conselheiro era monarquista e almejava derrubar o governo republicano emergente. Por outro, a Igreja da Cristandade atacava-o, com base no argumento de que seus seguidores eram **fanáticos, hereges e depravados**.

Por considerar o Conselheiro como líder de um perigoso movimento revolucionário, no dia 7 de novembro de 1896, Prudente de Morais promoveu um conjunto orquestrado de quatro expedições das quais participaram mais de 12 mil soldados arregimentados em 17 estados brasileiros. Na terceira delas enviou Moreira César, pau mandado da República golpista.

Na época, Moreira Cezar era a segunda pessoa mais importante da República. Em 1893, em Santa Catarina, sob as ordens de Floriano Peixoto, na Fortaleza de Santa Cruz, Ilha de Anhatomirim, com seu velho hábito de assassinar pessoas por fuzilamento sumário e degola, ele tinha liquidado com a Revolução Federalista. Foi lá que ele adquiriu a fama e o apelido de corta-cabeças. Prudente de Morais mandou então, o famigerado testa-de-ferro de Floriano Peixoto e consagrado herói catarinense, ao sertão dos nativos de Rodelas e remanescentes Massacará, porque haviam fracassado as expedições anteriores. (KESTERING, 2020a, p. 267).

Em abril de 1897, o presidente republicano Prudente de Morais mandou ao sertão da Bahia, em território atual da Diocese de Paulo Afonso, o Marechal Carlos Machado de Bittencourt, então ministro da guerra, para comandar a quarta expedição. Entre junho e setembro cercou-se e bombardeou-

se o arraial com diversos combates em que se feriram e morreram mais de mil soldados. No dia 22 de setembro daquele ano, começou-se o ataque final. Treze dias depois, em 5 de outubro, incendiou-se o vilarejo e, mediante promessa de anistia rendeu-se a maioria de seus habitantes, homens, mulheres e crianças que, horas depois, a tropa republicana, covarde e traiçoeiramente, degolou, em torpeza conhecida como “gravata vermelha”. Trataram-se como despojo de guerra as mulheres e crianças sobreviventes. (Fig. 4).

Figura 4 – Mulheres e crianças rendidas em Canudos



Fonte: Barros (1897 *apud* Velasco, 2014)

Entre 15 e 25 mil sertanejos e cerca de cinco mil militares morreram em Canudos, hoje pertencente à Diocese de Paulo Afonso, além das baixas que ocorreram nos vários combates. As denúncias da violência cometida geraram diversos manifestos de revolta, em nível internacional. O Presidente Prudente de Moraes, porém, elogiava a campanha do Exército.

Getúlio Vargas, um sulino nazifascista

Em 1934, o presidente do Brasil Republicano era o sulista Getúlio Vargas. Em Juazeiro do Norte, com noventa anos de

idade morria o nordestino Padre Cícero Romão Batista. No povoado de Pau de Colher, distante apenas 380 km a oeste de Paulo Afonso, entrelaçadas com a conjuntura política nacional adversa e o sentimento religioso messiânico cearense favorável, integravam-se, paulatina, gradativa e sucessivamente, cerca de quatro mil pessoas do Sudeste do Piauí, Oeste de Pernambuco e Norte da Bahia.

Liderada por José Senhorinho, Ângelo Cabaça, João Damásio e José Camilo, a comunidade messiânica de Casa Nova preparava-se para acompanhar o beato José Lourenço, que estava a coordenar um projeto comunitário em busca de um mundo de convivência cristã, no Sítio Caldeirão, em solo Cariri, no Ceará³⁸. Falava-se que ele queria implantar nele a Terra sem Males, nos moldes do que Antônio Conselheiro e grupos indígenas de tronco Tupinambá, a ele associados, no Século XIX, haviam sonhado para as nascentes do Rio Vaza Barris.

No dia oito de janeiro de 1938, mandaram-se três soldados da Polícia Militar e 30 civis do exército de voluntários a serviço dos coronéis da região, para dismantelar o reduto messiânico de Pau de Colher. A volante da cidade dos Viana conseguiu entrar no arraial, matar José Senhorinho, João Damásio e Ângelo Cabaça. Entretanto, no momento em que encurralava e tentava prender outros de seus líderes, viu-se cercada por mais de três mil devotos. O magote dos detentos de Casa Nova, servis aos coronéis da família Viana, fugiu. Deixou, compulsoriamente, muitas armas de fogo e farta munição, no local dos covardes homicídios.

Em seguida, mandou-se um grupo de 50 policiais militares do Piauí, que da mesma forma, não logrou êxito na missão de

³⁸ Em 1936, por ordem de Getúlio Vargas, o Sítio Caldeirão, no sopé da Chapada do Araripe onde havia uma irmandade religiosa coordenada pelo Beato Zé Lourenço foi violentamente destruída pela polícia cearense. (MALVEZZI, 2007, p. 26 *apud* KESTERING, 2023, p. 113).

conter, pela força, o grupo messiânico de Casa Nova. Foi assim e em razão disso que os militares do Piauí, com meganhas e mandantes da Bahia pediram ajuda ao estado de Pernambuco.

No dia 19 janeiro de 1938, com uma tropa de 97 soldados munidos de sofisticada metralhadora, sob o comando do Tenente Optato Gueiros, delegado da polícia de Petrolina e renomado caçador de cangaceiros, iniciou-se a matança dos sertanejos desejosos de implantar o projeto comunitário de vida melhor a suas famílias.

Diz-se que, quando policiais da Bahia chegaram à Fazenda Pau de Colher, o conflito havia já terminado, com saldo de mais de 300 mortos. Tudo estava controlado por Getúlio Vargas e pela aristocracia local. Sepultaram-se os corpos em uma vala comum e levaram-se 50 crianças órfãs a Salvador, onde foram entregues à adoção. (Fig. 5). Algumas internaram-se em colégios e conventos. Outras integraram-se à Marinha e ao Exército. Um tanto de sobreviventes teve que viver na clandestinidade e perseguiram-se outros (parentes, amigos e conhecidos) que contestavam a versão oficial do governo.

Figura 5 – As crianças órfãs, levadas a Salvador, para adoção



Fonte: Almeida (2011 *apud* Kesting, Bezerra; Negreiros, 2023, p. 122)

Naquela oportunidade, por ordem do caudilho presidente, destruíam-se armas, prendiam-se cangaceiros e jagunços e exterminavam-se messiânicos. Conseguia-se, assim, apaziguar os ânimos no sertão semiárido do Norte da Bahia, Sudeste do Piauí e Oeste do Pernambuco. Esclarece-se que o então presidente seguia os modelos políticos de Mussolini e Hitler. Ele não manifestava interesse em resolver os problemas sociais. Resolvia o infortúnio da pobreza, com a higienização, o extermínio, o assassinato massivo dos pobres em desarmonia com a estrutura social do coronelismo vigente. (DAMASCENO, 2015 *in* RECKZIEGEL, 2015 *apud* KESTERING; BEZERRA; NEGREIROS, 2023, p. 83-84).

Não satisfeito com sua ação genocida na Guerra de Pau de Colher, em Casa Nova, no Vale do Rio São Francisco, o caudilho nazifascista, repetiu, com precisão milimétrica, a implantação de campos de concentração no Nordeste do Brasil, semelhantes aos que seus despóticos aliados políticos promoviam na Europa. Durante a grande seca de 1932, com o propósito de conter os retirantes que tentavam migrar em busca de melhores condições de vida, para lugares onde houvesse terra e águas disponíveis ao sustento de suas famílias, ordenou que se construíssem sete campos de concentração.

[Para compreender os retirantes], precisa-se fazer uma visita histórica à transferência da capital federal de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763. A partir daí é que começou a haver essas questões de seca que, na verdade, não se resumia à ausência de chuva, mas à presença do **mandachuva** (grifo nosso), o coronel rural, que fazia acentuar os problemas sociais. Junto com isso, foram-se criando quatro estilos obrigatórios para o nordestino: o primeiro era ser um retirante; o segundo era se resignar ao coronel e servir-lhe como jagunço; o terceiro era ser um cangaceiro e o quarto era seguir um beato e buscar a bem-aventurança, ir em busca do sagrado, já que lhe faltava tudo aqui na terra. (DAMASCENO, 2015 *in* RECKZIEGEL, 2015 *apud* KESTERING, 2023, p. 81).

São notórios os campos de concentração, na época conhecidos como currais do governo, implantados ao lado de linhas férreas dos municípios cearenses de Fortaleza, Crato, Ipu, Quixeramobim, Cariús e Senador Poupeu. (Fig. 6 a 9). Neles, mantinham-se os flagelados em locais insalubres. Alimentavam-se os pobres desvalidos com escassas rações enviadas pelo governo, plantas silvestres e até carne de pequenos animais que, nas proximidades, morriam de fome e sede. Sucumbiram muitos sertanejos, degredados filhos abortivos da República presidencialista.³⁹

Figura 6 – Ruínas da administração do campo de Senador Pompeu



Fonte: Kardozo (2019 *in* Rossi, 2019)

Em 20 de junho de 1932, o jornal cearense **O Povo** destacava com informações oficiais o “Efetivo dos Campos de Concentração dos Flagelados”: em Ipu, o número de pessoas concentradas na data da publicação era de 6.507. Em Fortaleza, nos campos do Alagadiço e do Urubu, havia 1.800 pessoas. No município de Quixeramobim, 4.542. Em Senador

³⁹ “O meu pai dizia que ali era uma prisão. Era ele quem cavava as covas para enterrar os defuntos que morriam no campo. Ele dizia que eram dois, três, por noite. Falava dos cachorros brigando, querendo comer os cadáveres. As crianças que morriam, eram carregadas numas telhas. Papai contava que era um horror”. (MORAES, 2022 *apud* AMORIM, 2022).

Pompeu, no campo do Patu, 16.221 (na época, o número de concentrados chegou a ultrapassar o número de habitantes da cidade). No campo de Buriti, no Crato, havia 16.200 pessoas. Cariús, com o maior número, concentrava 28.648. Em todo o estado, o total de pessoas mantidas nos campos de concentração naquele ano era de 73.918. (AMORIM, 2022).

Figura 7 – Ruínas do Campo de Patu, município de Senador Pompeu



Fonte: Alves (2022 apud Tosi, 2022)

Figura 8 – Prisioneiros do Campo de Concentração de Ipu – CE



Fonte: Mello (1932 apud Paiva, 2020)

Figura 9 – Ruínas do centro de concentração de Senador Pompeu



Fonte: Lima (2021 *apud* Rodrigues, 2021)

Emílio Garrastazu Médici, um general de linha duríssima

Pela história recente da República presidencialista, Mário e Lourenço sabiam que, em 31 de março de 1964, ocorrera o mais famigerado dos golpes contra a democracia do Brasil e os nordestinos já empobrecidos pela República presidencialista das oligarquias. Dentre os vários governantes do regime militar a sucederem-se, Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) destacou-se pela repressão e tortura que promovia aos que a ele se opunham, no interior de delegacias e presídios.⁴⁰

A repressão aos órgãos de imprensa foi intensa, impossibilitando a denúncia das arbitrariedades que se espalhavam pelo país. Ao mesmo tempo, no governo de Médici, observamos o uso massivo dos meios de comunicação para instituir uma visão positiva sobre o Governo Militar. A

⁴⁰ Quando Mário e Lourenço chegaram ao Brasil, em abril de 1969, era ainda presidente o General Costa e Silva. Em 30 de outubro daquele mesmo ano, Emílio Garrastazu Médici assumiu a presidência da República.

campanha publicitária oficial espalhava adesivos e cartazes, defendendo o ufanismo nacionalista. Palavras de ordem e cooperação como “Brasil, Ame ou deixe-o” integravam o discurso político da época. (SOUSA, 2023).

Graças à realização de grandes obras, financiadas por vultosos empréstimos gerenciados por Delfim Neto, seu governo teve aparente sucesso que se propagandeava como milagre econômico. Caracterizava-se pela realização de grandes obras de iniciativa pública. Destacavam-se a Transamazônica e a Ponte Rio-Niterói. Tinha-se a impressão de que o progresso estava a fixar residência definitiva nos rincões brasis.

Entretanto, “o milagre” esvaiu com a mesma velocidade que empolgou. No ano de 1973, uma crise internacional do petróleo escancarou as fraquezas de nossa economia, dando fim a toda empolgação. Na época, o Brasil importava mais da metade dos combustíveis que produzia e, por isso, não resistiu ao impacto causado pela alta nos preços do petróleo. Em pouco tempo, a dívida externa e a onda inflacionária acabaram com os sucessos do regime. (SOUSA, 2023).

Isso fez com que se buscassem alternativas para geração de energia renovável. A partir daí o imperativo da modernização capitalista chegou muito forte no Vale do Rio São Francisco. Inaugurou-se no sertão nordestino o processo de tratamento da água e outros componentes do patrimônio natural como mercadorias.

Um desses projetos previa grandes barragens e usinas hidrelétricas a fazerem parte da matriz do modelo energético brasileiro, para atender aos interesses, principalmente das eletrointensivas internacionais e transnacionais. Essas empresas passavam a prescrever novas formas de uso e significação do território nacional e dos recursos naturais. Os rios passaram a ser vistos como energia potencial, capaz de alavancar projetos desenvolvimentistas conservadores, quando o mundo ainda estava sob os efeitos da guerra fria.

Socialistas e capitalistas disputavam terras e fronteiras em busca de consolidarem seu poder sobre as nações e ampliarem dos horizontes de seus projetos de sociedade.

Eles, os burocratas do sistema, chegaram com interesses multinacionais postos em alinhamento com os discursos desenvolvimentistas do Planalto Central, para implantarem o progresso exclusivista nas terras onde, durante milênios, viveram felizes populações autóctones de etnias tapuias. Quando chegaram, convencidos de que as conveniências da pátria das oligarquias sobrepunham-se às necessidades básicas da população local, em nome de preceitos mais que excludentes, impuseram às famílias ribeirinhas o traumático sacrifício da relocação. (KESTERING, 2019a, p. 59).

Dos húmicos lameiros, como plantas impeditivas aos projetos governamentais dos militares, arrancava-se a população que, com sobejos haveres patrimoniais e saberes culturais, harmonicamente convivia com seu natural pé de meia. Na região de Sobradinho, relocaram-se 72 mil pessoas dos municípios de Juazeiro, Sento Sé, Pilão Arcado, Remanso e Casa Nova; em Itaparica, mais de 40 mil pessoas dos municípios de Petrolândia, Itacuruba, Belém do São Francisco, Abaré, Chorrochó, Rodelas e Santo Antônio da Glória; em Moxotó, muitas famílias da cidade de Glória. (Fig. 10 e 11).

Por oportuno, lembra-se que Mário e Lourenço identificavam-se com o modelo de sociedade resgatado por João XXIII e pelo Concílio Vaticano II, a recomendarem engajamento político identitário aos cristãos. Sabiam seu lugar na missão. Solidarizavam-se, sempre, com os mais pobres (*evangelizare pauperibus misit me*), filhos abortivos da República presidencialista, das oligarquias do Brasil. (Fig. 12).

Pelos frutos conhece-se a essência (identidade ou espírito) da árvore que os produz. De um lado sempre esteve a República presidencialista das oligarquias, a infernizar a vida dos nordestinos. Do outro, postavam-se Alcides Modesto, Mário e

Lourenço, com as comunidades ribeirinhas, a amargarem a acidez causada pelas guerras, campos de concentração e outras muitas obras colonialistas edificadas e/ou implantadas na Diocese de Paulo Afonso, no Vale do Rio São Francisco e no Nordeste do Brasil. Eles sonhavam com um Brasil cuja bandeira ostentasse o **amor** como princípio, a **ordem** como base e o **progresso** como fim.

Figura 10 – Barragem de Sobradinho



Fonte: Gunten (1980, *apud* Kesting, 2019a, p. 60)

Figura 11 - Trabalhadores rurais, contra a fria opressão republicana



Fonte: Silva, 2018, p. 214 *apud* Kesting, 2021a, p. 183)

Figura 12 – Alcides, Mário e Lourenço, sempre com os empobrecidos



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (em data incógnita)

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcela. **Seis cidades e 74 mil retirantes: o que foram os campos de concentração no Ceará**. Disponível em: <https://www.opovo.com.br>. Acesso: 16 ago 2023.

AMORIM, Géssica. **Apagados da história oficial, campos de concentração da seca de 1932 estão marcados na memória popular**. Disponível em: <https://marcozero.org>. Acesso: 16 ago 2023.

BEZERRA, Juliana. **Positivismo**. 2023. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br>. Acesso: 16 jul 2023.

KESTERING, Celito. **Reencontro Vida**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019a.

_____. **Encanto Bugre-Tapuia**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2020a.

_____. **Patrimônio Amoipirá Tupinambá**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021a.

_____. **Ajunto às Lagoas de Meu Piauí**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023.

KESTERING, Celito; BEZERRA, Alvandyr Dantas; NEGREIROS, Rafael Barreto Ruben Siqueira. **Adjunto às Lagoas de Meu Piauí**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023.

PAIVA, Vitor. **A história pouco contada dos campos de concentração da seca no Nordeste**. 2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br>. Acesso: 16 ago 2023.

PORFÍRIO, Francisco. **Positivismo**. Brasil Escola, 2023. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br>. Acesso: 16 jul 2023.

RODRIGUES, Antônio. **Ruínas do campo de concentração de Senador Pompeu estão em processo de tombamento pelo Estado**. 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br>. Acesso: 17 ago 2023.

ROSSI, Marina. **Quando a seca criou os ‘campos de concentração’ no sertão do Ceará**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com>. Acesso: 16 ago 2023.

SOUSA, Reiner Gonçalves. **General Médici**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br>. Acesso: 20 jul 2023.

VELASCO, Valquiria. **Guerra de Canudos**. 2014. Disponível em: <https://www.infoescola.com>. Acesso: 20 jul 2023.

2.5 IGREJA LIBERTADORA, À LUZ DA MISSÃO

Luciano Pereira Aguiar⁴¹

Introdução

O Concílio Vaticano II havia convocado a Igreja Católica Apostólica Romana a resgatar o autêntico Cristianismo. Naquele contexto, com o espírito revolucionário de João XXIII, ordenaram-se os padres Mário Zanetta e Mário Lourenço Tori. Naquela época, a Igreja da América Latina recorria a igrejas irmãs da Europa, em busca de missionários.

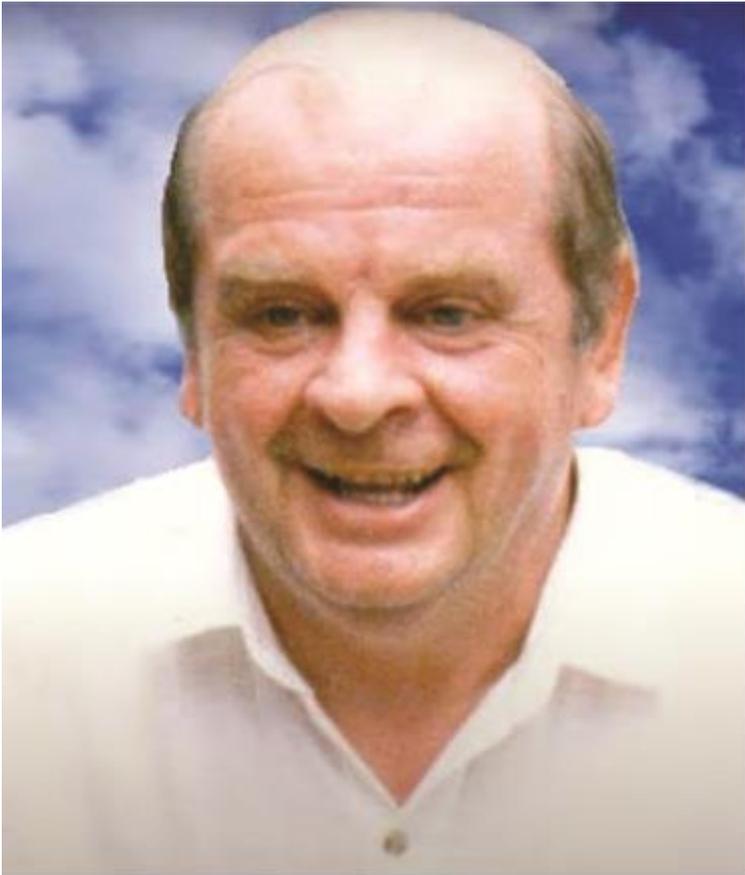
Logo depois do bem-aventurado Concílio, no ano de 1968, o episcopado latino-americano buscava libertar a América Latina da angustiante miséria e extrema pobreza a que era submetida grande parte de sua população. Nesse cenário, em 1969, chegavam a Paulo Afonso os dois jovens missionários italianos. Eles queriam vivenciar uma experiência cristã comprometida com os pobres, do jeito que Jesus, em seu tempo, fizera.

⁴¹ **Luciano Pereira Aguiar**, filho de Jovita Pereira Aguiar, nasceu em Paulo Afonso - BA, no dia 6 de maio de 1970. Iniciou a cursar o Ensino Fundamental na Casa da Criança, em Paulo Afonso. Concluiu-o na Escola Urbano Gomes de Sá, em Salgueiro - PE. Fez o 2º Grau na Escola Santa Cruz, em São Paulo. Iniciou o Curso de Licenciatura em Filosofia, na Universidade de Brasília (UNB) e concluiu-o na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001). É bacharel em Teologia pelo Seminário Maior de João Pessoa – PB (2002). Especializou-se em Bíblia, na cidade de São Leopoldo – RS (2001) e em Crianças com Síndrome de Down, na Universidade de São Paulo (USP) (2004). É coordenador das pastorais sociais da Diocese de Floresta, articulador das pastorais sociais da CNBB-NE2, presidente da Associação Provida, membro do Comitê Antinuclear e da luta em defesa do Rio São Francisco.

Mário Zanetta

Padre Mário Zanetta tinha o espírito de Pedro Apóstolo. Era reservado, polido, comedido, possuidor de sábias palavras e amante do diálogo. (Fig. 1 a 6). Fortaleceu a Igreja de Paulo Afonso. Era ponte e pastor com cheiro de ovelhas. (FRANCISCO, 2013 *apud* RÁDIO VATICANO, 2013).

Figura 1 – Mário Zanetta



Fonte: Vieira; Nunes (2020)

Figura 2 – Na reunião, em Olinda, como presidente da CPP Nacional



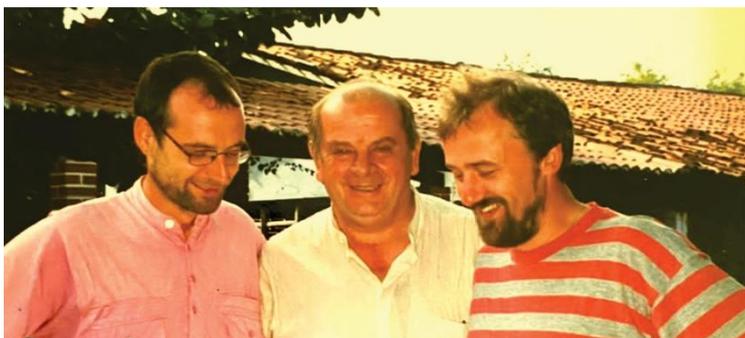
Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1992)

Figura 3 – Na reunião, em Olinda, como presidente da CPP Nacional



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1992)

Figura 4 – Com líderes da Comissão Pastoral dos Pescadores



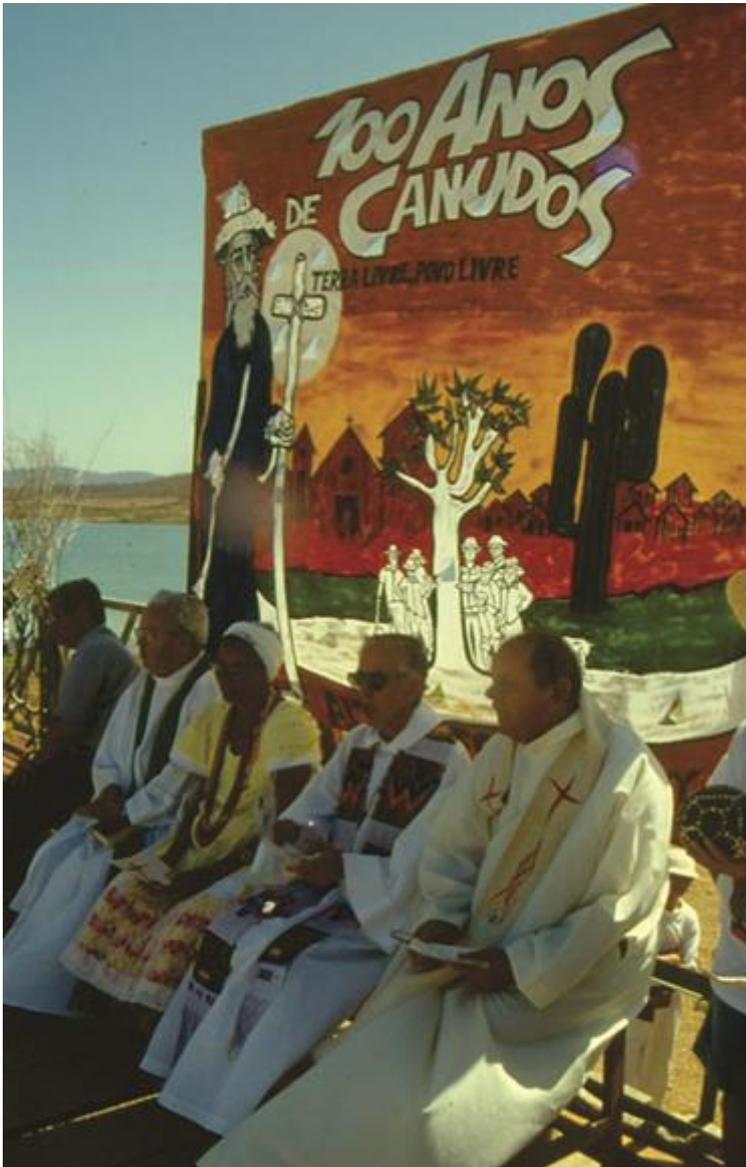
Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1992)

Figura 5 – Com Frei Bernardo Siry, em reunião da CPP Nacional



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1992)

Figura 6 – Mário Zanetta, ombro a ombro, com Pedro Casaldáliga



Fonte: Mansur (1993)

Em linguagem acessível aos humildes, Mário esclarecia, às comunidades, os contrastes existentes na sociedade, e mostrava o papel delas frente à realidade, em busca das mudanças necessárias, para que todos tivessem vida em abundância, do jeito que Jesus sonhava. Suas reflexões eram curtas e objetivas. Quem as ouvia, tinha a impressão de que entre ele e as palavras, a brotarem espontaneamente de sua boca, firmara-se estreito vínculo identitário. (Fig. 7 e 8).

Figura 7 – Mário esclarecia os contrastes da sociedade



Fonte: Acervo João de Souza Lima (1975), adaptada pelo autor

Figura 8 – Sua ação profética era coerente com a razão e a emoção



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1996)

Sua ação profética e evangelizadora, sustentava-se em rochedo de pródiga racionalidade e farta emoção. Eram expressões de autêntico missionário cujo projeto de vida, a razão maior de sua existência, era a conquista do Reino de Deus.

Lourenço Tori

Padre Lourenço Tori evidenciava a autêntica jovialidade italiana que, desde pequeno, na cidade de Montescheno aprendeu a cultivar com sua família. Era apaixonado pelos sonhos de Jesus libertador. Tinha o espírito guerreiro de Paulo Apóstolo e dos discípulos das primeiras comunidades cristãs. Nas comunidades eclesiais de base de Paulo Afonso, em parceria com os excluídos, ele buscava o usufruto da vida em plenitude, do jeito que Jesus propunha e o Concílio Vaticano II recomendava. Inquieto e obcecado pelo desejo profundo de anunciar o Reino, nada e a ninguém ele temia. (Fig. 9 e 10).

Figura 9 – Lourenço tinha pressa



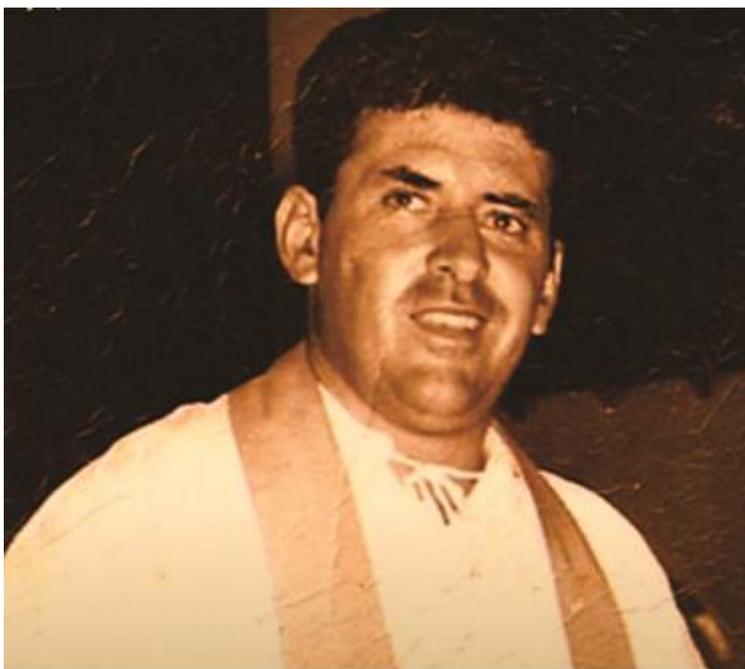
Fonte: Acervo fotográfico da Editora Fonte Viva (1971)

Figura 10 – Ele tinha muita pressa



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1971)

Figura 10 – Inquieto e obcecado pelo desejo de anunciar o Reino



Fonte: MOURA (2017)

Padre Emilio Ferreira Sobrinho que, naquela época, trabalhava em Ribeira do Pombal, lembra que Lourenço era um homem com pressa. Corria, como fervoroso profeta, a anunciar o Reino de justiça e fraternidade. Em 1973, deixou a marca profética do martírio, em fatal acidente de moto.

Considerações

Mário e Lourenço nunca imaginavam que sua profícua atuação na missão libertadora ocuparia tamanho espaço no coração dos brasileiros do sertão baiano. Ambos apresentaram e representaram a igreja do amor, da compaixão e misericórdia com os pobres e excluídos. Nas igrejas irmãs, eles foram irmãos de verdade. "Em sua trajetória missionária e espiritual, o compromisso acompanhou a agenda deles, durante seu trabalho evangelizador que ia muito além de Paulo Afonso." (VETTOR, 2022).

O carisma deles, ainda hoje, ajuda-nos a compreender o modelo de igreja que o sertão nordestino e a América Latina precisam, para libertarem-se do jugo colonialista opressor. Os desafios que encontraram naquela época, em Paulo Afonso, foram parcialmente superados, graças ao **Espírito** que os ajudou a compreender a realidade do povo de Deus, em busca da Terra Sem Males, do Reino de Deus.

REFERÊNCIA

MANSUR, Douglas. **Agenda Latino-Americana 1993**. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso: 10 jul 2023.

MOURA, Fabíola. **Nossa Rua Padre Loureço, em Paulo Afonso**. TV Caatinga. Petrolina: UNIVASF 2020. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br>. Acesso: 25 jun 2023.

RÁDIO VATICANO. **Papa: sede pastores com cheiro de ovelhas**. Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. 2013. Disponível em: <https://franciscanos.org.br>. Acesso: 12 jun 2023.

RODRIGUES, Maria José; NUNES, Aníbal Alves. **Homenagem a Dom Mário: um padre italiano**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 12 jun 2023.

TV FONTE VIVA. **Vida de Dom Mário Zanetta**. Paulo Afonso: Fonte Viva - YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 24 jun 2023.

VETTOR, Remi de. **Depoimento na celebração dos 25 anos da pascoa de Dom Mario Zanetta**. Paulo Afonso: Instituto Mário Zanetta e Lourenço Tori, 2022.

3 LOURENÇO TORI



3.1 RAGAZZATE⁴²

Lorenzo Pavesi⁴³

Quando sei un bambino, tra chi ti conosce meglio ci sono senza dubbio i compagni di scuola. (Fig. 1). Più ancora, naturalmente, il compagno di banco. Per qualche anno, alle elementari, vicino a don Mario si sedette mio nonno, Geo Minacci, classe 1935, un anno più di lui. «Don Mario? Siamo stati in classe insieme nella scuola del paese, per qualche anno. Dovetti ripetere la seconda elementare e mi ritrovai con lui».

Geo lo ricorda sorridente, come se quei ricordi lo riportassero indietro nel tempo. «Lui proveniva da una famiglia numerosa - racconta. – Era molto vivace e, insieme, ne abbiamo combinate parecchie. Ma era anche molto intelligente».⁴⁴ (Fig. 1).

⁴² **TRAQUINAGENS**, publicado originalmente por BARRETO, Edson; ARAÚJO, Marajana. (Org.). **A Vida e a Vida de Padre Lourenço**. Academia de Letras de Paulo Afonso, 3 ed., p. 139-147, Paulo Afonso: Fonte Viva, 2021.

⁴³ **Lorenzo Pavesi** nasceu em 1993. Vive em Verbano Cusio Ossola, no Norte da Itália. Formou-se em Letras na Universidade de Turim. Especializou-se em Literatura Moderna na Universidade de Milão. Leciona no Ensino Secundário Inferior. É jornalista. Colaborou com vários jornais entre os quais *La Stampa*, a revista *The Vision* e o semanário ossolano *Eco Risveglio*. Em 2017, *La Pagina Edizioni* publicou uma coletânea de contos que ele escreveu sobre a realidade de Montescheno, cidade natal do Padre Lourenço Tori. Em abril de 2023, a *Monterosa* publicou seu primeiro romance *Nel silenzio e nel vento*.

⁴⁴ Quando criança, quem melhor lhe conhece, sem dúvida, são seus colegas da escola. Mais ainda, naturalmente, o colega de banco. Por alguns anos, no primário, ao lado de Mário Lourenço, sentava-se meu avô, Geo Minacci, nascido em 1935. Era, portanto, um ano mais velho que ele. "Padre Lourenço? Fomos colegas de turma, por alguns anos, na escola primária. Tive que repetir o segundo ano e, assim, tornei-me colega de turma dele".

Geo o lembra sorrindo, como se aquelas lembranças o fizessem voltar no tempo. "Ele pertencia a uma família numerosa", afirma Geo. "Era muito levado e, juntos, combinamos muitas traquinagens. Mas era também muito inteligente". (Fig. 1).

Fa sorrir pensar al quaderno di don Mario in cui non era rimasto altro che la copertina, perché ogni foglio si era trasformato in un aeroplanino. «Ci eravamo inventati un gioco con i bulloni, per questo svitavamo quelli del banco di scuola, il cui piano, un giorno, si rovesciò per terra: le viti le avevamo prese tutte noi».

La differenza di quei tempi rispetto ad oggi è incredibile, ed emerge ad ogni passaggio del racconto. «La maestra chiedeva spesso a qualcuno di andare a segare la legna del parroco - continua. – Un giorno, mentre tagliavamo, estrassi dalla tasca delle cartucce. Le avevo “prese in prestito” al marito della maestra, che faceva il cacciatore. Le fissammo tra due assi di legno e iniziammo a batterle con un martello. A un certo punto la carica esplose ad entrambi: ci ritrovammo con una bella abrasione tra le dita, dove si era formata una sorta di foro».

La vita dei bambini monteschenesi, del resto, in quegli anni era così. Gli sforzi dei genitori erano volti alla sopravvivenza del nucleo familiare, al lavoro duro e poco redditizio. Perciò, quella dei più piccoli era una vita di strada, dove la prima lezione era quella che si imparava dalle proprie avventure. (Fig. 2 e 3). Spesso rischiose. Un po' come i bambini raccontati da Dickens.⁴⁵

⁴⁵ “Pensar no caderno de Lourenço faz sorrir. Ficava somente a capa. Todas as páginas transformavam-se em aviõezinhos. “Uma vez, inventamos uma brincadeira com parafusos. Folgamos as porcas e, um belo dia, nossa mesa caiu ao chão. Nós tínhamos retirado todos os parafusos”.

A diferença daqueles tempos e hoje é incrível. Emerge em cada momento da narração. “A professora pedia, frequentemente, que alguém cortasse a lenha ao Pároco”, continua Geo. “Um dia, enquanto cortávamos a lenha, tirei do bolso alguns cartuchos que tinha pego “emprestados” do marido da professora, que era caçador. Prendemo-los entre duas tábuas e iniciamos a bater com um martelo. Daí a pouco, a pólvora estourou. Nós dois ficamos com belas queimaduras entre os dedos. Quase haviam formado buracos”.

A vida das crianças de Montescheno, naquele tempo, era assim: os pais esforçavam-se no trabalho duro dos campos que rendiam pouco, para a sobrevivência da família. Os filhos menores viviam na rua. (Fig. 2 e 3). Nela aprendiam as primeiras lições da vida que tiravam de suas próprias aventuras. Era um pouco como as crianças descritas por Dickens.

Poi la realtà è cambiata. Nel dopoguerra Montescheno è balzata improvvisamente dentro uno stile di vita diverso. (Fig. 2 e 3). In quindici anni è arrivata la strada, gli uomini del paese hanno riempito le fabbriche di Villadossola che necessitavano di operai, e sono nate alcune piccole attività anche nel borgo. Montescheno è transitata da un mondo all'altro. E forse, don Mario, dopo aver respirato questi cambiamenti, aveva davvero bisogno di immergersi nuovamente "in quell'altro".⁴⁶

Figura 1 – O menino Lourenço, com seus colegas, na escola



Fonte: Acervo do IMZLT (Data incógnita), inserida pelo organizador

⁴⁶ Depois, a realidade mudou. Terminada a guerra, Montescheno surpreendentemente encontrou-se em estilo de vida diferente. Após alguns anos, chegou uma estrada. Os homens mais novos encheram as indústrias da cidade grande, que precisavam de operários. Algumas atividades surgiram, também, na pequena cidade. Montescheno passou de um mundo a outro. Talvez Lourenço, após ter respirado essas mudanças, precisava mesmo mergulhar em um "mundo novo".

Figura 2 – Montescheno



Fonte: Montagner (em data incógnita), inserida pelo organizador

Figura 3 – Montescheno



Fonte: Altvista (em data incógnita), inserida pelo organizador

REFERÊNCIA

MONTAGNER, Claudio. **Montescheno – Paesi della bella Italia**. Altvista, 2022. Disponível em: <http://paesi.altvista.org>. Acesso: 29 jun 2023.

3.2 IN ME, LO SPIRITO SI È FATTO CARNE PER CONSERVARSI NELLA PAROLA ORALE E SCRITTA⁴⁷

Mario Lorenzo Tori⁴⁸

47 EM MIM, O ESPÍRITO FEZ-SE CARNE PARA PRESERVAR-SE NA PALAVRA ORAL E ESCRITA

⁴⁸ Mario **Lorenzo Tori**, filho de Gregorio Tori e Generosa Pidroni, nasceu no dia 3 de maio de 1936, na cidade de Montescheno, pertencente à Província de Verbano-Cusio-Ossola, região do Piemonte da Itália. cursou as primeiras séries escolares em sua terra natal. Estudou nos seminários de Miasino, Arona e Novara onde, em 25 de junho de 1961, concluiu Teologia, ordenou-se padre e exerceu o ministério até 1962, quando assumiu a paróquia de Lovario. No início de 1969, migrou ao Brasil onde foi missionário *Fidei Donum*, no Projeto Igrejas Irmãs, firmado entre as dioceses de Novara e Paulo Afonso. (Fig. 1). Com apenas 37 anos de idade, no dia 3 de fevereiro de 1973, faleceu em trágico acidente.

Não o conheci, pessoalmente. Comecei a admirá-lo, em março de 1975, anos depois de sua morte, quando cheguei ao Nordeste, como membro do Projeto Igrejas Irmãs do Regional Sul IV, por informações referentes ao trabalho que ele fazia nas comunidades eclesiais de base da Diocese de Paulo Afonso. Da mesma forma que outros colegas, dezenas de anos mais tarde, eu tive acesso a alguns de seus escritos e trechos de cartas enviadas a familiares, entes queridos e conhecidos.

Julgo significativo apresentar trechos de suas cartas porque eles revelam atributos reais da identidade que ele estava a edificar quando, no Seminário, preparava-se para ser padre. É certo que elas evidenciam aspectos de sua espiritualidade, claramente vinculados à Cristandade Tridentina, mas expõem, também, muitos anseios, sensibilidade e disposição para viver, com radicalidade e em plenitude, as práticas pastorais que, no Concílio Vaticano II, os bispos de João XXIII, reunidos em Roma, acataram e/ou ratificaram.

Transcrevo trechos das cartas escritas em Italiano, com o uso de suas próprias palavras, para que eles cheguem cristalinos aos leitores. Concluo com a oração diária que ele compôs, na véspera de sua ordenação sacerdotal. Disse-me que ele a recitava todos os dias. É, certamente, a mais bela expressão de seu espírito montanhês, burilado pela formação tridentina que recebeu nos seminários italianos onde estudou e educou-se.

Figura 1 – Lourenço Tori



Fonte: Acervo do IMZLT (data incógnita), inserida pelo organizador

Alfredo Grosso foi quem traduziu os escritos do missionário montanhês de Montescheno. Ele nasceu no dia 6 de janeiro de 1946, em Borgosesia (Itália). Residiu no Brasil desde 1973, onde naturalizou-se em 1983. cursou Filosofia e Teologia, no Seminário Diocesano de Novara (Itália) (1962-1970). Era bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Salvador – BA (1988). De 1970 a 1973, foi Pároco de Lovario, na Diocese de Novara (Itália); de 1973 a 1979, vigário cooperador na Paróquia de Paulo Afonso (Brasil); de 1980 a 2016, funcionário público do Estado da Bahia (Brasil) e, a partir de 2016, aposentado. Foi tradutor comercial de documentos para processos de adoção internacional e naturalização junto ao Vice-Consulado da Itália, em Salvador – BA, desde a década de 1980 e membro da Associação Brasileira de Tradutores e Interpretes, desde 2005. Traduziu o livro **Coragem de amar**, organizado por Mario Bandera e publicado pela Editora Fonte Viva (2008) e a letra da música **Satúrnica**, de Riccardo Ducci, lançada em Paulo Afonso (2014). Traduziu e produziu textos e artigos para jornais da Itália e do Brasil. Faleceu no dia 12 de julho de 2023.

Estratti dalle lettere

Ti confesso che quest'anno passato qui ad Arona di vantaggi me ne ha portati ben pochi, egoisticamente parlando, anzi.... (Fig. 2 a 4). Ma mi ha insegnato un po' di quello che sarà la mia vita di domani: sarà una consacrazione totale, esclusiva, perenne e di ogni momento agli altri. Dovrò essere sempre a disposizione di tutti, per tutto quello che la gente vorrà da me, pronto ad aiutare, incoraggiare, consolare, rimproverare, beneficiare, amare tutti. (TORI, 01/04/1959).⁴⁹

La meta s'avvicina sempre più: un anno e 5 mesi e poi sarò prete per sempre. E' solo questo che desidero, per poter dare tanto e tanto bene ai miei fratelli, quelli che il Signore mi incaricherà di salvare per Lui. (TORI, 05/02/1960).⁵⁰

Sono contento, sai, Anselmo, di essere in seminario incamminato per la via ardua e difficile, ma bella e divina, del Sacerdozio. Se ho un rimpianto è solo quello di non essere degno di una così sublime vocazione. Pensa a quello che è un prete, a quello che un prete fa e poi dimmi se non è naturale che vengano le vertigini a pensarci! Tra un anno appena lo sarò anch'io! Non mi sembra vero. (TORI, 30/03/1960).⁵¹

⁴⁹ “Confesso que, neste ano, aqui em Arona, egoisticamente falando, não tive muitas vantagens. (Fig. 2 a 4). (...) Mas me ensinou um pouco do que será minha vida futura. Será de consagração total, exclusiva, perene e, em cada momento, aos outros. Estarei sempre à disposição de todos, para tudo que o povo quiser de mim, pronto para ajudar, encorajar, consolar, repreender, beneficiar, amar a todos.” (TORI, 01/04/1959 *apud* TONELLI, 2021, p. 140).

⁵⁰ “A meta aproxima-se sempre mais. Ainda um ano e cinco meses e serei padre para sempre. Somente isto desejo, para poder doar muito do bem aos irmãos, a quem Deus encarregar-me de salvar para Ele”. (TORI, 05/02/1960 *apud* TONELLI, 2021, p. 140).

⁵¹ “Anselmo, estou satisfeito em estar no Seminário, a caminhar pela estrada árdua e difícil, mas bonita e divina, do Sacerdócio. Lamento, somente, ser indigno de tão sublime vocação. Pensa o que é ser padre, o que um padre faz. Depois, diga-me se não é natural ter vertigens, somente em pensar. Dentro de um ano, também serei padre. Nem me parece verdade.” (TORI, 30/03/1960 *apud* TONELLI, 2021, p. 140).

Figura 2 – Arona, onde Lourenço fez Ensino Médio e inciou Teologia



Fonte: Corélli (2020)

Figura 3 – Seminário de Arona onde Mário Lourenço Tori estudou



Fonte: Acervo de Gabriella Tonelli, inserida pelo organizador

Figura 4 – Monumento de São Carlos Borromeo, vizinho ao Seminário



Fonte: Acervo de Gabriella Tonelli, inserida pelo organizador

Si, sono proprio felice: non mi manca nulla. Ho tutto quello che posso desiderare da parte di Dio: pensa tra 6 mesi sarò Sacerdote! Sai tu, Anselmo, cosa vuol dire essere prete? Poter dire la messa tutti i giorni, e poi confessare e visitare gli ammalati, consolare tutti quelli che per qualsiasi motivo piangono. Anselmo, è meraviglioso: 6 mesi ancora e poi sarò prete per sempre. Come si fa a non essere felici? Come si fa a non sentire il nostro cuore traboccare di riconoscenza a Dio, che tanto mi ha voluto bene?... Che grande cosa essere Sacerdote! Non desidero altro, non voglio altro: esser prete, tutto di Dio e poi basta. (...).

Caro Anselmo, mi scrivi 'è più bello donare che ricevere': è vero, è sommamente vero. Per questo mi sono fatto prete, per poter donare senza ricevere mai nulla. Proprio come Gesù: non ha fatto altro che fare del bene a tutti con la sua parola che perdonava i peccatori in pianto, che guariva le anime esacerbate dal dolore; e con i suoi miracoli... finché un giorno non ha donato se stesso a noi, morendo per noi sulla croce. (TORI, ?/12/1960).⁵²

⁵² “Sim, sou feliz. Nada me falta. Tenho tudo que posso desejar por parte de Deus. Pense. Daqui a seis meses, serei sacerdote. Você sabe, Anselmo, o que quer dizer ser padre? Poder celebrar a missa todos os dias, e depois confessar e visitar os doentes, consolar todos aqueles que, por qualquer razão, choram? Anselmo, é maravilhoso. Mais seis meses e, depois, serei padre para sempre. Como posso não ser feliz? Como podemos não sentir nosso coração transbordar de agradecimento a Deus, que muito me quer bem? (...) Quão grande coisa é ser sacerdote! Não desejo outra coisa. Quero ser padre, todo de Deus, e nada mais. (...)

Caro Anselmo, você me escreve 'é melhor doar que receber': é verdade. É, absolutamente, verdade. Por isso, quero ser padre, para poder doar sem receber mais nada. Como Jesus fez bem a todos, com sua palavra que perdoava os pecadores que choravam, que, com seus milagres, curava as almas exacerbadas pela dor. (...) até o dia em que doou a si mesmo, morrendo por nós na cruz.” (TORI, ?/12/1960 *apud* TONELLI, 2021, p. 141).

leri sono stato ordinato suddiacono; è il primo grande passo verso il sacerdozio. Con questa ordinazione sono diventato tutto di Dio e consacrato a Lui, come persona sacra. Non pensare, però, con questo che non sia più tuo e della famiglia: sono vostro e di Dio, tutto. Se tu sapessi come sono contento: io credo che non si possa avere la più piccola idea di una gioia di questo genere senza provarla. Da ieri ho l'obbligo di recitare il Breviario tutti i giorni: pensa che recitando il breviario (circa un'ora di preghiera) io non prego per me, ma per tutta la Chiesa, per tutti i fedeli; per te quindi. Prego per i lavoratori che consumano la loro vita tra il fragore delle macchine o tra i calori estenuanti dei forni.

Prego per l'operaio e per il contadino madidi di sudore che lavorano per mantenere la loro famiglia; prego per il medico e per l'ammalato; per il bimbo e per la mamma; per chi è lieto e per chi è triste; per chi fa peccati e per chi vive in grazia di Dio; prego per tutti perché Dio benedica tutti, perché a tutti doni le sue grazie e allontani i suoi castighi, che noi meritiamo coi nostri peccati. E tutto questo lo farò ancora con maggiore efficacia quando potrò celebrare la messa. (TORI, ?/02/1961).⁵³

⁵³ "Ontem fui ordenado subdiácono. É o primeiro grande passo em direção ao sacerdócio. Com essa ordenação, tornei-me todo de Deus, a Ele consagrado, como pessoa sagrada. Não pense, porém, com isso, que não seja mais seu e da família. Sou todo de vocês e de Deus. Se você soubesse como estou contente! Eu acredito que não se possa ter a menor ideia de alegria tão grande, sem experimentá-la. Desde ontem, tenho a obrigação de rezar o Breviário todos os dias. Pensa que, ao rezar o breviário (cerca de uma hora de oração) eu não rezo por mim, mas pela Igreja toda, por todos os fiéis, até mesmo por você. Rezo pelos trabalhadores que consomem sua vida no fragor das máquinas ou no calor extenuante dos fornos.

Rezo pelo operário e pelo camponês, molhados com o suor do trabalho, para manterem suas famílias. Rezo pelo médico e pelo doente, pela criança e pela mãe, por quem está alegre e por quem está triste, por quem faz pecados e por quem vive na graça de Deus. Rezo por todos, para que Deus os abençoe, para que a todos doe suas graças e afaste seus castigos, que nós merecemos por nossos pecados. Tudo isso farei, com mais eficácia ainda, quando tiver o poder de celebrar a missa." (TORI, ?/02/1961).

Da sabato 18 marzo 1961, ore 11,15 sono diacono. (...) Pensa che fortuna essere Diacono: posso prendere tra le mie mani Gesù! Non so ancora quando mi capiterà di toccarlo per la prima volta: lo desidero tanto, più di ogni altra cosa come tu puoi immaginare. Poi posso cantare il Vangelo nella messa solenne. Posso fare la santa Comunione ai fedeli... battezzare... Ti sembra poco? Posso anche predicare. Quando mi accosto a ricevere Gesù nella Santa Comunione metto la stola... E poi, se ti interessa adesso posso firmarmi quando ti scrivo, se vuoi, don Mario (...), per tutta la eternità 'don' Mario. (TORI, 19/03/1961).⁵⁴

lo vorrei vedervi tutti vicino a me nella giornata più bella della mia vita, quella giornata che segnerà il coronamento e la soddisfazione di tante speranze mie e vostre, la ricompensa di tanti sacrifici che voi tutti avete fatto; sarà la giornata nella quale Gesù mi investirà dei suoi divini poteri: quello di consacrare la SS. Eucaristia, di perdonare i peccati, di benedire tutte le ore liete e tristi della vita degli uomini. (...) (TORI, 13/06/1961).⁵⁵

⁵⁴ “Desde sábado, 18 de março de 1961, às 11,15 horas, sou Diácono. (...) Pensa na sorte que é ser Diácono. Posso pegar Jesus com minhas mãos! Ainda não sei quando acontecerá de tocá-lo pela primeira vez. Desejo-o muito, mais do que outra coisa, como você pode imaginar. Depois, poderei cantar o Evangelho, nas missas solenes. Poderei distribuir a santa Comunhão aos fiéis (...) batizar. (...) Acha pouco? Posso também pregar. Quando recebo Jesus na Santa Comunhão coloco a estola. (...) Agora, se for de seu interesse, quando lhe escrevo, posso assinar como Don Mário. (...) pela eternidade, Don Mário.” (TORI, 19/03/1961 *apud* TONELLI, 2021, p. 141-142).

⁵⁵ “Eu gostaria de vê-los todos, perto de mim, no dia mais belo de minha vida, o dia que marcará o coroamento e a remuneração de todas as esperanças, minhas e de vocês, a recompensa de todos os sacrifícios que vocês fizeram. Será o dia em que Jesus investir-me-á de seus divinos poderes: o de consagrar a Santíssima Eucaristia, de perdoar os pecados, de abençoar todas as horas, alegres e tristes, da vida dos homens. (...) (TORI, 13/06/1961 *apud* TONELLI, 2021, p. 142).

Caro Anselmo, vorrei continuare così. Vorrei dirti quanto sia grande la bontà di Gesù che mi ha amato tanto e che mi vuoi fare tanto grande quanto io non riesco neppure a capire. (...) Tra 10 giorni sarò prete, per sempre: Anselmo, è meraviglioso. Gesù è buono tanto con me, no? (TORI, 13/06/1961).⁵⁶

La cosa più importante per noi sacerdoti è quella di essere molto vicini alla gente, di capirla, compatirla, penetrare nel cuore della gente: essere molto umani, cioè buoni, comprensivi, pieni di tutte le doti umane capaci di renderci accetti. Sapessi come molte volte si starebbe così bene soli, senza pensare a nessuno: ma questo è egoismo.

Guardando alla voglia si lascerebbero tutti, ciascuno nel suo brodo, tanto più che non sai molte volte se la tua presenza è gradita. E tutto questo si fa con la speranza di poter conservare quei rapporti che ci permettono di riversare nelle anime al momento opportuno i tesori soprannaturali di cui siamo portatori. Salvare una sola anima ripaga di tutti i sacrifici. (TORI, senza data).⁵⁷ (Fig. 5 a 10).

⁵⁶ “Caro Anselmo, gostaria de continuar assim. Gostaria de dizer-lhe quão grande é a bondade de Jesus que muito me amou. Ele quer fazer-me tão grande que nem eu consigo entender. (...) Dentro de 10 dias, eu serei padre, para sempre. Anselmo, é maravilhoso. Jesus é muito bom comigo, não é?” (TORI, 13/06/1961 *apud* TONELLI, 2021, p. 142).

⁵⁷ “A coisa mais importante para nós, sacerdotes, é estar muito perto do povo, entendê-lo, ter compaixão dele, penetrar em seu coração, ser muito humanos, isto é, bons, compreensivos, cheios de todas as qualidades deles, para sermos bem aceitos. Se você soubesse como muitas vezes nós estaríamos muito bem sozinhos, sem pensar em ninguém, mas isso é egoísmo.

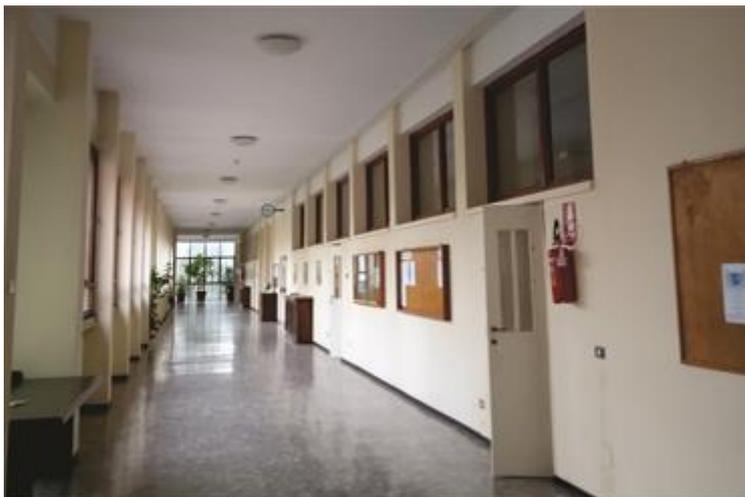
Por nossa vontade, deixaríamos todos, cada um em seu canto, sobretudo por não saber, muitas vezes, se gostam de nossa presença. **E tudo isso faz-se na esperança de poder conservar aquele relacionamento que nos permitirá derramar nas almas, em momento oportuno, os tesouros sobrenaturais que trazemos. Salvar uma única alma vale por todos sacrifícios.**” (TORI, sem data *apud* TONELLI, 2021, p. 142-143).⁵⁷ (Fig. 5 a 10).

Figura 5 – Seminário de São Gaudêncio, onde Tori concluiu os estudos



Fonte: Acervo de Gabriella Tonelli, inserida pelo organizador

Figura 6 – Interior do Seminário de São Gaudêncio



Fonte: Acervo de Gabriella Tonelli, inserida pelo organizador

Figura 7 – Com Zanetta, ao receber do bispo o mandato missionário



Fonte: Acervo do IMZLT (1969), inserida pelo organizador

Figura 8 – Interior da capela onde Lourenço ordenou-se padre



Fonte: Acervo de Gabriella Tonelli, inserida pelo organizador

Figura 9 – Última missa de Padre Lourenço em Montescheno



Fonte: Acervo do IMZLT (1969), inserida pelo organizador

Figura 10 – Última missa de Padre Lourenço, em Montescheno



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1969), inserida pelo organizador

Penso che oramai avrò già saputo che il giorno della partenza per il Brasile è il 29/3 da Genova. (Fig. 11 e 12). Quello che ho dentro è una certa trepidazione, ma anche una profonda gioia ed una grande serenità. Questi ultimi mesi sono stati molto proficui nella riflessione sul mio sacerdozio; sul precetto dell'amore; sull'esigenza di donazione nel sacrificio per gli altri specialmente ai poveri; sulla povertà effettiva della mia vita e della Chiesa; sulla necessità della comunione tra noi preti e laici, per tentare insieme di riprodurre nella nostra vita concreta l'ansia, il tormento della salvezza di tutti che è nel cuore di Cristo. Un tormento che non può essere che vissuto in tutta la sua ricchezza da una comunità cristiana, incentrata in Lui e aperta verso i bisognosi di salvezza vicini e lontani.

Mi accorgo però che in questo periodo ho tanto parlato, ora è giunto il momento di fare e di verificare nella vita queste riflessioni. Fare io, quello che pretendo dagli altri, preti e laici a cui ho parlato. Si aspetta ormai solo di partire, senza nascondervi le difficoltà veramente grandi che incontreremo. (TORI, 12/03/1969).⁵⁸

⁵⁸ “Penso que já soube, a partida para o Brasil será no dia 29 de março, de Gênova. (Fig. 11 e 12). Sinto um pouco de apreensão, mas, também, profunda alegria e grande serenidade. Estes últimos meses foram muito proficuos, na reflexão sobre meu sacerdócio, o preceito do amor, a exigência de doação no sacrifício aos outros, especialmente aos pobres, a pobreza efetiva de minha vida e da Igreja, a necessidade da comunhão entre nós padres e os leigos, para tentarmos, juntos, reproduzir em nossa vida concreta a ansiedade, o tormento da salvação de todos que está no coração de Cristo. É um tormento que somente pode ser vivido, em toda sua riqueza, por uma comunidade cristã focada nEle e aberta aos necessitados de salvação, próximos e afastados.

Percebo que, neste período, falei muito. Agora, chegou o momento de agir e verificar na vida estas reflexões. Devo viver primeiro o que pretendo dos outros, padres e leigos de quem falei. Agora, somente aguardamos a partida, sem esconder-nos as dificuldades, verdadeiramente grandes, que encontraremos.” (TORI, 12/03/1969 *apud* TONELLI, 2021, p. 143).

Figura 11– Porto de Gênova onde, em 29/03/1969, Lourenço partiu



Fonte: Adobe Stock (2023), inserida pelo organizador

Figura 12 – Amigos e familiares a despedirem-se, em Gênova



Fonte: Acervo de Gabriella Tonelli, inserida pelo organizador

Anzi di fronte a questo sento con grande umiltà la mia insufficienza; vedo che lo spirito vola, ma il corpo si trascina dietro molto a stento. Vedo che dal dire al fare il passo è grande, e che bisogna pagare molto di persona... E' quello che in fondo ho sempre sognato e cercato: la fatica non mi ha mai spaventato, pur ammettendo che spesso ho cercato accuratamente di tentare di star tranquillo. Ho molta fiducia in Gesù che amo, nella Vergine Maria e nelle preghiere dei buoni che mi ricorderanno. (TORI, 12/03/1969).⁵⁹

Rev.do e caro Padre, scrivo ormai trovandomi nelle acque territoriali brasiliane. Tra due giorni sbarcherò a Rio. E per 5 anni questo immenso paese con le sue immense necessità materiali e spirituali ci inghiottirà. Vi entro portando tutto il peso della mia debolezza e miseria, ma insieme anche lo slancio e la fiducia grande nella forza del vangelo del 'Signore'. Noi sappiamo in chi abbiamo creduto... Non nascondo la mia trepidazione ed anche un poco di emozione trovandomi a poca distanza dal 'lontanissimo' Brasile. Ormai ci siamo: non so se cominceranno i misteri gaudiosi o quelli dolorosi o tutte 2 insieme. (TORI, 08/04/1969).⁶⁰

⁵⁹ "Aliás, ao ver isto, sinto com grande humildade minha insuficiência. Vejo que o espírito voa, mas o corpo se arrasta atrás dele, com dificuldade. Vejo que uma coisa é dizer. Outra é fazer. É necessário pagar muito, pessoalmente. (...) É o que sempre sonhei e procurei. A fadiga nunca me assustou, mesmo admitindo que, frequentemente, procurei com cuidado, estar bem tranquilo. Confio em Jesus a quem amo, na Virgem Maria e nas orações das pessoas boas que lembrarão de mim". (TORI, 12/03/1969 *apud* TONELLI, 2021, p. 143-144).

⁶⁰ "Reverendo e caro padre, escrevo, já nas águas territoriais brasileiras. Dentro de dois dias, desembarcarei no Rio de Janeiro. Por cinco anos, este imenso país, com suas gigantescas necessidades materiais e espirituais, absorver-nos-á. Chego, com todo peso de minha fraqueza e miséria, mas também, com entusiasmo e grande confiança na força do Evangelho do Senhor. Nós sabemos em quem cremos. (...) Não escondo minha hesitação e um pouco de emoção. Estou a pouca distância do remotíssimo Brasil. Já vamos chegar. Não sei se iniciarão os mistérios gozosos, os dolorosos ou os dois juntos." (TORI, 08/04/1969 *apud* TONELLI, 2021, p. 144).

Penso piuttosto a quelli dolorosi, almeno in principio. Poi verranno quelli gaudiosi. Quelli gloriosi sono per l'altra vita. (...) La concelebrazione del 25 in duomo e il discorso molto bello del Vescovo in quell'occasione io la vedo solo come un impegno più grande per noi, che siamo stati additati alla diocesi come una specie di esempio (ironia delle cose umane!) ed il crocifisso non come un segno di distinzione, ma come l'impegno preciso a ricopiare nella vita la passione e la morte del Signore, ed il suo amore agli uomini nostri fratelli, non ché la ferma volontà di ricercare solo la salvezza ed il bene dei miei parrocchiani. (...) Vorrei che non ci chiami 'missionari' come molti fanno, ma solo 'preti novaresi in Brasile', che hanno nel cuore solo il desiderio di essere preti sul serio, in un posto dove c'è particolarmente bisogno". (TORI, 08/04/1969).⁶¹

Tutti ci dobbiamo preoccupare degli altri, di quelli che soffrono: qui si incontrano ogni giorno cose e storie così dolorose che molte volte io piango con quelli che le raccontano..., cercando di nascondere le lacrime, dietro la grata del confessionale o dietro un sorriso forzato per non scoraggiare chi parla e racconta cose tanto dolorose. (TORI, 07/07/1969).⁶²

⁶¹ "Penso que sejam os dolorosos, pelo menos no início. Depois chegarão os gozosos. Os gloriosos, somente na outra vida. (...) A concelebração do dia 25, na Catedral, e o discurso do Bispo, naquela circunstância, eu os vejo somente como um compromisso maior, para nós que fomos apresentados à Diocese, como uma espécie de exemplo (ironias das coisas humanas!). Não vejo o crucifixo como distinção, mas como compromisso claro, para copiar na vida, a paixão e morte de Jesus, seu amor aos homens, nossos irmãos, como também, a firme vontade de procurar somente a salvação e o bem dos paroquianos. (...) Gostaria que não nos chamasse de missionários, como muitos fazem, mas somente padres de Novara no Brasil, que têm no coração só o desejo de serem padres de verdade, num lugar onde existe particular necessidade." (TORI, 08/04/1969 *apud* TONELLI, 2021, p. 144-145).

⁶² "Todos devemos nos preocupar com os outros, dos que sofrem. Aqui, encontram-se, todos os dias, coisas e histórias tão dolorosas que muitas vezes eu choro com aqueles que as contam. (...) Procuo esconder as lágrimas, atrás da grade do confessionário ou atrás de um sorriso forçado pra não desencorajar quem fala ou conta coisas tão dolorosas." (TORI, 07/07/1969 *apud* TONELLI, 2021, p. 145).

Non ti voglio contare nulla più di così, ma prega Gesù e Maria che diano a me un cuore così buono, così comprensivo, così tenero, così paterno che tutti se ne vadano via dall'incontro con me consolati, più sereni, più felici di prima. (TORI, 07/07/1969).⁶³

Devo farmi vivo per dirle la gioia di essere qui, di lavorare qui con questa gente, con queste difficoltà, in mezzo a questi bisogni ed a queste miserie veramente grandi. Devo scriverle per dirle che mi sforzo di vivere bene e con frutto il mio sacerdozio, in pienezza, sia pure con qualche difficoltà. Qui la realtà ci stimola, ci frustra, ci scuote, a fare. Forse anche troppo, a scapito dell'orazione propriamente detta. Ma non mi sento vuoto, tutt'altro. È un fatto che la preghiera in senso tradizionale è difficile.

Quello che qui c'è di splendido è la libertà assoluta di spirito, di azione, di vita pastorale: libertà per noi è stimolo a fare, a darci, a moltiplicare i tentativi. (TORI, 11/12/1969).⁶⁴

⁶³ “Não quero lhe dizer nada mais do que isto. Reza a Jesus e Maria, para darem um coração tão bom, tão compreensivo, tão tenro, tão paternal que todos saiam, do encontro comigo, consolados, mais serenos, mais felizes do que antes”. (TORI, 07/07/1969 *apud* TONELLI, 2021, p. 145).

⁶⁴ “Dou notícias, para transmitir-lhe a alegria de estar aqui, de trabalhar com este povo, com estas dificuldades, no meio destas necessidades e destas misérias verdadeiramente grandes. Devo escrever-lhe para dizer-lhe que me esforço em viver bem, com frutos, meu sacerdócio, em plenitude, mesmo com algumas dificuldades. Aqui, a realidade estimula-nos, fustiga-nos e sacode-nos para agir, talvez até demais, em detrimento da oração tradicional. Não me sinto vazio. Pelo contrário, é fato que a oração, no sentido tradicional, é difícil.

O que aqui existe de maravilhoso é a liberdade absoluta do espírito, da ação, da vida pastoral. Liberdade, para nós, é estímulo a fazer, doar-nos, multiplicar as experiências.” (TORI, 11/12/ 1969 *apud* TONELLI, 2021, p. 145-146).

(...) Il lavoro è tutto in solido e collaborazione, Anche la vita spirituale è comunitaria: meditazione, alcune ore dell'Ufficio, Confessione comunitaria in senso stretto e proprio del termine. Programmazione pastorale settimanale preventiva. Insomma una vera comunità con difficoltà, ma tirata avanti con fede e con sicurezza che è un grande valore. Un altro passo avanti è stato fatto a riguardo dei poveri scoperti, visti e amati, come il Cristo stesso: con questo cresce il desiderio di dedicarsi a loro con disinteresse con slancio. Così ci siamo liberati di tante strutture che pensiamo nocive al nostro sacerdozio e alla vita spirituale, per camminare più nella libertà dei figli di Dio". (TORI, 11/12/1969).⁶⁵

Vi scrivo all'inizio di questa giornata di Giovedì Santo, in cui sento ancora una volta il cuore traboccante di felicità e di gratitudine a Dio, per avermi chiamato ad essere suo sacerdote: oggi è il giorno in cui Cristo ha istituito il sacerdozio con la S. Eucaristia. Così mi sento felice per il fatto di esser qui al lavorare in un campo così vasto e bisognoso. (TORI, 03/03/1971).⁶⁶

⁶⁵ (...) O trabalho é todo em colaboração conjunta. Também a vida espiritual é comunitária: meditação, horas de ofício e confissão, no sentido estrito do termo. Programa-se a pastoral semanal preventiva. Afinal, somos uma verdadeira comunidade, com dificuldades, mas a caminhar com fé, na certeza que ela é de grande valor. Outro passo à frente deu-se no respeito aos pobres, descobertos, vistos e amados, como o próprio Cristo. Com isso, cresce o desejo de dedicarmo-nos a eles, com desinteresse, com entusiasmo. Assim, nos libertamos de muitas estruturas que julgamos danosas a nosso sacerdócio e à vida espiritual, para caminhar mais na liberdade dos filhos de Deus". (TORI, 11/12/1969 *apud* TONELLI, 2021, p. 146).

⁶⁶ "Escrevo-lhes no início deste dia de Quinta-feira Santa, em que sinto mais uma vez o coração cheio de felicidade e de gratidão a Deus, por ter-me chamado a ser sacerdote. Hoje é o dia em que Cristo instituiu o sacerdócio com a Santa Eucaristia. Assim, sinto-me feliz por estar aqui, a trabalhar em campo tão vasto e necessitado." (TORI, 03/03/1971 *apud* TONELLI, 2021, p. 146).

Sento solo l'amarezza di non essere all'altezza del compito: per cui chiedo al Maestro, e voi chiedetela con me, la grazia della fedeltà e della generosità nel servirlo e di essere strumento docile nelle sue mani divine, per compiere le meraviglie della salvezza, in me e negli altri. (TORI, 03/03/1971).⁶⁷

Qui va tutto bene: le difficoltà sono molte, alcune ce le trasciniamo dentro di noi altre ci si presentano dall'esterno più o meno grosse e difficili da superare. Ma con fiducia in Dio e nel Cristo che ci à chiamati a servirLo ed a servire il suo Vangelo in questa terra, cerchiamo di superarle e siamo certi di farcela... anche se con molto sforzo. (...) Grazie a Dio accanto alle difficoltà ci sono anche molte gioie e mai manca la interiore serenità di chi confida in Qualcuno più grande di lui. Così confido molto nella preghiera delle persone che accompagnano il nostro lavoro apostolico, che non avrebbe nessuna efficacia se non fosse sostenuto e garantito da grazia di Dio. (...). Quante volte io penso: se al mio posto ci fosse uno più capace e migliore farebbe meglio, ma Dio non disprezza il poco che riusciamo a fare... Essere umili significa prima di tutto riconoscerci per quello che siamo, serenamente senza angustie. (TORI, 14/10/1972).⁶⁸

⁶⁷ Só sinto a amargura de não estar à altura do dever a cumprir. Por isso, peço ao Mestre e vocês peçam comigo, a graça da fidelidade e generosidade para servi-lo e ser instrumento dócil em suas mãos divinas, para cumprir as maravilhas da salvação, em mim e nos outros." (TORI, 03/03/1971 *apud* TONELLI, 2021, p. 146).

⁶⁸ "Aqui, está tudo bem. As dificuldades são muitas. Algumas arrastamos dentro de nós. Outras vêm de fora, mais ou menos grandes e difíceis de superar. Mas, com a confiança em Deus e em Cristo que nos chamou a servi-lo e a servir seu Evangelho nesta terra, tentamos superá-las. Temos a certeza de conseguir (...) mesmo com muito esforço. (...) Graças a Deus, com as dificuldades existem, também, muitas alegrias. Nunca falta a serenidade interior de quem confia em Alguém maior do que ele. Assim, confio muito na oração das pessoas que acompanham nosso trabalho apostólico. Ele não teria eficácia alguma, se não fosse apoiado e garantido pela graça de Deus. (...) Quantas vezes, eu penso. Se em meu lugar estivesse alguém mais capaz e melhor, faria melhor, mas Deus não despreza o pouco que conseguimos (...) Ser humilde significa reconhecer quem somos, serenamente, sem angustias." (TORI, 14/10/1972 *apud* TONELLI, 2021, p. 146-147).

Preghiera Quotidiana⁶⁹

O Gesù, che ti sei immolato tra le mie mani, che mi hai nutrito con le tue carni immacolate e che rimarrai tutto il giorno per me nel S. Tabernacolo, sii il sole della mia giornata: sii il movente, il compagno, il fine delle mie azioni. Ti porterò nel mio cuore tutta la giornata e tu, a sera, fammi riposare tra le tue braccia, nel tuo cuore. Gesù, sii il mio amico, il mio sostegno, la mia gioia, il mio tutto. O Gesù, io credo al tuo amore per me; perciò confido in te, e mi abbandono nelle tue braccia come un bimbo. Ti offro i miei peccati, l'unica cosa veramente mia che possiedo. Fammi umile e piccolo come un fanciullo. Voglio vivere in intimità con te; essere la lampada che si consuma davanti al S. Tabernacolo; voglio parlare con te; voglio dirti tutto quello che mi succederà durante la giornata, come ad un amico: sii il mio confidente.

*Fa' che ti ami e ami te solo. Nessuno deve entrare qui dentro, nel mio cuore che è tuo. Guai se tu ti allontani da me. Gesù, tienimi la mano sul capo, conducimi per mano, come due piccini si tengon per mano lungo il cammino.*⁷⁰

⁶⁹ Oração composta por Pe. Lourenço, no dia anterior a sua ordenação sacerdotal e que levava consigo.

⁷⁰ "Ó Jesus, você que se imolou em minhas mãos, que me alimentou com seu corpo imaculado e que ficará o dia todo no Santo Sacrário, seja o sol de minha jornada. Seja o movente, o companheiro e o fim de minhas ações. Levar-lhe-ei em meu coração o dia todo e você, à noite, me faça repousar em seus braços, em seu coração. Jesus, seja meu amigo, meu sustento, minha alegria, meu tudo. Ó Jesus, acredito em seu amor por mim. Por isso, confio em você e me abandono em seus braços, como uma criança. Ofereço-lhe meus pecados, a única coisa minha de verdade que possuo. Faça-me humilde e pequeno como uma criança. Quero viver em intimidade com você, ser a lâmpada que se consome em frente ao Santo Sacrário. Quero falar com você. Quero dizer-lhe tudo que acontecer comigo durante o dia, como a um amigo. Seja meu confidente.

Faça que eu lhe ame e ame somente a você. Ninguém deve entrar aqui dentro, em meu coração, que é seu. Nunca se afaste de mim. Jesus, mantenha sua mão sobre minha cabeça. Conduza-me pela mão como duas crianças se dão as mãos no caminho."

O Gesù, che non si oscuri mai nella mia mente la visione della mia grandezza soprannaturale come Sacerdote. La fede nella grandezza soprannaturale del mio sacerdozio mi tenga lontano da tutto quello che lo può svilire.

Gesù, voglio donarmi senza risparmio a chiunque mi chiami. Ho solo doveri e non diritti. O Gesù, dammi una generosità somma nel servire i miei fratelli. Fa' che io veda in essi te. Allora sarà più facile per me dar loro il giusto valore. Fa' che io ami i bambini, i giovani, gli ammalati, i sofferenti nell'anima e nel corpo. Vorrei che tu stesso parlassi ed agissi in me nei loro confronti. L'obbedienza sia la stella delle mie virtù: contemplando te, Signore, voglio imitarti. Sono presuntuoso, lo vedo, ma sei tu che lo vuoi. Persuadimi che farò bene quando sarò obbediente. Qui sta la mia forza. Che risplenda come faro la mia purezza nel parlare, nel guardare, nel pensare, nell'amare.

Gesù, il pensiero della messa di oggi e di domani sia la mia difesa. Poi fa' che io sia contento, per far contenti anche gli altri: tu mi vuoi più bene se so sorridere a Te nel Tabernacolo e nel prossimo.⁷¹

⁷¹ Ó Jesus, nunca se obscureça em minha mente a visão de minha grandeza sobrenatural, como sacerdote. A fé na grandeza sobrenatural de meu sacerdócio afaste-me de tudo que possa aviltá-lo.

Jesus, quero doar-me, sem me poupar, a quem me chamar. Tenho somente deveres e não direitos. Ó Jesus, dá-me grande generosidade para servir a meus irmãos. Faça que lhe veja neles. Então será mais fácil para mim, dar a eles o justo valor. Faça que eu ame as crianças, os jovens, os doentes, os sofredores, na alma e no corpo. Gostaria que você mesmo falasse e agisse com eles, por mim. A obediência seja a estrela de minhas virtudes. Ao contemplar você, ó Senhor, desejo imitá-lo. Sou presunçoso, sei, mas é você quem quer isso. Convince-me que farei bem quando for obediente. Aqui está minha força. Que resplandeça, como farol, minha pureza no falar, olhar, pensar e amar.

Jesus, o pensamento da missa de hoje e de amanhã seja minha defesa. Faça ainda que seja alegre, para alegrar também os outros. Você me quer bem, se souber sorrir a Você no Sacrário e no próximo.

*O Maria beneditemi voi. Siatemi mamma oggi. Accompagnatemi, amatemi, custoditemi, aiutatemi. Datemi la vostra benedizione. Mi incammino in questa giornata in nomine Domini!*⁷² (TORI, 24/06/1961).

REFERÊNCIAS

ADOBE STOCK. **Porto de Genova veduta dall'alto**. 2023. Disponível em: <https://stock.adobe.com>. Acesso: 02 jul 2023.

CORÉLLI. **Conheça Arona**. 2023. Disponível em: <https://juma.com.br>. Acesso: 02 jul 2023.

TONELLI, Gabriella. Uomo di Dio e Prete Degli Uomini. In: BARRETO, Edson; ARAÚJO, Marajana. (Org.). **A Vida e a Vida de Padre Lourenço**. Academia de Letras de Paulo Afonso, 3 ed., p. 139-147, Paulo Afonso: Fonte Viva, 2021.

TORI, Lorenzo. **Carta ao Irmão Anselmo**. Seminário de Arona, em 1º de abril de 1959.

_____. **Carta ao Irmão Anselmo**. Seminário de Novara, em 5 de fevereiro de 1960.

_____. **Carta ao Irmão Anselmo**. Seminário de Novara, em 30 de março de 1960.

_____. **Carta ao Irmão Anselmo**. Seminário de Novara, em dezembro de 1960.

⁷² Ó Maria, abençoe-me. Seja minha mãe hoje. Acompanhe-me, ame-me, guarde-me, ajude-me. Dê-me sua bênção. Encaminhe-me, nesta jornada, *in nomine Domini!*" (TORI, 24/06/1961).

_____. **Carta ao Irmão Anselmo.** Seminário de Novara, em fevereiro de 1961.

_____. **Carta ao Irmão Anselmo.** Seminário de Novara, em 19 de março de 1961.

_____. **Carta ao Irmão Anselmo.** Seminário de Novara, em 13 de junho de 1961.

_____. **Carta ao Irmão Anselmo.** Lovario, sem data.

_____. **Carta a Giovanni Vandoni, padre Espiritual no Seminário.** Montescheno, em 12 de março de 1969.

_____. **Carta a Giovanni Vandoni, padre Espiritual no Seminário.** Navio Augustus, em 8 de abril de 1969.

_____. **Carta à Irmã Maria e aos Familiares.** Paulo Afonso, em 7 de julho de 1969.

_____. **Carta a Giovanni Vandoni, padre Espiritual no Seminário.** Paulo Afonso, em 11 de dezembro de 1969.

_____. **Carta à Irmã Maria e aos Familiares.** Paulo Afonso, em 3 de março de 1971.

_____. **Carta à Irmã Maria.** Paulo Afonso, em 14 de outubro de 1972.

_____. **Pregliera Quotidiana.** Novara, em 24 de junho de 1961.

3.3 NOSSO AMADO PADRE

Aníbal Alves Nunes⁷³

Introdução

Mário Lorenzo Tori, nasceu no dia 3 de maio de 1936, no seio da humilde, numerosa e acolhedora família de Gregorio Tori e Generosa Pidroni, em pequena comunidade pastoral da Diocese de Novara, na cidade de Montescheno, pertencente à Província de Verbanco-Cusio-Ossola, região do Piemonte da Itália.

Ainda garoto, estudou as primeiras séries escolares em Montescheno onde se definiu sua vocação sacerdotal. A partir daí, sua propensão conduziu-o, inicialmente, ao seminário de Miasino, depois, ao de Arona e, finalmente, ao de Novara onde, em 25 de junho de 1961, concluiu Teologia, ordenou-se padre e exerceu o ministério até 1962, quando assumiu a paróquia de Lovario.

Seus companheiros, em Montescheno, Miasino, Arona e Novara classificavam-no como jovem de espírito alegre, artístico, musical, trabalhador, amante da justiça, da cultura de seu povo e, principalmente, amigo das pessoas mais carentes.

Quatro anos em Paulo Afonso

Em sua curta temporada em Paulo Afonso (de 1969 ao início de 1973), Padre Lourenço concretizou sonhos de muitas

⁷³ Conforme referência 93, p. 219.

peças humildes, pobres, desempregadas, sem recursos, instrução, saúde e moradia. Deixou lembranças nas mentes e muito amor nos corações do povo de Paulo Afonso. (Fig. 1 a 7).

Figura 1 – Lourenço em Paulo Afonso



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1972)

Figura 2 – Lourenço em Paulo Afonso



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1972)

Figura 3 – A concelebrar, com Alcides Modesto e Mário Zanetta



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1972)

Figura 4 – A celebrar, em capela do interior da Diocese



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1972)

Figura 5 – A findar a celebração



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1972)

Figura 6 – A findar a celebração



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1972)

Figura 7 – Com agricultores



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1972)

Ele foi bravo lutador por espaço e habitação aos moradores do Riacho do Grito, da Baixa Funda, das Olarias e áreas onde se abriu um canal de 800 m de comprimento, 60 m de largura e 15 m de profundidade. (Fig. 8). De forma similar, exigiu indenização justa às famílias do lugar onde se implantou a Usina PA-4 e seu respectivo reservatório.

Figura 8- Canal que se abriu para o reservatório da Usina PA-4



Fonte: Galdino (2023)

Em parceria com os padres Mário Zanetta e Alcides Modesto, muitas vezes, interveio contra a polícia, quando ela executava mandado judicial de desapropriação. Junto às autoridades, ele exigia respeito aos filhos abortivos do progresso republicano presidencialista das oligarquias, que a Ditadura Militar, sob o comando do General Emílio Garrastazu Médici, dizia estar a promover ao Nordeste. Não permitia que fossem desalojados e abandonados à própria sorte.

Por ironia da história, pela ação cristã do bispo Dom Jackson Berenguer Prado e de seu companheiro Padre Mário, a Diocese de Paulo Afonso inaugurou o Cemitério que ele implantou, sepultando nele seu corpo e atribuindo-lhe seu bendito nome. (Fig. 9).

Além dessa homenagem, o poder público municipal epitetou ruas com seu designativo, no Bairro Tancredo Neves e no centro da cidade, onde ele se reunia com as senhoras Rizalva Toledo, Zefinha Salvador, Graça, Maria José Almeida e outras pessoas da comunidade. (Fig. 10). Alguns anos depois, honrou-

se a ele no Bairro Panorama, com a construção da Igreja São Lourenço, no exato local onde tragicamente ele foi acidentado. (Fig. 11).

Figura 9 – Pórtico do Cemitério Padre Lourenço Tori



Fonte: Matias (2020), adaptado pelo autor

Figura 10 – Rua Padre Lourenço Tori, no Bairro Tancredo Neves



Fonte: Moura (2017), adaptada pelo autor

Figura 11 – Igreja edificada no local onde Lourenço Tori faleceu



Fonte: Galdino (2023)

Realizando sonhos

Centenas de famílias desabrigadas conduziram-se a extensa área do Bairro Mulungu (atual Tancredo Neves), doada pelo prefeito Dr. Edson Teixeira Barbosa. Sob seu comando, a Prefeitura de Paulo Afonso urbanizou, delimitou e entregou documentação à maioria dos reassentados. (Fig. 12 e 13).

Figura 12 – Famílias desabrigadas



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

Figura 13 – Famílias desalojadas conduziram-se ao Bairro Mulungu



Fonte: Galdino (2023)

Os padres Mário Zanetta e Lourenço Tori tiveram papel fundamental na edificação das moradias. (Fig. 14). Para construírem-nas, em regime de mutirão e parceria com a Prefeitura, várias empreiteiras e administradores da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), conseguiram muito material de construção e outras doações.

Figura 14 – Mário Zanetta e Lourenço Tori



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1969)

Muitos doadores

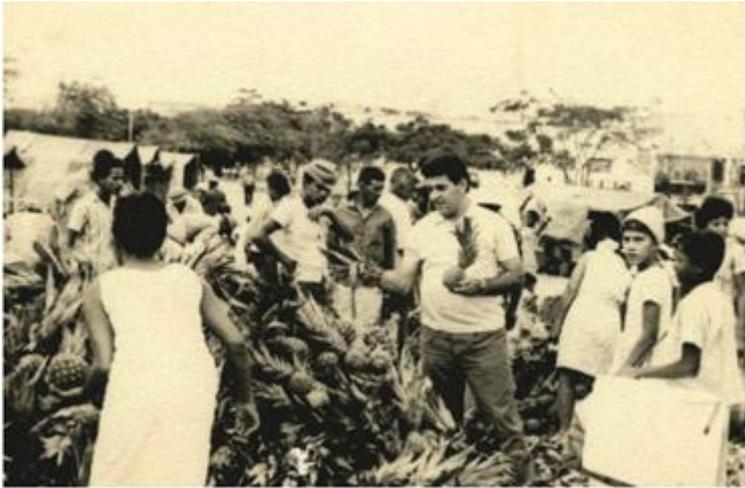
Iniciativa exemplar foi a do senhor José Bezerra da Silva, popular Zezito, diretor da Construtora Irmãos Bezerra Ltda (CIBEL). Ele doou toda produção de uma semana, de tijolos e telhas das olarias do Riacho do Grito. Com os caminhões da empresa, transportou todo material ao local do mutirão.

Outros empresários seguiram seu exemplo, na mesma linha de cooperação. Pedro da SACOL contribuiu com trabalhadores e dinheiro; Edmar Azevedo da CINOC, ajudou com madeira e mão de obra; Gilvo de Castro colaborou com material de acabamento e mão de obra; Alonso Maciel, da rede de supermercados Pesqueira, participou com o fornecimento de centenas de sacos de cimento e José Gomes de Souza patrocinou e forneceu material hidráulico, para as redes de abastecimento e coleta de esgoto.

Os mutirões

A partir do momento que se efetivavam as doações, iniciavam-se os mutirões, com pequenos grupos de trabalhadores em cada casa. Ao final de toda semana, entregavam-se as residências, praticamente prontas, a seus proprietários. A cada conjunto de domicílios prontos, promovia-se ritual de entrega, com orações e modestas festas. (Fig. 15). Ao receber a chave de sua casa, a maioria das pessoas contempladas sorria e chorava, concomitantemente, porque realizava o sonho de aconchegar-se com sua família, em casa própria.

Figura 15 – Padre Lourenço a preparar a festa de entrega das casas



Fonte: Acervo fotográfico da Editora Fonte Viva (1972)

Nos intervalos das refeições e dos lanches, sempre ocorriam orações e entretenimentos. Nessas programações, Mário e Lourenço contavam com apoio do Padre Alcides, Professor Antônio, das irmãs Catarina e Rita, bem como de muitos outros colaboradores que sempre se faziam presentes, em todos os lugares onde havia obras sociais e mutirões. (Fig. 16 e 17).

Figura 16 – Alcides Modesto, as irmãs Rita e Catarina, com Lourenço



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1972)

Figura 17 – Lourenço com Alcides Modesto e irmãs Rita e Catarina



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1972)

A alegria sempre acompanhava o padre Lourenço. Ele adorava animar as pessoas deprimidas ou doentes. Sempre se fazia presente nas ruas, nos bairros e povoados, para celebrar missas, rituais litúrgicos diversos e reuniões com agricultores, em defesa de suas causas, de seus interesses. (Fig. 18).

Figura 18 – Padre Lourenço em celebração, com famílias dos bairros



Fonte: Acervo fotográfico da Editora Fonte Viva (1972)

Eventos abençoados

Certa vez, na abertura da festa natalina da Rua Alto Novo, Padre Lourenço abraçou Dona Zefinha Salvador que, além de ajudar a promover o evento, tinha um grupo de pastorinhas que frequentavam a escola para crianças e jovens daquelas imediações. Com muito entusiasmo, disse: Dona Zefinha, esta missa nós celebramos para que nosso Deus abençoe esta festa natalina e o trabalho maravilhoso que a senhora faz com seus estudantes. Favoreça, também, as belas meninas do pastoril que, com sua dança e canto, encheram os olhos e

massagearam os ouvidos do povo presente. Deus abençoe e proteja seus projetos.

Quando imaginava que o padre tivesse saído apressado em sua moto, como sempre o fazia, para atender a outro compromisso, encontrou-o rodeado de crianças, a cantarolar cantigas de roda, a rir e gargalhar com elas.

Convívio com as crianças

As pessoas que conheceram Padre Lourenço, sabem o quanto ele era impressionante, futurista, sensível e de comunicação fácil. Relacionava-se com pessoas de todos os níveis sociais, principalmente com os idosos e as crianças. (Fig. 19).

Figura 19 – Relacionava-se bem com as crianças



Fonte: Acervo fotográfico da Editora Fonte Viva (1972)

Certa vez, no pátio interno da Casa da Criança I, atrás da Igreja Nossa Senhoras de Fátima, ele aproveitou o tempo do recreio. Sentou-se ao chão, em meio a muitas crianças e perguntou:

Vocês sabem por que Jesus dizia: deixai vir a mim as criancinhas? Todos responderam, em uma só voz: Não. Então, ele mesmo respondeu: porque é delas o Reino do Céu. Entusiasmadamente, as crianças o aplaudiram.

Outras que se encontravam em recreio aproximaram-se. Formou, então, dois grandes círculos concêntricos, com movimento de direções contrárias. No centro de ambos os círculos, ele cantava e fazia todas cantarem: ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar. Quando findaram a música, ordenou que todas parassem e fizessem silêncio. Conversou, calmamente, a fitar os olhos de cada uma. Aconselhou a todas e voltou a cantar: Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar. Quando menos se esperava, a anunciar o final do recreio, a campainha tocou. As crianças abraçaram o padre como a pedir que ficasse um pouco mais. As professoras, coordenadoras, diretora e funcionários assistiam à cena, estupefatas e com alegria. Despediu-se, com aceno a todos. Abraçou algumas mais e evadiu-se com sua moto, em disparada, para outro compromisso. Deixou aquele salão, com professoras e crianças a acenar, com saudade.

Reunião com lideranças

Outra vez, em frente à residência do líder comunitário e desportista Antônio Galdino da Silva (popular Bala) no Bairro Tancredo Neves, ele ouviu queixas de vários moradores, sobre a falta de emprego, alimentação, medicamentos, assistência médica e, principalmente, a respeito do aumento da violência nos bairros e áreas periféricas.

Anotou as reclamações e encaminhou-as aos poderes competentes. Em pouco tempo, as secretarias de saúde e segurança, a prefeitura e administradores da CHESF

disponibilizaram lotes de terra, material de construção, cestas básicas e emprego nas empreiteiras, aos necessitados⁷⁴.

Poucos dias depois, graças à intervenção dele e de Padre Mário cadastraram-se 300 famílias, para receberem cestas básicas, assistência médica, social, psicológica e, sobretudo, moradia digna. A maioria delas compunha-se de casais, com filhos desempregados, pouca instrução e sem profissão definida. Alguns meses depois, a maioria daqueles núcleos de parentela estava com a vida definida. Os homens haviam feito cursos de pedreiro, eletricista, armador, carpinteiro e soldador. As mulheres tinham aprendido a fazer tricô, crochê, corte e costura, culinária e artesanato. Graças ao apoio deles, realizaram seus sonhos. Hoje, lembram com satisfação, o quanto lhes foi benéfica a parceria com os missionários italianos.

Entre o frenesi das festas e o agito das escavações

O dia 3 de fevereiro de 1973 foi um sábado quente, muito agitado. Nos finais de semana, engenheiros, encarregados e mais de oito mil trabalhadores ansiavam por bater o cartão, ir para casa, tirar a poeira da roupa, pagar as contas e divertir-se um pouco nos clubes CPA, COPA, CREIA e Olímpico. Havia quem preferisse os bares Royal Drinks, Skinão, *Night Fever* e Das Cordas ou o Sinucas de Alicípio. Muitos optavam por frequentar o Restaurante da Parada, Rei da Caça, Palmeira Lanches ou saborear sorvetes na Botijinha e no Polimar. Os jovens mais-queriam passear na Libanesa, ver as meninas no

⁷⁴ Naquela época, aos bairros Mulungu e Rodoviário chegavam milhares de sertanejos de várias partes do Nordeste. Fugiam da seca e pobreza extrema, em busca de emprego e melhores condições de vida para suas famílias.

Parque Lima ou virar as noites nas boates que mantinham o furdunço até o amanhecer do dia seguinte.

Naqueles dias, haviam-se iniciado as escavações do canal de desvio para o reservatório da Usina PA-4. Todo material retirado do solo e subsolo estava-se a depositar em paredão que se erguia no entorno da cidade. Enquanto a escavadeira *Bussara* acumulava montanhas de material, enchedeiras abasteciam os caminhões *Euclid*, a transitarem dia e noite, pelo canal e adjacências, com grandes matações, blocos, cascalhos, brita e areia que se destinava à construção do gigantesco muramento.

Entre o intenso movimento de escavadeiras e caçambas, centenas de trabalhadores moviam-se, ininterruptamente, em todo o canteiro, desde o Bairro Centenário até a extremidade sul do cânion artificial que se estava a abrir. Alguns operavam grandes escavadeiras e/ou gigantescas perfuratrizes. Outros confeccionavam formas de madeirite para concreto, faziam terraplanagem, abriam profundas valas, assentavam tubulações, soldavam, armavam aço, e pregavam madeira. Tudo faziam com exaustiva sofreguidão, para atenderem ao comando de dezenas de administradores, vários fiscais e alguns chefes a exigirem absoluta celeridade, necessária ao cumprimento dos prazos que o propalado desenvolvimento do Nordeste demandava.

O trágico acidente

Numa encruzilhada, bem próximo ao bairro BNH (atual Amaury de Menezes), em meio a intensa poeira que se formava com o tráfego de veículos pesados, em sua inseparável moto, Padre Lourenço foi tragicamente atropelado por um caminhão basculante. Apavorado, ao ver que o havia

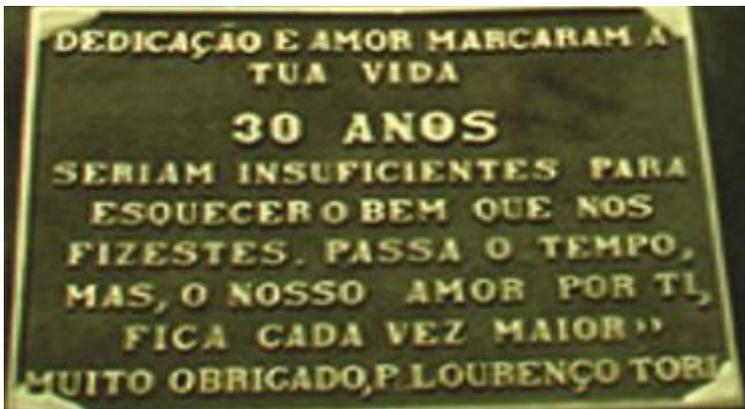
abalroado, o jovem motorista abandonou o veículo no local da tragédia e evadiu-se. Com o corpo completamente dilacerado, Padre Lourenço morreu no local onde, 30 anos mais tarde, junto à igreja, postou-se placa em memória. (Fig. 20 e 21).

Figura 20 – Local onde, em 3/02/1973 se acidentou o Padre Lourenço



Fonte: Galdino (2023)

Figura 21 – Placa em memória de Padre Lourenço Tori



Fonte: Galdino (2023)

Com a triste notícia, toda população comoveu-se profundamente. As pessoas com quem ele convivia, prantearam-se. Desesperadamente, parentes e amigos abraçavam-se em recíprocos soluços de tristeza e dor. Conduziu-se seu corpo ao Hospital Nair Alves de Souza, onde foi devidamente preparado e liberado para velório e sepultamento.

Adeus a Padre Lourenço

Expôs-se o corpo de Padre Lourenço, para visitação, na Igreja Nossa Senhora de Fátima. Daquele templo, no entardecer do domingo, acompanhado por milhares de pessoas, seguiu em cortejo para o cemitério que ele, com seu companheiro Padre Mário Zanetta, havia construído. O clamor tomou conta do povo que seguia o cortejo fúnebre, principalmente das crianças das escolas que ele ajudara a construir. (Fig. 22 a 24). Percebia-se muita dor e pranto nos rostos das funcionárias da cúria, professoras das escolas Casa da Criança, devotas de Maria e do Sagrado Coração de Jesus.

Figura 22 – Túmulo original de Lourenço Tori



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1973)

Figura 23 – Com padres de Novara, celebrou-se missa em memória



Fonte: Acervo Fotográfico do IMZLT (1973)

Figura 24 – Com padres de Novara, celebrou-se missa em memória



Fonte: Acervo Fotográfico do IMZLT (1973)

Milhares de pessoas e admiradores, missionários, padres e religiosos de toda a região fizeram-se presentes, para despedirem-se do padre sorridente, festivo e companheiro das crianças, idosos, pobres e oprimidos.

Após o cortejo, autoridades eclesiásticas, padres, freiras, diáconos, religiosos e pastores evangélicos realizaram ato ecumênico em frente à capela do cemitério, em memória do

bondoso padre, cidadão simples e lutador que fez história em Paulo Afonso e na região.

REFERÊNCIA

GALDINO, Antônio. **Padre Lourenço Tori – 50 anos de saudades**. 2023. Disponível em: <https://www.folhasertaneja.com.br>. Acesso: 21 jun 2023.

MATIAS, Galilleu. **Cemitério Padre Lourenço Tori**. 2020. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 29 jun 2023.

MOURA, Fabíola. **Nossa Rua Padre Lourenço, em Paulo Afonso**. TV Caatinga – YouTube, 2017. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br>. Acesso: 29 jun 2023.

TV FONTE VIVA. **Vida de Dom Mário Zanetta**. Paulo Afonso: Fonte Viva - YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 24 jun 2023.

3.4 DEZESSEIS ANOS SEM ELE⁷⁵

Maria José Rodrigues Vieira⁷⁶

Todas as manhãs, invariavelmente, o bom observador via-o passar, veloz, em sua moto. Cabelos em desalinho. Olhos fixos na estrada. Na mente, uma missão a realizar.

la em busca dos companheiros da vida, para dar-lhes o alento e a força que sua presença transmitia, o afago na cabeça das crianças e o pensamento no que havia de mais importante a fazer.

Seus passos construíram pontes de intercâmbio entre o homem e a **Ciência**, entre a miséria humana e o **Espírito**.

E pensar que ele veio do além-mar, para aqui se doar, entregar-se até o mais profundo amor, pelo serviço a Deus e aos irmãos, preferencialmente aos mais carentes. (Fig. 1).

Velozmente, como era seu jeito de agir, ele se foi. Caiu como uma árvore, que em momento de vento forte, tomba, à beira do caminho. Mas deixou muito de si, nas sementes que plantou, nas terras deste sertão nordestino.

Deixou a grandeza do trabalho desinteressado, a lembrança forte nas mentes de quem o conheceu e o forte **Espírito** a abrigar-se na memória dos que percorrerão os mesmos caminhos um dia trilhados por ele.

⁷⁵ Texto publicado no Informativo Diocesano de Paulo Afonso, em 3 de fevereiro de 1989.

⁷⁶ Conforme referência 94, p. 235.

Figura 1 – Ele veio do além mar, para aqui se doar



Fonte: Jornal Folha Sertaneja Online in Barreto; Araújo (2021)

REFERÊNCIA

BARRETO, Edson; ARAÚJO, Marajana. Padre Lourenço Tori – Alma Mística – 48 anos de Saudades! Memória Viva. 2021. Disponível em: <https://www.folhasertaneja.com.br>. Acesso: 21 jun 2023.

3.5 VIDA VELOZ⁷⁷

Maria José Rodrigues Vieira⁷⁸

A avenida era larga, sem asfalto, de terra batida. O comércio fazia-se em apenas um lado dela. Como a se protegerem, as casas pegavam-se umas às outras, em estilo colonial empobrecido. Pela imigração de famílias originárias de todo Brasil, a população da cidade era diversificada.

Por trás da fila de casas comerciais da Avenida Getúlio Vargas, espalhavam-se residências populares, a mostrarem a pobreza da Vila Poti, nome que se atribuiu-lhe, em função dos primeiros casebres terem sido cobertos com sacos vazios de cimento Poty. Do outro lado da avenida, havia robusta cerca de arame farpado, para protegerem-se as obras da hidrelétrica e os funcionários qualificados. Ao longo da divisória que iniciava no Quartel do Exército implantaram-se três guaritas, com guardas armados a controlarem quem entrava e saía da vila Operária. Exigiam apresentação de documentos para autorizar a quem precisasse entrar no acampamento. Era uma cidade dentro da cidade de Paulo Afonso.

No acampamento implantaram-se grandes jardins, bem cuidados em tempos de chuva e de seca. Havia água em abundância nas lagoas artificiais e nas torneiras. Era algo bonito de se ver, orgulho dos operários que residiam por trás da cerca de arame farpado.

Na Vila Poti, a pobreza era geral. Fornecia-se água e chafarizes. Poucas casas eram confortáveis. Havia muitos casebres de taipas, bodegas onde se vendia de tudo e pequenos bares.

⁷⁷ Com base no livro *Passagem ou Estrelas no Caminho*, da mesma autora.

⁷⁸ Conforme referência 94, p. 235.

Rebanhos de cabras, porcos, cavalos e bois perambulavam soltos pelas ruas.

Na Vila Poti, a feira livre acontecia ao longo da Avenida. Com grandes dificuldades, as escolas conveniadas com o Estado e a Igreja Católica cuidavam do ensino da infância e juventude pobre. Os mais abastados estudavam em escolas particulares.

Elogiava-se, na época, no alto nível de ensino da CHESF, nas Escolas Reunidas de Paulo Afonso (ERPA) onde estudavam os filhos dos trabalhadores graduados da empresa. Era um complexo de cinco escolas. Nelas se fazia o ensino primeiro e segundo graus. Tinha cursos profissionalizantes de Eletrônica, Eletrotécnica, Técnicas Agrícolas e Enfermagem, nessas.

O sistema bancário e a feira dos acampados sediava-se dentro do acampamento. Nele havia dois clubes: Clube de Paulo Afonso (CPA) e Clube Operário de Paulo Afonso (COPA). Entre os operários percebia-se sutil divisão de classes sociais, na distribuição espacial das residências.

Evidente mesmo era a separação das duas cidades, principalmente nos feriados. Cada qual obedecia a comandos administrativos diferentes, obedecidos por uma, desobedecidos pela outra. Se não causassem transtornos recíprocos aos moradores, até que seriam engraçados.

Pelo salário, status e mordomia, trabalhar na Companhia Hidroelétrica do São Francisco era o sonho de todo trabalhador que, vindo da maioria dos estados nordestinos e de outros rincões do país, chegava em Paulo Afonso. Quem fosse funcionário da empresa tinha poder. A ele abriam-se as portas do comércio local. Vendia-se tudo, se quisessem comprar a prazo, numa demonstração de total confiança no prestígio.

Assim era a cidade que missionários italianos, Lourenço Tori e Mário Zanetta, encontraram, quando chegaram em Paulo Afonso. Eu cheguei um ano depois. Encontrei a cidade

conforme este relato. Dá para imaginar o impacto que sentiram, saídos que foram de um país desenvolvido para solidarizar-se com os pobres dessa cidade tão cheia de contrastes físicos e humanos.

Eles e eu morávamos à Avenida Getúlio Vargas. Eu residia na casa número 1030. Na casa dos padres, quinta residência ao sul da minha, viviam eles e frequentes missionários visitantes a quem acolhiam com típica hospitalidade italiana.

Os padres Lourenço Tori e Mário Zanetta chegaram em Paulo Afonso no início de 1969, para trabalharem na pastoral da região. Foram recebidos por padre Alcides Modesto Coelho, com quem formaram grande parceria na ação social e espiritual. (Fig. 1)

Figura 1 - Padres Mário Zanetta, Alcides Modesto e Lourenço Tori



Fonte: João de Sousa Lima *in* Barreto; Araújo (2021)

Nos idos de 1970, a população da comunidade de “60 casas” reunia-se em uma praça do bairro, hoje Nossa Senhora Perpétuo Socorro, para rezar novenas. Padre Lourenço sensibilizou-se com aquela iniciativa e idealizou a construção de uma igreja no local. Da ideia à ação foi ligeiro. Inspirado nos pescadores do Rio São Francisco, desenhou a planta de um templo com formato de barco. Quis a fatalidade que o idealizador do projeto não o visse concluído. A três de

fevereiro morreu atropelado por uma caçamba, enquanto visitava outra obra que acompanhava de perto: a construção da igreja São Lourenço, na entrada do bairro BNH.

Concomitantemente, construía também o Cemitério Novo, para onde seriam transferidos os corpos de antigo campo-santo a ser inundado pelas águas de um lago que a Companhia Hidrelétrica do São Francisco estava a implantar. Finda sua construção, por ironia do acidente, o corpo de Padre Lourenço foi o primeiro a ser sepultado nele.

Nesse período, existiam duas correntes evangelizadoras com práticas completamente diferentes dentro da Igreja Católica. A conservadora tinha ação tradicionalista. Dizia que o Concílio Vaticano II promovia danos à fé e ao povo católico. Os seguidores da igreja progressista, por sua vez, realizavam práticas vinculadas à vida das pessoas. Faziam de sua fé uma imersão nos conflitos, lutas, derrotas e vitórias dos pobres. Celebravam a fé na vida. Essas práticas antagônicas geraram divisões profundas e marcantes dentro da igreja de Paulo Afonso.

Numa cidade cheia de contrastes, com a maioria da população em extrema pobreza, o que sustentava o povo era a fé. Os missionários das terras longínquas encontraram assim, terreno fértil para a missão. Libertavam o povo de tudo que o oprimia, conforme Paulo VI recomendava na carta *Evangelii Nuntiandi*.

Essa prática não dissociava o evangelho da vida. Fazia com que tudo se vivesse à luz do Evangelho de Cristo. Lembro-me de uma frase que ainda hoje me vem à memória: O que faria Jesus diante desse fato?

Vivíamos em pleno regime militar. Na casa dos padres, chegavam e saíam missionários. Vinham de alguma missão peregrina ou apenas para conhecer a prática evangelizadora de Paulo Afonso. Certo é que a igreja vivia perseguições, veladas umas, explícitas outras. Muitos padres tiveram

coragem exemplar para viver o Evangelho com radicalidade. Eram testados de todas as formas. Exemplo disso foi Dom Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife. Nossos padres estiveram ao lado do povo e dedicaram suas vidas à frente de homéricas lutas do povo. Assumiram para si as dores, em nome da fé, a razão de suas vidas. O que dava sentido à vida, deu-o, também, à morte.

Assim foi Padre Lourenço Tori. Dedicou sua vida ao trabalho de melhorar a situação do povo pobre de Paulo Afonso. Por isso, mantemos viva na memória sua figura robusta, frente às vicissitudes sociais e espirituais do povo da região. O trabalho que o motivou em vida levou-o à morte, no exato momento em que seguia ao encontro de trabalhadores para a construção da igreja São Lourenço. A morte encontrou-o no trabalho. Levou-o pelas mãos de um trabalhador, em uma caçamba. A morte é assim. Surge a nossa frente. Simplesmente surge. Ela é nossa irmã siamesa. Nascemos com ela. O grande encontro jamais saberemos quando ocorrerá e nem como será. Assim foi para ele. Morre como viveu, no trabalho com Jesus.

A velocidade da vida trouxe o dia 3 de fevereiro de 1973. Com ele o falecimento de Padre Lourenço. A dor tomou conta de todos. A cidade entristeceu. O pranto avizinhou-se das casas. Nas dos padres, a tristeza foi maior. A irmandade espiritual sofreu além da física. Nela, intensificou-se a dor, pela perda do irmão na fé. A notícia correu como um raio. Atingiu a todos que se quedaram diante do fato. Morreu Padre Lourenço.

A perda de Padre Lourenço sentiu-se em cada rosto, em cada lágrima no cortejo da despedida física. A despedida espiritual jamais se fará. Na memória de cada um ele está. Basta fechar os olhos, pensar nele para que, penumbra ele surja para nos dizer: Olá.

Que posso falar mais sobre esse padre que ainda não se saiba? Apenas dizer que nossa igreja necessita de pessoas como ele,

verdadeiro homem de bem. Ele era caritativo, laborioso, virtuoso e modesto. Assim era padre Lourenço Tori. Veio de longe. Fez-se luz na terra onde derramou suor e seu sangue.

NÃO PASSARÁ

Via veloz a moto passar.
Pra onde vai tão ligeiro?
Ele ia visitar, não um só,
Mas o mundo inteiro.

Passava veloz em sua moto
Num ronco costumeiro.
De problemas sociais
Era um grande costureiro.

Trabalhador incansável
Batalhador espiritual sem igual
Numa esquina qualquer da vida
Teve uma morte brutal.

Seu povo não esquece
Tamanho legado seu
Suas ações nos falam:
Padre Lourenço não morreu.

No coração de todos
Para sempre ficará
Pois quem no bem trabalha
O povo jamais esquecerá.

REFERÊNCIA

BARRETO, Edson; ARAÚJO, Marajana. Padre Lourenço Tori – Alma Mística – 48 anos de Saudades! Memória Viva. 2021. Disponível em: <https://www.folhasertaneja.com.br>. Acesso: 21 jun 2023.

3.6 50 ANOS DE SUA PÁSCOA

Nélio Vieira de Melo⁷⁹

Introdução

A Igreja de Paulo Afonso celebra hoje, 3 de fevereiro de 2023, o dia da doação maior da vida de Padre Lourenço Tori. Celebrar os cinquenta anos da partida inesperada de Padre Lourenço não é um simples ato de evocar lembranças que guardamos dele, seja do fatal acidente que o arrancou de nosso meio, seja da história de vida que ele viveu. As lembranças e a história de vida de alguém ou de um povo são muito importantes também. Porém, sem a significação em que elas se inserem, tudo não passaria de narrativas vazias.

A significação não é algo que se define. Ela é o que se mostra pelo outro, nas entrelinhas do evento, há cinquenta anos e, no presente, quando o trazemos para o momento da celebração.

Entende-se bem a significação de Padre Lourenço para nós, no que a Igreja concebe e realiza ao celebrar a Eucaristia. Ela evidencia a Memória, isto é, ela narra e torna presente o evento maior de Jesus Cristo. Foi ele quem mais amou a

⁷⁹ **Nélio Vieira de Melo** é licenciado em Filosofia, pela Universidade Católica de Pernambuco (1983); mestre em Filosofia, pela Universidade Federal de Pernambuco (1995) e doutor em Filosofia pela Università Pontificia Salesiana, Roma - Itália (1998). É Professor Associado da Universidade Federal de Pernambuco. Foi professor em diversos cursos de graduação em Filosofia, por mais de 13 anos. Desde 2006, é professor da Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico do Agreste, em Caruaru – PE, onde leciona Fundamentos Históricos, Filosóficos e Sociológicos da Educação, no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Pesquisa sobre Emmanuel Levinas, Filosofia Contemporânea e Filosofia da Educação.

humanidade e deu a vida por ela. O Evangelho expressa melhor o que queremos dizer: Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos. (JOÃO,15, 13).

O Evento de Cristo é um evento Pascal, é um Memorial. Entendemos que as narrativas das lembranças que guardamos do itinerário de vida de Lourenço Tori são parte desse Memorial de Cristo, do qual fazem parte todas as pessoas que se deram, como oferta ao outro.

Padre Lourenço é um referencial do dom da fé. Apesar da tristeza e da tragicidade do acontecimento, sua morte apontamos para a fé que ele abraçou, para o projeto de Igreja missionária que ele buscou viver, longe de sua nação, de seus familiares e amigos. Como os patriarcas e as matriarcas das primeiras comunidades cristãs, ele se guiou pelo **Espírito** e se ofertou pelos pobres, pelas comunidades católicas da cidade e das redondezas de Paulo Afonso.

Aqui evoca-se seu onomástico, o diácono Mártir Lourenço de Huesca, sacrificado no ano 221 da era cristã. Certamente, seus genitores, Gregorio Tori e Generosa Pidroni, sabiam da significação do nome de Lourenço para os inícios da Igreja, mas não previam que o filho teria esse itinerário tão intenso de doação de si, tanto pela fé como pelos mais necessitados de um lugar tão distante de Montescheno, sua terra natal, na Itália. O Mártir Lourenço e o Padre Lourenço, embora em situações diversas, têm algo em comum: foram vidas que se deram pelo que creram e por quem as ofertaram. A vida deles faz parte do Memorial de Cristo para a Igreja.

Para celebrar a memória de Padre Lourenço Tori, fazemos breve passagem pelo itinerário que ele viveu. A primeira passagem desse percurso é Montescheno e a Diocese de Novara, o referencial de origem; a segunda é Paulo Afonso, referencial da vida missionária, e a terceira e última é também Paulo Afonso, referencial atual que glorifica a memória dele.

Passagem por Montescheno

Montescheno e Novara foram o referencial simbólico, temporal e espacial, onde Padre Lourenço constituiu-se sujeito histórico e sacerdote diocesano missionário *Fidei Donum*. Montescheno é uma Comuna italiana pertencente à Província de Verbano-Cusio-Ossola, Unidade Pastoral de Villadossola – Diocese de Novara, Região do Piemonte – Itália. (Fig. 1).

Figura 1 – Praça central de Montescheno



Fonte: Acervo MZLT (em data incógnita), inserida pelo organizador

Mario Lourenço Tori, nome recebido no batismo, nasceu no dia 3 de maio de 1936, na humilde, numerosa e acolhedora família de Gregorio Tori e Generosa Pidroni. (Fig. 2). Foi no seio de uma comunidade eclesial exemplar que se definiu sua vocação sacerdotal e missionária. A pequena Montescheno foi, assim, o berço de uma vocação evangelizadora valorosa, desde os primeiros anos escolares e ginasiais.

Figura 2 - Gregorio Tori e Generosa Pidroni, pais de Lourenço



Fonte: Acervo Fotográfico do IMZLT (Data incógnita)

O despertar vocacional levou Lourenço para a instrução maior, inicialmente em Miasino, depois em Arona e, finalmente, em Novara onde, em 25 de junho de 1961, concluiu os estudos teológicos e ordenou-se sacerdote. Seus primeiros anos de presbítero foram em Novara, onde permaneceu até assumir a paróquia de Lovario, em 1962. (Fig. 3).

Figura 3 – Na Paróquia de Lovario, na Itália



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1962)

Entre as pessoas que conviveram com Mario Lourenço, em Montescheno, Miasino, Arona e Novara, as características relatadas sobre ele foram de uma criança e um jovem alegre, poético, artístico musical, místico, trabalhador, amigo, colaborativo, amante da justiça, da cultura de seu povo e preocupado com os mais necessitados. Tudo isso fortaleceu a decisão refletida com seus superiores e companheiros, entre eles Mario Zanetta, para abraçar a vida sacerdotal, como missionário nas terras baianas, na cidade de Paulo Afonso.

Passagem por Paulo Afonso

Nossa segunda passagem é pela cidade de Paulo Afonso, cuja paróquia fazia parte da diocese de Bonfim, para onde foram enviados pela Diocese de Novara, os missionários *Fidei Donum* Padre Mário Lourenço Tori, que entre nós era chamado por Lourenço, e Padre Mário Zanetta, que mais tarde foi nomeado bispo da Diocese de Paulo Afonso. Isso foi no início de 1969.

Cabe nessa passagem a significação do cântico litúrgico da autoria de Edmilson Aparecido, com inspiração no chamado de Abraão (Gn. 12) e nas palavras do Evangelista Lucas: “Sai de tua terra e vai onde te mostrarei. (...) Partir, mas com a fé em teu Senhor, com o amor aberto a todos, levar ao mundo a salvação” (Lu. 10, 1-9). Um missionário não se forja senão a partir de um espírito vigoroso e muita doação de si. Assim se deu aos dois missionários chegados às novas paragens e à desafiadora missão. Paulo Afonso, foi terra de missão para os dois.

Acolhidos por Padre Alcides Modesto e pelo povo, iniciaram os tantos trabalhos que se organizaram na cidade, tanto nas áreas de periferias pobres da Vila Poty como nas comunidades rurais circunvizinhas. Padre Lourenço compartilhava de todos os

trabalhos pastorais. (Fig. 3 a 5). Foi grande colaborador no desenvolvimento de assistência social aos mais desvalidos da cidade e do campo. Atuou incansavelmente em favor da educação de crianças, jovens, idosos e famílias pobres. É difícil dizer, em poucas palavras, o quanto esse jovem padre trabalhou em tão pouco tempo, entre 1969 e 1973.

Figura 3 – Em Paulo Afonso, a ministrar o sacramento do Batismo



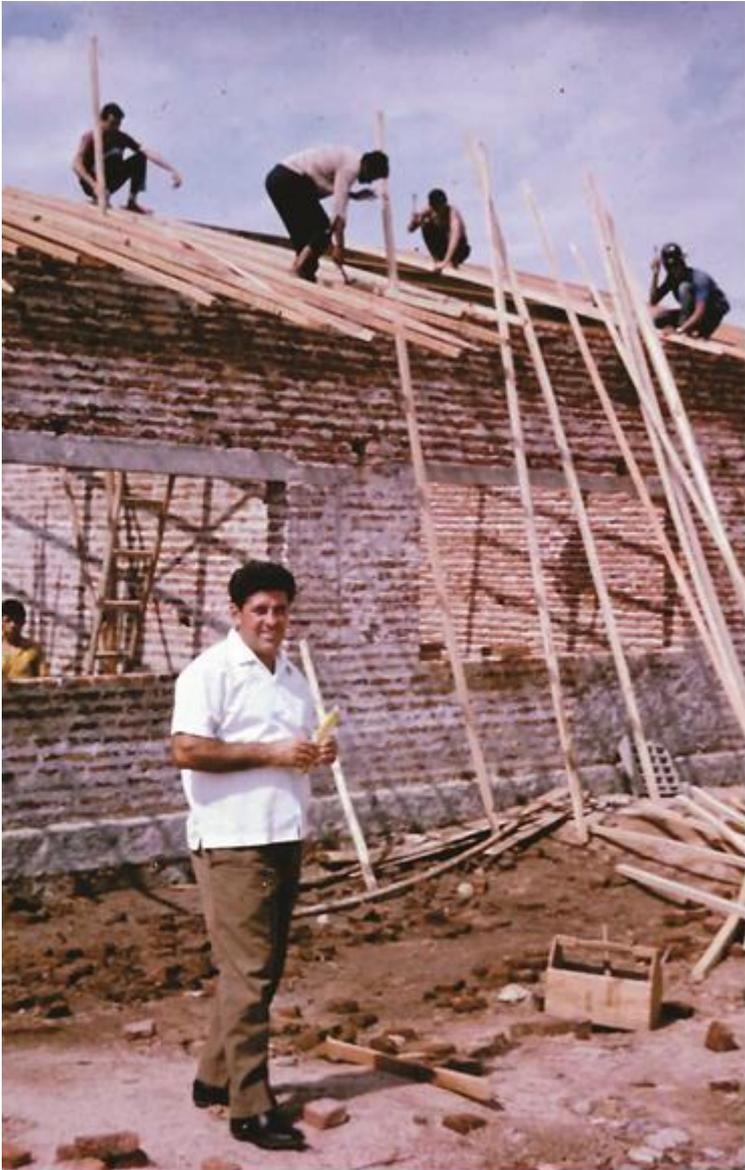
Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (em data incógnita)

Figura 4 – A ministrar o sacramento do Batismo



Fonte: Editora Fonte Viva (1969)

Figura 5 – A construir a Casa da Criança



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1970)

Em tempos difíceis de ditadura militar, vigiados por um sistema autoritário, tanto por ser estrangeiro como por se dedicar desmedidamente ao serviço de pobres operários da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco, de trabalhadores do campo, de mulheres necessitadas e de crianças sem escola.

A cidade era o retrato do regime militar, implantado pelo golpe de Estado de 1964. Dividia-se em duas, por muralhas de controle. Nos domínios da CHESF, estavam as grandes construções das usinas PA1, PA2, PA3 e as vilas de seus operários, engenheiros e administradores. Neles, sediava-se, também, a II Companhia de Infantaria do Exército Brasileiro. Havia dois clubes sociais, um para os operários e outro para quem tinha altos salários na empresa. Dentro, uma igreja dedicada a São Francisco de Assis.

As vilas do acampamento tinham pavimentação, jardins bem cuidados, saneamento, água e luz. Uma beleza de se ver! No lado das muralhas, habitava a maioria da população, os sujeitos da evangelização para quem Padre Lourenço se esmerou como enviado. Havia uns poucos, mais favorecidos, que controlavam o comércio, as terras agricultáveis e os serviços. Entre eles, sempre aliados aos militares, estavam os políticos. O contexto socioeconômico e político era complexo.

No enfrentamento dessas situações desafiadoras Padre Lourenço, em companhia dos padres Alcides Modesto e Mario Zanetta, lançou-se como evangelizador incansável. Era mestre da fé, disposto, alegre, aberto aos desafios da evangelização e comprometido com os mais pobres. (Fig. 6). Deu de si o mais valoroso, pela causa da missão: sua vida.

Sua morte, por acidente trágico, aconteceu no cumprimento da missão. Morreu um homem de Deus. Partiu sem despedidas, sem visitar seus entes queridos, de sua terra natal. Deus chamou-o para Si, para a celebração que não mais tem fim, para o coro dos justos, nos altares da eternidade. (Fig. 7).

Os desígnios de Deus não são para compreenderem-se, mas para viverem-se com afinco. Chega o instante de o Eterno julgar o que cada um de nós cumpriu, aquilo que deveria viver e realizar. Padre Lourenço, mesmo partindo (em 3 de fevereiro de 1973), com apenas 37 anos de idade, já estava pronto. Sua passagem por Paulo Afonso foi um raio de luz, fé e alento para os pobres das comunidades eclesiais da cidade e do campo.

Figura 6 – Mestre da fé, disposto, alegre e aberto aos desafios



Fonte: Acervo fotográfico de Maria José Rodrigues (1972)

Figura 7 – Deus o chamou à celebração que não tem fim



Fonte: Editora Fonte Viva (1973)

Paragem na memória

Nossa última passagem é pela Diocese de Paulo Afonso que Padre Lourenço participou do início da institucionalização, em 14 de setembro de 1971 e instalação, no dia da Imaculada Conceição, 8 de dezembro do mesmo ano, pelo Papa Paulo VI (*Bula Papal Pastoral Munus*).

Queremos, nessa paragem, acentuar o que afirmamos inicialmente sobre a importância da memória de Padre Lourenço dentro da tradição eclesial de toda a Igreja e, em especial para a Diocese onde ele se ofertou como mestre da fé, comprometido com a causa dos pobres. Esse momento é muito importante para o resgate da memória de Cristo e Lourenço, com toda significação que ela tem para cada cristão, cristã, leigo e eclesiástico. (Fig. 8 a 11).

Figura 8 – Missa concelebrada, em memória de Cristo e Lourenço



Fonte: Diocese de Paulo Afonso (2023)

Resgatar a significação implica renovar compromissos, viver o espírito missionário, com o ardor e empenho de Padre Lourenço; renovar o compromisso de ausculta dos apelos do

povo. (EX. 3,7). A significação da memória de Padre Lourenço para a igreja de Paulo Afonso hoje será mais e mais visível, à medida que cada cristão se faz oferta viva e agradável ao Senhor. Não há maior amor do que aquele que dá a vida pelo irmão. cremos que essa paráfrase do Evangelho de João seja o centro desse momento, 50 anos depois da partida de Padre Lourenço.

Figura 9 – Missa concelebrada, em memória de Cristo e Lourenço



Fonte: Diocese de Paulo Afonso (2023)

Figura 10 – Missa concelebrada, em memória de Cristo e Lourenço



Fonte: Diocese de Paulo Afonso (2023)

Na memória dele aprendemos hoje a viver e caminhar como se víssemos o invisível (HB. 11, 27), mirando o mistério à frente, deixando-nos guiar pela verdade e pelo amor à justiça. Nosso

Instituto Dom Mario Zanetta e Padre Lourenço Tori vive a meta de manter viva a memória, não só pela conservação de documentos e testemunhos, mas, sobretudo, pelo despertar de cristãos, jovens e adultos, ao compromisso com o outro e o próximo do próximo. É pelo outro que a fé e a vida cristã fazem-se, na alegria e na prática do amor fraterno. Este é meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá sua vida pelos amigos. (JO. 14, 12-13).

Figura 11 – Missa concelebrada, em memória de Cristo e Lourenço



Fonte: Diocese de Paulo Afonso (2023)

REFERÊNCIA

DIOCESE DE PAULO AFONSO. **50 Anos de Saudade de Padre Lourenço Tori. Santa Missa na Igreja São Lourenço.** 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 20 jun 2023.

BARRETO, Edson; ARAÚJO, Majorana. **A vida e a vida de Padre Lourenço.** 3 ed. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2021.

4 MÁRIO ZANETTA



4.1 **IL MESSAGGERO DI DIO, DA BORGOMANERO A PAULO AFONSO**⁸⁰

Família Zanetta⁸¹

Il 29 gennaio 1938 a Santo Stefano di Borgomanero nasceva Mario Zanetta, figlio di Luigi e Rosa Zanetta, ebbe un unico fratello Giuseppe morto nel 1987.

Cominciò gli studi a Borgomanero, nel 1949 entrò nel seminario San Luigi di Miasino dove fece il Ginnasio, nel 1955 passò al Seminario Maggiore di Novara dove fece il liceo, il corso di Filosofia e Teologia. Ricevette gli ordini minori nel 1957, il 20 dicembre 1961 fu ordinato diacono ed il 24 giugno 1962, festa di San Giovanni Battista, fu ordinato sacerdote da Monsignor Gilla Gremigni a Novara.

Don Mario iniziò come coadiutore nella città di Novara presso la parrocchia di San Giuseppe prima, dal 1962 al 1964, e di⁸²

⁸⁰ Com base no texto, **VESCOVO MISSIONÁRIO IN BRASILE**, escrito por Stefano Travaglia e traduzido pelo organizador.

⁸¹ **Família Zanetta**, de Borgomanero, Itália.

⁸² Em 1938, em Santo Estêvão de Borgomanero, na Província de Novara, no Norte da Itália, nasce Mário Zanetta, filho de Luigi e Rosa. Teve um único irmão, Giuseppe, falecido em 1987.

Iniciou os estudos na cidade de Borgomanero. Em 1949, ingressou no Seminário de São Luiz de Miasino onde fez o curso ginasial. Em 1955, transferiu-se para o Seminário Maior de Novara onde realizou os estudos de II Grau e os cursos de Filosofia e Teologia. Recebeu as ordens menores em 1957. Em 20 de dezembro de 1961, Monsenhor Gilla Gremigni ordenou-o diácono, em Novara e, em 24 de junho de 1962, na festa de São João Batista, o mesmo monsenhor ordenou-o sacerdote, também em Novara.

Padre Mário começou como coadjutor, primeiramente na Paróquia de São José, da cidade de Novara, de 1962 a 1964, e depois, sempre em colaboração

*San Martino, dal 1964 al 1969, sempre collaborando con Don Giovanni Francone.*⁸³ (Fig. 1 a 22).

Figura 1 – Santo Estêvão de Borgomanero



Fonte: Fonte: Acervo da Família Zanetta (em data incógnita)

Figura 2 – Rosa com a família, a segurar Mário junto a si



Fonte: Acervo da Família Zanetta (em data incógnita)

⁸³ com Dom João Francone, na Freguesia de São Martinho, de 1964 a 1969. (Fig. 1 a 22).

Figura 3 – Rosa Zanetta, com seus filhos Mário e José



Fonte: Acervo da Família Zanetta (em data incógnita)

Figura 4 – O garoto Mário, na escola, em Borgomanero



Fonte: Acervo da Família Zanetta (em data incógnita)

Figura 5 – José, irmão de Mário Zanetta, em áurea juventude



Fonte: Acervo da Família Zanetta (em data incógnita)

Figura 6 – Em 1949, ingressou no Seminário de São Luiz de Miasino



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1949)

Figura 7 – Em 1955, transferiu-se ao Seminário Maior de Novara



Fonte: Diocesi di Novara (2016)

Figura 8 – Passeio nos Alpes, com colegas do Seminário



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1959)

Figura 9 – Com colegas do Seminário, em passeio nos Alpes



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1959)

Figura 10 – Ordenação sacerdotal



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1962)

Figura 11 – No dia de sua primeira missa



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1962)

Figura 12 – Na sacristia, pronto para celebrar a primeira missa



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1962)

Figura 13 – Primeira missa, na festa de Santo Estêvão



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1962)

Figura 14 – Festa da comunidade, no dia de sua primeira missa



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1962)

Figura 15 – Com seus pais, Luiz e Rosa, no dia de sua primeira missa



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1962)

Figura 16 – Com seus pais e o irmão José, no dia de sua primeira missa



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1962)

Figura 17 – Igreja da Paróquia de São José, em Novara



Fonte: Acervo do IMZLT (em data incógnita)

Figura 18 – Como coadjutor, na paróquia de São José, em Novara



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1963)

Figura 19 – Como coadjutor, na paróquia de São José, em Novara



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1964)

Figura 20 – Igreja da Paróquia de São Martinho, em Novara



Fonte: Acervo do IMZLT (em data incógnita)

Figura 21 - Em Veneza, como coadjutor na Paróquia de São Martinho



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1965)

Figura 22 - Em Torino, como coadjutor na Paróquia de São Martinho



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1966)

Attento agli appelli della Chiesa, che già viveva il clima del Concilio Vaticano Secondo, e rispondendo ad una vocazione che coltivava da tempo, il 25 marzo 1969, festa dell'Annunciazione del Signore, ricevette il Crocifisso del mandato missionario assieme a don Mario Tori (che in Brasile sarà chiamato con il secondo nome di Battesimo "Lorenzo" per distinguerlo dall'omonimo compagno di missione).

Il 29 marzo partirono da Genova con la nave, la loro destinazione era la diocesi di Senhor do Bonfim, nello stato della Bahia in Brasile, che il CEIAL (Centro Ecclesiale Italiano per l'America Latina) di Verona aveva indicato alla diocesi di Novara come chiesa sorella da aiutare e sostenere, data la vastità del territorio e la carenza dei sacerdoti. Giunti a Senhor do Bonfim, furono destinati alla città di Paulo Afonso che in quegli anni stava attraversando una tumultuosa crescita economica e demografica dovuta alla costruzione di enormi centrali idroelettriche in grado di dare luce ed energia ad un terzo del territorio brasiliano.⁸⁴ (Fig. 23).

⁸⁴ Atendendo os apelos da Igreja que já vivia no clima do Concílio Vaticano II, aceitou o convite para ser missionário. Em 25 de março de 1969, dia da Anunciação do Senhor, recebeu o crucifixo do mandato missionário, juntamente com o Padre Lourenço Tori (que no Brasil passou a ser chamado pelo segundo nome de batismo 'Lourenço' para distingui-lo do homônimo companheiro de missão).

Em 29 de março, partiram do porto de Gênova. Chegaram ao Rio de Janeiro, no dia 10 de abril de 1969. De lá prosseguiram para a Diocese de Senhor do Bonfim, no Estado da Bahia, no Brasil que, dada a vastidão do território e carência de padres, o Centro Eclesial Italiano para a América Latina (CEIAL), de Verona, havia indicado à Diocese de Novara, como Igreja Irmã, para ajudar a sustentar-se. Em Senhor do Bonfim, foram encaminhados à cidade de Paulo Afonso que, naqueles anos, devido à construção de grandes hidrelétricas com capacidade para fornecer luz e energia a um terço do território brasileiro, passava por um tumultuado crescimento econômico e demográfico. (Fig. 23).

Figura 23 – Mandato missionário de Mario e Lourenço, em Novara



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1969)

Comperata un'auto ed una mappa, Don Mario e Don Lorenzo, costeggiando il Rio São Francisco su tortuose ed impervie strade, raggiunsero Paulo Afonso il 24 maggio 1969, la città che li avrebbe legati per sempre tra loro e con la popolazione che in essa vi abitava e lavorava cercando di costruire un futuro migliore tanto per i genitori quanto per i figli.

Furono anni intensi, dall'organizzazione di gruppi e comunità, alla costruzione di scuole, asili, cappelle, ricoveri per gli anziani e centri di formazione.

Il 3 febbraio 1973 don Mario Tori morì tragicamente in un incidente, don Mario raccolse l'eredità dell'amico e andò avanti. Nei 15 anni seguenti don Mario divenne uno dei protagonisti della crescita tumultuosa e rapida di Paulo Afonso. All'inizio con don Alfredo Grosso, don Alcides, poi con i colleghi don Luciano Piumarta, don Pier Antonio Miglio e don Guerrino Brusati costruirono asili, scuole, case dei bambini attraverso la "Liga Social Cattolica". Incentivarono il lavoro comune e iniziarono decine di piccole attività produttive.⁸⁵ (Fig. 24 a 37).

⁸⁵ Com um carro e um mapa, por estradas tortuosas e impermeáveis das margens do Rio São Francisco, os padres Mário e Lourenço chegaram em Paulo Afonso no dia 24 de maio de 1969. Essa cidade ligou-os para sempre com a população que lá vivia e trabalhava, tentando construir um futuro melhor para seus pais e filhos.

Foram anos intensos, da organização de grupos e comunidades à construção de escolas, asilos, capelas, abrigos para idosos e centros de formação.

Em 3 de fevereiro de 1973, o Padre Lourenço Tori morreu tragicamente em um acidente. Padre Mário recolheu o legado de seu amigo para seguir em frente. Nos 15 anos seguintes, tornou-se um dos protagonistas do tumultuado e acelerado crescimento de Paulo Afonso, primeiro com os padres Alfredo Grosso e Alcides Modesto e depois com os colegas padres Luciano Piumarta, Pedro Antônio Miglio e Guerrino Brusati. Pela Liga Social Católica, construíram jardins de infância, escolas e lares de crianças. Incentivaram o trabalho comunitário e iniciaram dezenas de pequenas atividades produtivas. (Fig. 24 a 37).

Figura 24 – Em Paulo Afonso, a celebrar com Tori e Dom Jackson



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1972)

Figura 25 – Em celebração com Alfredo, Dom Jackson e Alcides



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1972)

Figura 26 – Jardim de Infância Menino Jesus



Fonte: Acervo da Família Zanetta (em data incógnita)

Figura 27 – Creche Irmão Luiz



Fonte: Acervo da Família Zanetta (em data incógnita)

Figura 28 – Escola no Bairro Lagoa



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1970)

Figura 29 – Fundação de Amparo ao Menor



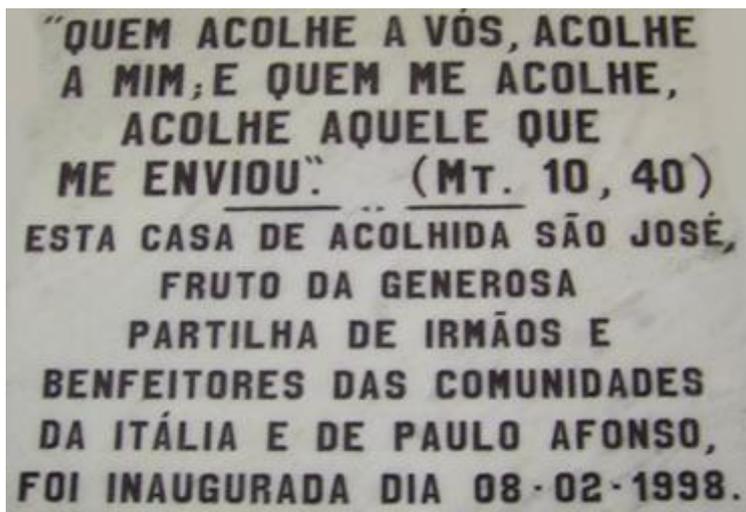
Fonte: Acervo da Família Zanetta (em data incógnita)

Figura 30 – Gráfica São Vicente de Paulo



Fonte: Acervo da Família Zanetta (em data incógnita)

Figura 31 – Casa de Acolhida São José



Fonte: Acervo da Família Zanetta (2008)

Figura 32 – Escola Profissionalizante Padre Lourenço



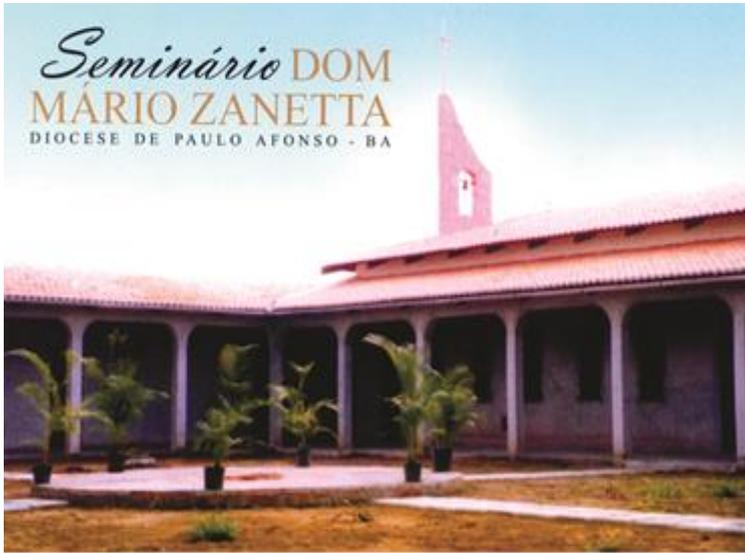
Fonte: Acervo da Família Zanetta (em data incógnita)

Figura 33 – Instituto Tecnológico



Fonte: Acervo da Família Zanetta (2008)

Figura 34 – Seminário Diocesano



Fonte: Acervo da Família Zanetta (em data incógnita)

Figura 35 – Casa de Acolhimento aos Anciãos



Fonte: Acervo da Família Zanetta (2008)

Figura 36 – Unidade de Piscicultura



Fonte: Acervo da Família Zanetta (2008)

Figura 37 – Vaca Mecânica



Fonte: Acervo da Família Zanetta (em data incógnita)

Si solidarizzarono nei duri anni della repressione militare con scioperi e manifestazioni da chi vedeva le sue terre minacciate dalle dighe in costruzione, edificarono chiese e cappelle, crearono gruppi e movimenti, formarono centinaia di leader. Parallelamente dom Mario svolgeva un intenso lavoro pastorale che lo portò a conoscere ed a essere conosciuto in tutto l'immenso Sertao della regione di Paulo Afonso.

Nel 14/09/1971 Paulo Afonso divenne diocesi e dal 1983 dom Mario fu vicario generale del primo e del secondo vescovo: Dom Jackson Berenguer Prado e dom Aloisio Penna, suo predecessore.

Quando dom Aloisio Penna fu trasferito alla diocesi di Bauru nello stato di San Paolo, dom Mario Zanetta fu nominato vescovo dal Papa Giovanni Paolo II il 15 giugno 1988. Il 14 agosto, vigilia dell'Assunzione, fu consacrato vescovo a Paulo Afonso.

Dal 1988 al 1998 furono 10 anni di grandi attività episcopali, preoccupato di accompagnare pastoralmente l'immensa diocesi di 36.913 Km quadrati e quasi seicentomila abitanti, creò cinque nuove parrocchie.⁸⁶ (Fig. 38 a 52).

⁸⁶ Nos duros anos de repressão militar, solidarizaram-se com greves e manifestações de quem viu suas terras ameaçadas pelas barragens em construção. Edificaram igrejas e capelas. Criaram grupos e movimentos. Formaram centenas de lideranças. Paralelamente, Padre Mário desenvolveu intenso trabalho pastoral que o levou a conhecer e ser conhecido em todo imenso Sertão da região de Paulo Afonso.

Em 14/09/1971, Paulo Afonso tornou-se diocese. A partir de 1983, Padre Mário foi vigário geral do primeiro e segundo bispos: Dom Jackson Berenguer Prado e Dom Aloysio Penna, seu antecessor.

Com a transferência de Dom Aloysio Penna, para a Diocese de Bauru, no Estado de São Paulo, em 15 de junho de 1988, o Papa João Paulo II nomeou-o bispo. Em 14 de agosto do mesmo ano, na véspera da festa da Assunção de Maria, consagrou-se bispo. De 1988 a 1998, foram dez anos de grande catividade episcopal. Para coordenar a grande diocese, com 36.913 Km² e quase 600 mil habitantes, criou cinco novas paróquias. (Fig. 38 a 52).

Figura 38 – Milhares de nordestinos chegavam a Paulo Afonso



Fonte: Fonte Viva (2019)

Figura 39 – Milhares de nordestinos em Paulo Afonso



Fonte: Acervo da família Zanetta (em data incógnita)

Figura 40 – Edificaram muitas igrejas e capelas



Fonte: Acervo da família Zanetta (em data incógnita)

Figura 41 – Intensa pastoral, em parceria com Dom Helder Câmara



Fonte: Acervo da família Zanetta (em data incógnita)

Figura 42 – Em parceria com as freiras



Fonte: Acervo da família Zanetta (em data incógnita)

Figura 43 – Intensa pastoral, em parceria com a religiosidade popular



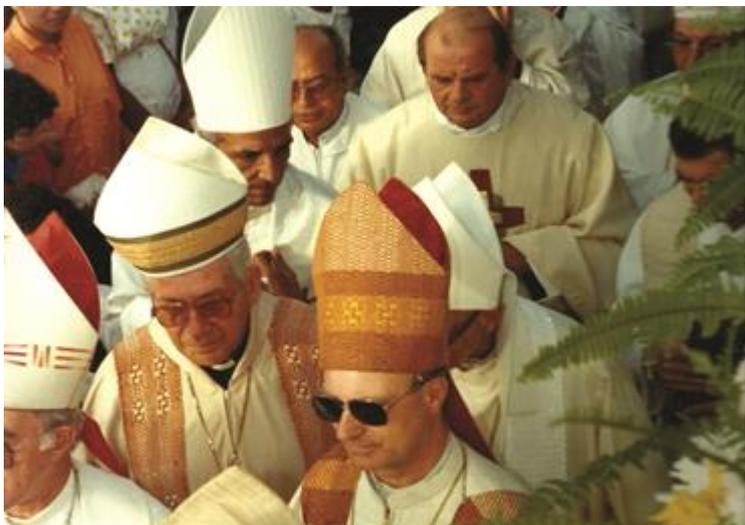
Fonte: Acervo da família Zanetta (em data incógnita)

Figura 44 - Em 15 de junho de 1988, o Papa João Paulo II nomeou-o bispo



Fonte: Acervo da família Zanetta (1988)

Figura 45 - Em 14 de agosto do mesmo ano, consagrou-se bispo



Fonte: Acervo da família Zanetta (1988)

Figura 46 – Ritual de consagração a bispo



Fonte: Acervo da família Zanetta (1988)

Figura 47 - Ritual de consagração a bispo



Fonte: Acervo da família Zanetta (1988)

Figura 48 – Ritual de consagração a bispo, na catedral de Paulo Afonso



Fonte: Acervo da família Zanetta (1988)

Figura 49 – Multidão a participar do ritual de sua consagração episcopal



Fonte: Acervo da família Zanetta (1988)

Figura 50 – Multidão a participar do ritual de sua consagração



Fonte: Acervo da família Zanetta (1988)

Figura 51 – Dom Mário e o Padre Guerrino Brusati, solidários na missão



Fonte: Acervo da família Zanetta (1988)

Figura 52 – Reconheceu-se Dom Mário como Cidadão de Paulo Afonso



Fonte: Acervo da família Zanetta (em data incógnita)

Ordinò sedici sacerdoti, chiamò a lavorare in diocesi numerose comunità di religiose ed alcuni sacerdoti. Incentivò la formazione e la strutturazione delle piccole comunità di base ed i gruppi di associazioni tra i quali: il Corsilio, il Rinnovamento Carismatico, l'incontro delle coppie con Cristo, il gruppo Biblico, la Legione di Maria e la San Vincenzo.

Creò e sviluppò differenti ambiti della pastorale diocesana: catechesi, comunicazione, carceraria, dei bambini, indigenista, della gioventù, dei minorenni, della donna, dei pescatori, rurale, della salute e vocazionale.

Preoccupato per la formazione dei futuri leader, si è sempre adoperato per trovare validi strumenti formativi, organizzò ed appoggiò vari corsi e seminari, aiutò la strutturazione del Seminario della Paraíba nella città di Joao Pessoa dove studia la maggior parte dei seminaristi diocesani. Nell'agosto del 1998 vide un altro suo sogno realizzato: inaugurò l'INTEPA, istituto di teologia e pastorale di Paulo Afonso, curso superiore di studi teológicos.⁸⁷ (Fig. 53 a 61).

⁸⁷ Ordenou dezesseis sacerdotes. Convocou muitas comunidades de religiosos e alguns sacerdotes, para trabalhar na Diocese. Incentivou a formação e estruturação de pequenas comunidades eclesiais de base e grupos de associações. Incluem-se neles o Cursilio de Crisandade, a Renovação Carismática, o Encontro de Casais com Cristo, o Grupo Bíblico, a Legião de Maria e o Grupo de São Vicente.

Criou e desenvolveu diversas áreas da Pastoral Diocesana, como a Catequese, Comunicação, Prisão, Infância, Indígena, Juventude, os Menores, as Mulheres, os Pescadores, Trabalhadores Rurais, da Saúde e Vocacional.

Preocupado com a formação de futuros líderes, sempre trabalhou para encontrar ferramentas apropriadas à formação. Organizou e apoiou vários cursos e seminários. Ajudou a estruturar o Seminário da Paraíba, em João Pessoa onde estudava a maioria dos seminaristas diocesanos. Em agosto de 1998, realizou outro sonho. Inaugurou o Instituto de Teologia e Pastoral de Paulo Afonso (INTEPA), com curso superior de Estudos Teológicos. (Fig. 53 a 61).

Figura 53 – Ordenou 16 novos padres



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

Figura 54 – Incentivava o Cursilho de Cristandade



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

Figura 55 – Apoiava o grupo da Renovação Carismática



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

Figura 56 – Incentivou a criação do grupo de Casais com Cristo



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

Figura 57 – Assessorava o Grupo Bíblico



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

Figura 58 – Apoiava a Legião de Maria



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

Figura 59 – Implantou e apoiava a Pastoral da Comunicação



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

Figura 60 – Criou e apoiava a Pastoral Indigenista



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

Figura 61 – Visitava regularmente aos pescadores



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (em data incógnita)

Fedele al suo motto episcopale “Crediamo nella Carità” dom Mario fu un grande difensore della cause sociali, fin dai primi tempi a Paulo Afonso è sempre stato al fianco dei più poveri e piccoli, la sua fine sensibilità umana, alleata ad una intelligenza fuori dal comune, gli ha permesso allo stesso tempo capire i problemi e vederne le soluzioni. (Fig. 62).

Difficile enumerare i casi che lo videro protagonista o compartecipe: gli sfollati della diga di Itaparica, la campagna contro la violenza nella regione di Paulo Afonso, la lotta per la demarcazione delle terre indigene, il contributo decisivo per la creazione della Fondame (fondazione di protezione ai minorenni), il centro diocesano di artigianato per dare lavoro e formazione a centinaia di donne, la scuola professionale Padre Lorenzo Tori, la campagna contro la privatizzazione della CHESF, il Progetto Speranza che ha dato casa e terra a 14 famiglie, la scuola famiglia agricola per la formazione dei figli di agricoltori, la casa di accoglienza. (Fig. 63).

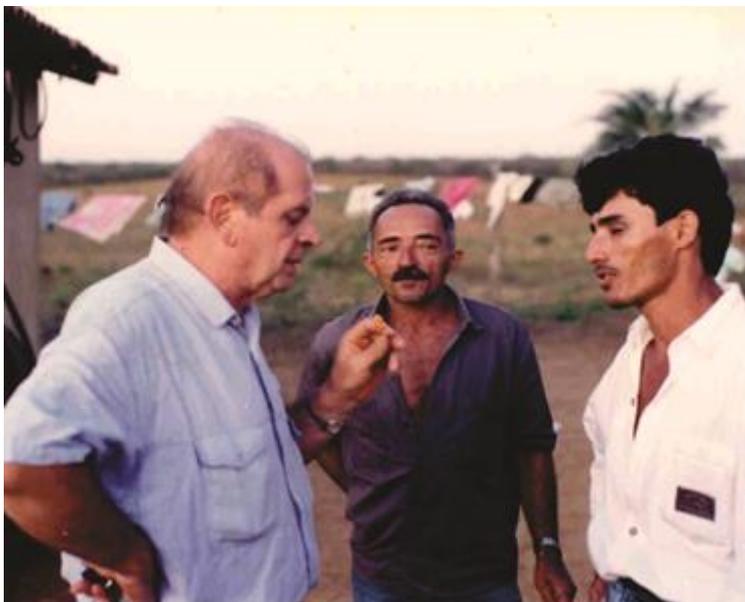
Dom Mario è stato un appassionato per la comunicazione. Ha lasciato grandi realizzazioni in questo campo, come ad⁸⁸

⁸⁸ Fiel a seu lema episcopal, **Cremos na Caridade**, Dom Mário foi grande defensor das causas sociais. Desde os primeiros tempos em Paulo Afonso, sempre esteve ao lado dos mais pobres e pequenos. Sua fina sensibilidade humana, aliada à inteligência fora do comum, permitia-o, ao mesmo tempo, compreender os problemas e ver as soluções. (Fig. 62).

É difícil enumerar todos os casos em que foi protagonista ou participante: na luta dos desalojados pela Barragem de Itaparica; na campanha contra a violência na região de Paulo Afonso; na luta pela demarcação das terras indígenas; na contribuição decisiva para a criação da Fundação para Menores (FUNDAME); no apoio ao Centro de Artesanato Diocesano, para dar trabalho e formação a centenas de mulheres; na implantação da Escola Profissionalizante Padre Lourenço Tori; na Campanha contra a Privatização da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF); no Projeto Esperança que deu casas e terras a 14 famílias; na Escola Família Agrícola (EFA), para a formação dos filhos dos agricultores e na Casa de Acolhimento. (Fig. 63).

Dom Mário era um apaixonado pela comunicação. Deixou grandes obras

Figura 62 – Captava os problemas e, de imediato, propunha soluções



Fonte: Acervo foto gráfico do IMZLT (em data incógnita)

Figura 63 – Destacou-se na luta dos desalojados pela barragem



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

esempio la Radio Regionale di Cicero Dantas, la Radio Vaza Barris di Jeremoabo, la Radio Comunitaria, l'Editrice Fonte Viva, la TV Fonte Viva e la Libreria San Francisco. Uno degli ultimi sogni realizzato da dom Mario è stato vedere la Rete Viva, emittente televisiva cattolica a livello nazionale, arrivare a Paulo Afonso.

Gli altri suoi sogni erano: creare un'emittente radiofonica educativa, un canale TV educativo, una scuola di formazione e comunicazione, ed una radio comunitaria in ogni parrocchia.

L'azione e l'entusiasmo di dom Mario andarono oltre ai limiti della diocesi di Paulo Afonso, dal 1995 era presidente del Regionale Nordest-3 della Conferenza Episcopale Brasiliana che comprende le diocesi dello stato di Bahia e Sergipe. Uno dei punti alti del suo mandato è stata la realizzazione della prima Settimana Sociale della Bahia a Fiera de Santana nel maggio del '98. Dal 1994 era inoltre presidente nazionale della commissione pastorale dei Pescatori, per conto di questo incarico visitò vari gruppi di pescatori artigianali in tutto il Brasile e realizzò viaggi in Europa per divulgare questo tipo di pastorale.⁸⁹ (Fig. 64)

⁸⁹ nessa área, como a Rádio Regional Cícero Dantas, a Rádio Vaza Barris de Jeremoabo, a Rádio Comunitária, a Editora Fonte Viva, a TV Fonte Viva e a Livraria São Francisco. Um dos últimos sonhos realizados por Dom Mário foi trazer, a Paulo Afonso, a editora católica nacional de televisão Rede Viva.

Seus outros sonhos eram: criar uma rádio e uma televisão educativas; uma escola de formação em comunicação e uma rádio comunitária em toda paróquia da Diocese de Paulo Afonso.

A ação e o entusiasmo de Dom Mário ultrapassavam os limites da Diocese de Paulo Afonso. Desde 1995, foi presidente do Regional Nordeste III, da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB), que compreende as dioceses da Bahia e do Sergipe. Um dos destaques de sua gestão foi a realização da I Semana Social da Bahia, em Feira de Santana, em maio de 1998. Desde 1994, foi presidente nacional da Comissão Pastoral dos Pescadores. Em nome dessa agremiação, visitava vários grupos de pescadores artesanais em todo Brasil e fazia viagens à Europa, para divulgar esse tipo de pastoral. (Fig. 64).

Figura 64 – Presidiu a Comissão Nacional da Pastoral dos Pescadores



Fonte: Acervo da Família Zanetta (em data incógnita)

Era anche presidente dell' IRPAA istituto per la piccola agricoltura appropriata.

Il giorno 4 novembre 1998 dom Mario iniziava l'ultima tappa della sua Vita terrena, verso le 2 del pomeriggio nella sua residenza, fu colpito da una grave emorragia celebrale che lo portò in coma, soffrì di arresto cardiaco e respiratorio; portato con urgenza a Recife a 450 Km da Paulo Afonso fu ricoverato nel centro di terapia intensiva del Real Hospital Portuguese. Il 13 novembre durante un trasferimento in un reparto per un esame di controllo, soffrì di un arresto cardiaco, i medici riuscirono a rianimarlo ma pochi minuti dopo, un secondo arresto cardiaco fu fatale, morì alle 18,20 ora di Recife.

La Salma fu portata a Paulo Afonso dove arrivò con un piccolo aereo della CHESF verso le 5 del mattino successivo e fu condotta alla cattedrale diocesana. Durante due giorni e due notti fu enorme l'afflusso di persone che andarono porgere l'ultimo saluto al loro Pastore, Maestro ed Amico.⁹⁰ (Fig. 65 e 66).

⁹⁰ Foi, também, presidente do Instituto da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA).

No dia 4 de novembro de 1998, Dom Mário iniciou a última etapa de sua vida. Por volta das 14 horas, em sua residência, foi acometido de uma grave hemorragia cerebral que o levou ao coma. Sofreu parada cardíaca e respiratória. Levado com urgência a Recife, a 450 km de Paulo Afonso, ficou internado no Centro de Terapia Intensiva (CTI) do Hospital Real Português. No dia 13 de novembro, durante sua transferência a uma enfermaria, para exame de controle, ele sofreu uma parada cardíaca. Os médicos conseguiram reanimá-lo, mas, minutos depois, uma nova parada cardíaca foi fatal. Ele morreu à 18:20 horas daquele mesmo dia, em Recife.

Em um pequeno avião da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, levou-se seu corpo para Paulo Afonso onde chegou por volta das cinco horas. Em seguida, transportou-se o à Catedral Diocesana. Durante dois dias e duas noites, houve enorme afluência de pessoas que foram prestar as últimas homenagens a seu pastor, mestre e amigo. (Fig. 65 e 66).

Figura 65 – Às cinco horas do dia 14, seu corpo chegou a Paulo Afonso



Fonte: Acervo da família Zanetta (1998)

Figura 66 – Muitas pessoas prestaram homenagem na Catedral



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1998)

Il Funerale fu celebrato alle 9,30 di lunedì 16 con una Santa Messa campale celebrata davanti alla cattedrale, fu presieduta dal vescovo dom Aloysio Penna, predecessore di dom Mario, accompagnato da altri 16 vescovi e circa 50 sacerdoti. Venuti dall'Italia erano presenti: Angela Fornara cognata di dom Mario, Stefano Travaglia marito di una nipote di dom Mario, mons. Mario Bandera direttore del Centro Missionario di Novara, Giorgio Fornara e Domenico Favino grandi amici di dom Mario. Alle 11,30 il Feretro partì per il Cimitero accompagnato a piedi per un percorso di circa 5 Km da un'immensa moltitudine di persone. Verso le 13 la Salma di dom Mario scese al tumulo preparato accanto ai Resti Mortali di don Mario Lorenzo Tori, compagno della prima e di quest'ultima ora. (Fig. 67 a 72). Dom Mario riposa in pace. (†)⁹¹

Figura 67 – Stefano com sua sagra Angioletta, no funeral de Mário



Fonte: Acervo da Família Zanetta (1998)

⁹¹ O funeral foi celebrado em frente à Catedral, às 09:30 horas da segunda-feira, dia 16 de novembro. 16 bispos e cerca de 50 padres concelebraram missa campal presidida por Dom Aloysio Penna, antecessor de Dom Mário. Vindos da Itália, estiveram presentes: Angela Fornara, cunhada de Dom Mário; Stefano Travaglia, marido de uma sobrinha de Dom Mário; Monsenhor Mário Bandera, diretor do Centro Missionário de Novara; Giorgio Fornara e Domenico Favino, grandes amigos de Dom Mário. Às 11:30 horas, partiu para o cemitério, em percurso de cinco quilômetros, o caixão acompanhado por imensa multidão de pessoas. Por volta das 13 horas, o corpo de Dom Mário desceu ao túmulo preparado junto aos restos mortais do Padre Lourenço Tori, companheiro da primeira e última hora (Fig. 67 a 72). Dom Mário Zanetta descansa em paz. (+).

Figura 68 – A pé, mais de 20 mil pessoas seguiram o féretro



Fonte: Acervo da família Zanetta (1998)

Figura 69 – Seu corpo jaz, junto aos restos mortais do amigo Lourenço



Fonte: Acervo da família Zanetta (2018)

Figura 70 – Infinitas saudades do mensageiro de Deus



Fonte: Acervo da família Zanetta (2018)

Figura 71 – Seus amigos, com frequência regular, visitam seu túmulo



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (2019)

Figura 72 – *In memoriam eorum*, celebra-se a vida



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (2019)

REFERÊNCIAS

DIOCESI DI NOVARA. **Seminário Novara**. Disponível em: <http://www.diocesisnovara.it>. Acesso: 08 ago 2023.

TRAVAGLIA, Stefano. **Dom Mario Zanetta, vescovo missionario in Brasile**. Disponível em: <https://www.varganbas.it>. Acesso: 12 jul 2023.

FONTE VIVA. **Vida de Dom Mário Zanetta**. Paulo Afonso: Fonte Viva - YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 12 jul 2023.

4.2 RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

Pierre Teilhard de Chardin⁹²

A religião não é somente uma. São centenas.

A espiritualidade é apenas uma.

A religião é para quem dorme.

A espiritualidade é para quem desperta.

A religião é para quem se deixa guiar.

A espiritualidade é para quem se guia pela voz interior. (Fig. 1).

A religião sustenta-se em regras dogmáticas.

A espiritualidade convida a raciocinar e questionar tudo. (Fig. 2).

A religião ameaça e amedronta.

A espiritualidade sereniza.

A religião disciplina pela ideia de pecado e sentimento culpa.

A espiritualidade incentiva a aprender com os erros.

A religião, por reprimir, tudo falsifica.

A espiritualidade, por transcender, faz tudo verdadeiro. (Fig. 3).

A religião não é e nem conduz a Deus.

A espiritualidade, por ser tudo, é Deus.

A religião inventa.

A espiritualidade descobre.

⁹² Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) era filósofo, teólogo, paleontólogo, geólogo, antropólogo e arqueólogo. Participou da **descoberta do Homem de Pequim**. Na década de 1920, sua própria ordem e o Santo Ofício submeteram-no a sanções disciplinares, por opiniões que manifestou em escritos inéditos. Ele concebeu a ideia do Ponto Ômega (nível máximo de complexidade e consciência em direção a que o universo está a evoluir. Conceituava Cristo como Logos, ou "Palavra" de Deus). Também definiu o conceito de Noosfera (esfera do pensamento). (UNISINOS, 2017).

A religião não indaga.

A espiritualidade busca tudo.

A religião é uma organização com regras humanas.

A espiritualidade é divina, sem regras.

A religião causa divisão.

A espiritualidade promove união.

A religião busca para a crença.

A espiritualidade incentiva para a razão.

A religião segue preceitos de livros sagrados.

A espiritualidade busca o sagrado em tudo.

A religião alimenta o medo.

A espiritualidade sustenta a confiança.

A religião vive no pensamento.

A espiritualidade vive na consciência.

A religião fortalece o ego.

A espiritualidade ocupa-se do ser.

A religião exige renúncia ao mundo.

A espiritualidade faz transcendê-lo.

A religião é adoração.

A espiritualidade faz viver com Deus. (Fig. 4).

A religião sonha com a glória e o paraíso.

A espiritualidade é meditação.

A religião vive do passado e do futuro.

A espiritualidade vive o paraíso no presente. (Fig. 5).

A religião enclausura a lembrança.

A espiritualidade liberta a memória.

A religião crê na vida eterna.

A espiritualidade encontra Deus na vida.

Não somos humanos a passar por uma experiência espiritual. Somos Espírito a passar por uma experiência humana. (Fig. 6).

Figura 1 – Mário guiava-se pelo **Espírito**



Fonte: Acervo do IMZLT (data incógnita), inserida pelo organizador

Figura 2 – Raciocinava e questionava



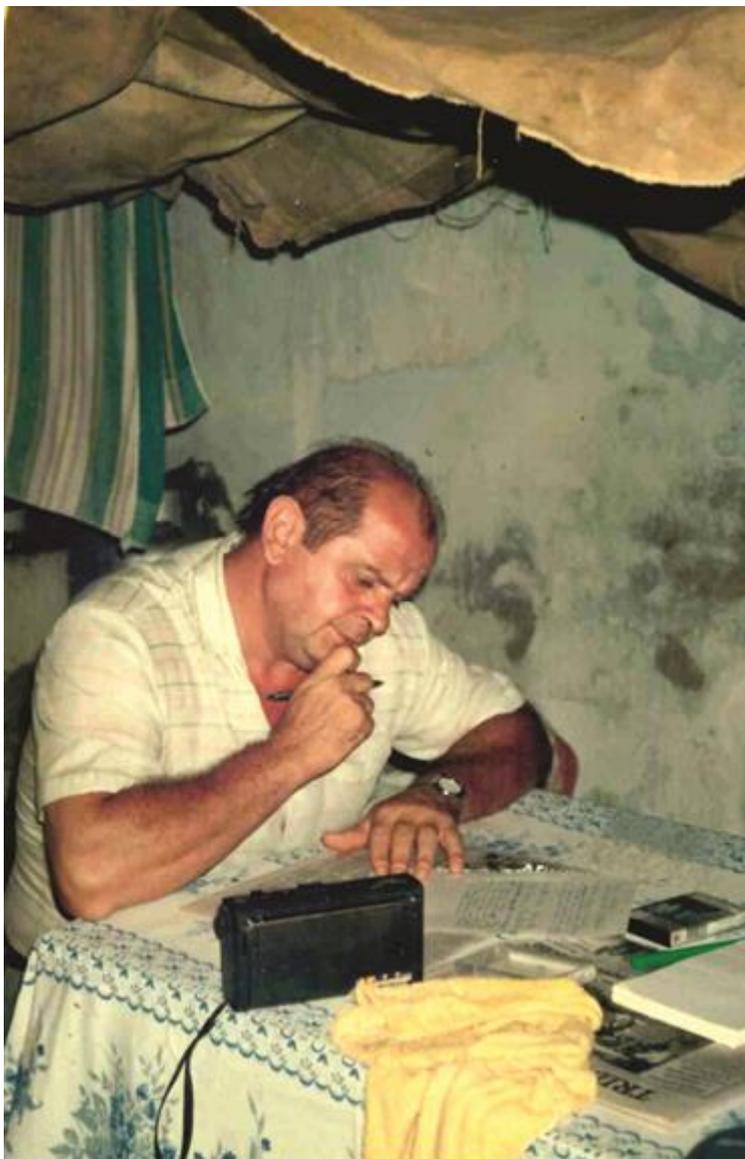
Fonte: Acervo do IMZLT (data incógnita), inserida pelo organizador

Figura 3 – Era verdadeiro



Fonte: Acervo do IMZLT (data incógnita), inserida pelo organizador

Figura 4 – Com Deus no coração, em todo lugar, vivia em plenitude



Fonte: Acervo do IMZLT (data incógnita), inserida pelo organizador

Figura 5 – Vivia o paraíso no presente



Fonte: Acervo do IMZLT (data incógnita), inserida pelo organizador

Figura 6 – Com ele, o Espírito de Deus fez-se humano



Fonte: Acervo do IMZLT (data incógnita), inserida pelo organizador

REFERÊNCIA

UNISINOS. **Papa Francisco vai retirar a ‘advertência’ dos escritos de Teilhard de Chardin?** Instituto Humanitas
UNISINOS. 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br>.
Acesso: 04 ago 2023.

4.3 COMO O CONHECI

Aníbal Alves Nunes⁹³

Introdução

Em 1971, tive o privilégio de conhecer pessoalmente o padre italiano Mário Zanetta, quando necessitou de meus serviços de comunicação visual, pintura de faixas, placas e letreiros. Entretanto, somente na missa de trinta dias, em memória do **Espírito** de Padre Lourenço, no dia 2 de março de 1973, na capela do cemitério por ele construído e que, depois, recebeu seu corpo e seu nome, nossa amizade tornou-se mais sólida. Algum tempo depois, na missa de inauguração da Igreja São Lourenço, no Bairro Panorama, erguida também em homenagem a ele, fui convidado a cantar a música que compus para o padre que havia partido, no momento em que a população mais necessitava de seu ombro amigo.

A partir daquele momento, meu relacionamento com Padre Mário Zanetta tornou-se amplo e constante. Aquele senhor alegre, nascido no dia 29 de janeiro de 1938, em Santo Stefano

⁹³ **Aníbal Alves Nunes**, filho de Antônio Alves Freire e Ercília Alves Freire, nasceu em Sertânia - PE, no dia 12 de agosto de 1953. Em 1973, concluiu o Curso de Madureza, na Escola Professor Olegário. Em 1976, concluiu os cursos de Contabilidade e Administração, no Colégio Sete de Setembro. Em 1986, formou-se Bacharel em Biologia pela Faculdade de Professores de Arcoverde. Em 2017, fez-se Bacharel em Direito, pela Faculdade Sete de Setembro. Em 2019, constituiu-se imortal da Academia de Letras de Paulo Afonso. Em 2020, recebeu o título de Cidadão de Paulo Afonso e associou-se ao Instituto Dom Mário Zanetta e Padre Lourenço Tori onde exerce o cargo de Vice Presidente para o biênio 2023-2024. É artista plástico, escritor, pintor letrista, escultor, teatrólogo, publicitário, jornalista, professor e comerciante.

de Borgomanero, na província de Novara - Norte da Itália, determinado, líder absoluto, guerreiro incansável, simpático e atencioso, ajudou-me a trilhar caminhos, ser fraterno e vencer desafios.

Pelo menos duas vezes por mês, a gente encontrava-se e, como sempre, muito comunicativo, fazia os assuntos estenderem-se por horas. Por intermédio dele, sempre havia serviços de comunicação para diversas paróquias da diocese como Jeremoabo, Glória, Fátima, Rodelas, Abaré e outras.

Como tudo começou

Certa vez, ele me pediu para pintar o Brasão do bispo Dom Aloysio José Leal Penna, em forma de tela, para afixar na parede lateral esquerda da entrada da Casa Paroquial, situada à Av. Getúlio Vargas, ao lado do Posto Oásis. Como minhas telas sempre se produziam em alto relevo, o brasão ficou muito bonito. Era copiosamente elogiado por todos que dele tomavam conhecimento, inclusive pelo memorável Cardeal Primaz do Brasil, Dom Lucas Moreira Neves, ao visitar a Casa Paroquial. A propósito, recordo que ele representava a Igreja Católica, na comitiva de Tancredo Neves, para participar do Encontro dos Governadores do Nordeste, no Grande Hotel de Paulo Afonso. O próprio bispo Dom Aloysio, ao chegar em Paulo Afonso, para suceder a Dom Jackson Berenguer Prado, elogiou o trabalho e levou-o consigo, quando se transferiu para Bauru, em São Paulo.

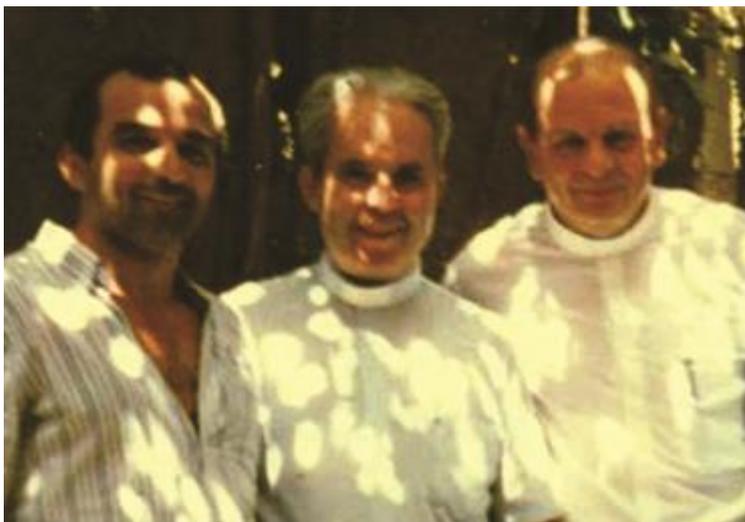
Sou testemunha das obras sociais que Padre Mário implantou, com apoio dos amigos: os padres Lourenço Tori, Alcides Modesto, Antônio Miglio, Ricardo Brusati, as irmãs Celina Bellotti e Rita Pescarolo, bem como, as senhoras Rizalva Toledo e Lindinalva Cabral, entre outros colaboradores. (Fig. 1 a 4).

Figura 1 – Alcides, Mário e Lourenço, a equipe em missão



Fonte: Acervo do IMZLT (em data ignota)

Figura 3 – Antônio Miglio, Dom Aloysio Penna e Mário Zanetta



Fonte: Acervo do IMZLT (em data ignota)

Figura 3 – Irmã Celina Bellotti, membro da equipe em missão



Fonte: Acervo do IMZLT (em data ignota)

Figura 4 – Irmã Rita Pescarolo e Mário Zanetta, em missão



Fonte: Acervo do IMZLT (em data ignota)

Obras sociais

Entre as obras sociais implantadas pelos padres Mário Zanetta e Lourenço Tori, destacam-se: Casa de Repouso São Vicente de Paulo, Lar da Criança Vicentina, Fundação do Menor de Paulo Afonso, Creche Casulo Irmão Luiz, Centro Profissionalizante, Editora Fonte Viva, Instituto Tecnológico Dom Mário Zanetta, muitas escolas, igrejas e outros projetos sociais. (Fig. 5 a 11).

Figura 5 – Casa de Repouso São Vicente de Paulo



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada pelo autor

Figura 6 – Casa de Repouso São Vicente de Paulo



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada pelo autor

Figura 7 – Lar da Criança Vicentina



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada pelo autor

Figura 8 – Fundação de Amparo ao Menor de Paulo Afonso



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada pelo autor

Figura 9 – Fundação de Amparo ao Menor de Paulo Afonso



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada pelo autor

Figura 10 – Escola Profissionalizante



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada pelo autor

Figura 11 – Editora Fonte Viva



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada pelo autor

Muitas vezes, na Editora Fonte Viva (Gráfica dos Padres como era popularmente conhecida), onde mantive escritório da Gazeta da Bahia por dois anos, entre alguns cafés e cigarros, passávamos horas conversando, trocando ideias, comentando assuntos corriqueiros e, principalmente, falando sobre a

criminalidade e os desmandos que afligiam a população de Paulo Afonso e da região. (Fig. 12).

Figura 12 – Campanha contra a violência na região de Paulo Afonso



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada pelo autor

Bispo da Diocese de Paulo Afonso

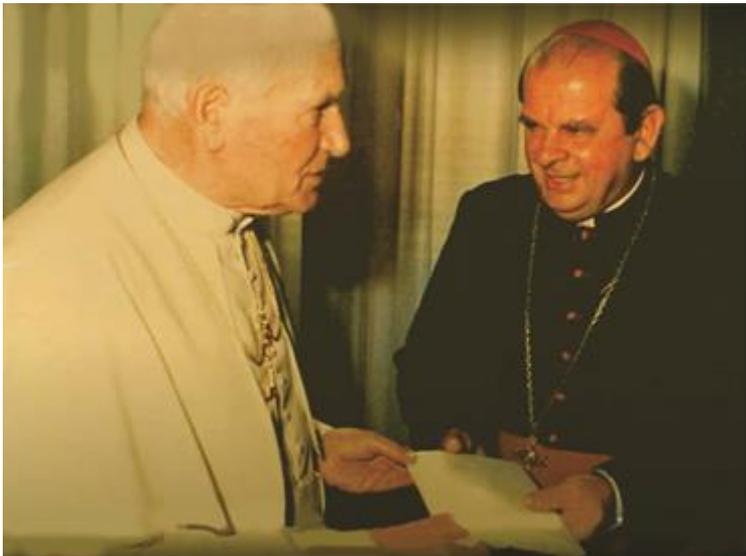
Em 14 de agosto de 1988, Padre Mário Zanetta tornou-se bispo e teve aumentada, ainda mais, sua responsabilidade com Paulo Afonso e região (mais viagens, compromissos e reuniões). (Fig. 13). Tornou-se o líder maior da diocese. A convite do Papa João Paulo II, participou do Sínodo do Vaticano. (Fig. 14). Tornou-se uma figura ilustre, importante, mas não deixou de lutar pelas comunidades carentes, idosos, trabalhadores, rurícolas, menores abandonados, índios, pobres e desempregados. (Fig. 15 a 18). Lutou pelos menos favorecidos, até quando, em 13 de novembro de 1998, acometido de uma parada cardiovascular, Deus o resgatou para a morada celeste. Foi levado, às pressas, a Recife, mas não resistiu ao ataque fulminante que estagnou seu coração.

Figura 13 – Brasão do bispado de Mário



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1988)

Figura 14 – Com João Paulo II, em Sínodo no Vaticano



Fonte: Vieira; Nunes (2020)

Figura 15 – Com as crianças



Fonte: Vieira; Nunes (2020)

Figura 16 – Com as crianças



Fonte: Vieira; Nunes (2020)

Figura 17 – Com crianças indígenas



Fonte: Vieira; Nunes (2020)

Figura 18 – Com os pobres



Fonte: Vieira; Nunes (2020)

Seu legado

Mário Zanetta deixou um imenso legado para Paulo Afonso e toda região do sertão baiano. Como reconhecimento a seu incansável trabalho, a Câmara de Vereadores aprovou a criação de um bairro em sua homenagem. (Fig. 19). Teve ainda seu nome estampado no Restaurante Popular e no Instituto Tecnológico que ele criou com esmero. Seu nome gravou-se na mente e no coração de todos que conviveram com ele e/ou conheceram-no. Ele aprendeu a amar a região, como se nela tivesse nascido. Dizia-me: Coragem amigo; seja forte; resista; és instrumento de Deus; ele sempre estará contigo.

Figura 19 – Vila Dom Mário Zanetta, em Paulo Afonso



Fonte: Carreira (2016)

Lembrança da coragem de Mário

Começava um período de perseguição a jornalistas e radialistas que publicavam informações sobre crimes

praticados por malfeitores de Paulo Afonso, que estavam a jogar os corpos das vítimas em municípios vizinhos. Com a morte do jornalista Nivanildo, cujo corpo encontrou-se na barragem da Usina PA-4, sem os olhos, com a língua e uma das orelhas decepadas, outros comunicadores evadiram-se da cidade, mudaram de função ou se calaram.

Não havia medidas punitivas ao grupo que amedrontava a população como um todo. Com o assassinato de Nivanildo, ligado às instituições e movimentos sociais, ocorreram manifestações de órgãos da sociedade, com apoio do bispo Dom Mario Zanetta. De imediato, ele se deslocou a Salvador onde teve audiência com o Secretário de Segurança da Bahia, concedeu entrevista na TV Aratu e, nos jornais Tribuna da Bahia e A Tarde publicou fortes denúncias sobre a criminalidade que estava a ocorrer em Paulo Afonso e região. (Fig. 20).

Figura 20 – Mário era decidido nas ações que demandavam coragem



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada pelo autor

A atitude dele, em denunciar o banditismo no município, foi um marco na história. Com sua genuína coragem, ele fez cessar, de vez, a criminalidade. Uma semana após sua corajosa

ação, a cidade recebeu um pelotão especializado para investigar, coibir e prender os criminosos. Prenderam-se 19 suspeitos. Dentre eles, 14 foram encarcerados e custodiados nos batalhões de Teixeira de Freitas e Alagoinhas. Para a sociedade como um todo, preferencialmente os mais humildes, idosos, enfermos e desempregados, Mário Zanetta foi um verdadeiro irmão.

Quando ele tomava a frente na busca de solução dos imbróglis, as pessoas tinham plena convicção dos resultados positivos. Por mais difícil e complicado que fosse o problema, com ele havia sempre uma solução. (Fig. 21).

Figura 21 – Para ele, havia sempre uma solução



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada pelo autor

Seu coração negou fogo

Quando seu coração estremeceu, alguém tinha de fotografá-lo. Eu corri ao hospital, onde fiz fotos da equipe médica a prepará-lo para ser removido a Recife. (Fig. 22 a 24). Alguém reclamou. Saí, cabisbaixo, pela perda do amigo que, muito cedo, postou-se a caminho da infinita morada, no encanto

celeste da memória dos seus. Já no carro, senti grossas lágrimas de angústia, a brotarem de meus olhos e descerem por minha face. Alguns dias depois, pediram-se me as fotos, para publicá-las em livro que a Editora Fonte Viva editaria.

Figura 22 – O médico a prepará-lo, para levarem-no a Recife



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada pelo autor

Figura 23 – O médico a prepará-lo, para levarem-no a Recife



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada pelo autor

Figura 24 – Em avião, levaram-no, com celeridade, a Recife



Fonte: TV Fonte Viva (2020), adaptada pelo autor

Senti sua perda como se fosse a de um pai, um irmão carnal. Dom Mário foi e sempre será lembrado como grande e verdadeiro amigo. Ele me abraçou e acolheu-me nos momentos mais difíceis de minha vida, principalmente, quando os ossos de meu ofício de jornalista começaram a doer, deteriorarem-se, brusca, repentina e avassaladoramente.

REFERÊNCIAS

CARREIRA, Manoel. Áreas de lazer são criadas na Vila Dom Mário Zanetta, a pedido de Carreira. Câmara Municipal de Paulo Afonso. 2016. Disponível em: <https://www.cmpa.ba.gov.br>. Acesso: 26 jun 2023.

TV FONTE VIVA. **Vida de Dom Mário Zanetta**. Paulo Afonso: Fonte Viva - YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 24 jun 2023.

VIEIRA, Maria José Rodrigues; NUNES, Aníbal Alves. **Homenagem a Dom Mário: um padre italiano**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 09 jun 2023.

4.4 O COMUNICADOR

Maria José Rodrigues Vieira⁹⁴

Introdução

Para uma jovem, nas décadas de 1960 e 1970, beber era revolucionar demais. Suavizava o verbo rebelar-se. Às vezes, com causa; outras, sem razão. Um casal de amigos, J. Abílio e Nazaré, achava absurdo que alguém como eu assim o fizesse. Planejou um almoço onde dizia que me mataria de vergonha. Apostei nisso. À casa dele me dirigi, às onze horas de um domingo qualquer.

Em um canto da sala, um jovem de uns 29 a 35 anos estava sentado diante de um copo e uma garrafa de cerveja. Ele era alto, loiro, bastante calvo para a idade que eu imaginava ter. Tinha profundos olhos azuis, a transmitirem grande serenidade. Fitava-me com insistência. Sorvia a cerveja como, no deserto, um sedento beduíno ingere água cristalina há muito desejada. Bebia com os olhos renitentemente fixos em um ponto qualquer da sala. Na voz dele, havia um leve sotaque estrangeiro. Serviu-se o almoço. Ele logo se retirou. A festa continuou.

⁹⁴ **Maria José Rodrigues Vieira** nasceu em 1950, na cidade de São Sebastião - Paraíba. Trabalhou na Companhia Hidrelétrica do São Francisco. É professora aposentada, sócia fundadora da Associação de Professores Cristãos de Paulo Afonso, membro da Coordenação de Catequese do Regional Nordeste III, participante da criação da Equipe Diocesana de Comunicação de Paulo Afonso (EDIC) e responsável pelo setor de radiodifusão e produção de programas de rádio da Diocese de Paulo Afonso. É poetisa e autora dos livros: *Conversando na Vida*, *Nova Face* e *Inspiração*. Tem trabalhos publicados em jornais e revistas.

Pela primeira vez, saí de uma comemoração, sem beber absolutamente nada. Meus amigos nada comentaram sobre aquele dia. Soube depois que eles disseram ter o tiro "saído pela culatra".

Foi a primeira vez que vi o Padre Mário. Foi meu primeiro encontro com um padre que bebia e fumava. Naquela época, o ateísmo morava em meu coração. Eu só acreditava nos deuses astronautas de Erich von Däniken.

Foi também naquele período que meu irmão faleceu e fatos estranhos começaram a acontecer. Estranhos porque eram inexplicáveis. Sonhava constantemente com ele, a me mandar buscar Deus, cuidar da fé. Dizia-me que a vida que eu levava era indesejável. Por fim, terminei prometendo a mim mesma, que iria fazer o que ele me pedia.

O começo da conversão

Foi assim que, certa vez, dirigi-me à Igreja de Nossa Senhora de Fátima, a mesma a que muitas vezes ia, para me livrar da insistência de minha mãe e evitar maiores discussões. (Fig. 1). Com as amigas, eu zombava daquele homem alto e loiro, todo paramentado, de braços abertos, a consagrar hóstias e abençoar pessoas. Nunca entrava na igreja. Limitava-me a ficar na porta principal. Por trás dele, havia uma imensa cruz de madeira. Nesse dia, na hora da comunhão, senti uma grande força a me puxar para dentro do templo, em direção ao padre. Um comando antagônico fazia-me, no entanto, ficar estante, com os pés fixos ao chão.

Ao findar a fila de comunhão, vi o padre, lá na frente, parado, ainda com uma hóstia na mão, como que a esperar por alguém ou preparar-se para o flash de uma fotografia. Postei-me de joelhos, com o rosto lavado em lágrimas. Como me ajoelhei e

porque assim o fiz não sei. Permanece, como um mistério, em minha vida. Hoje, vejo tudo como num quadro; o padre com a hóstia na mão, a esperar pela mulher ajoelhada que, sem saber porque, chorava.

Figura 1 – Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Paulo Afonso



Fonte: Freire (2023)

Eu sentia que a pior batalha é aquela em que as forças de dois cavalos se medem dentro do homem. Qualquer uma delas que vença, o homem cairá de joelhos, por não ter vencido a si mesmo. Eu percebi que os caminhos são muitos, mas o mais importante é aquele que não se planeja caminhar. Assim, como quem ensaia os primeiros passos, em ponte de corda atravessada sobre um rio, voltei à igreja, três dias depois.

Novamente, à porta da igreja

Sempre fui levada a seguir minha intuição. Na semana seguinte, senti enorme vontade de voltar à igreja. Novamente,

vi o padre, alto e loiro, de olhos azuis e serenos. Lembro-me nitidamente de sua voz a dizer: o Senhor esteja conosco. Nesse momento, uma criaturinha chegou perto a mim. Posicionou-se de costas, em minha frente. Em seguida pegou minha mão e segurou-a firmemente. Um sentimento de cuidado para com ela encheu meu coração. Pensei: é preciso cuidar dela, pois, daqui pouco, sua mãe aparece. Se ela sair da igreja, confabulei com meus botões, pode ser perigoso. Estranhei a demora por alguém a procurá-la, mas havia muita missa pela frente.

Enfim, chegou a hora da comunhão. Novamente senti forças estranhas a me puxarem; uma delas, para frente, e outra, para trás. Inesperadamente, a criança começou a andar. Segurava minha mão e obrigava-me a segui-la. Entrei na fila da eucaristia. Segui-a como um autômato. Deixei-me guiar, como um náufrago abandona-se às ondas. Parei diante do padre. Ao receber a hóstia, ela (a criança) apertou, mais uma vez, minha mão e soltou-a. Frente a mim, olhou-me por um instante. Sorriu, deu as costas e evadiu-se. Nunca mais a vi. Ela gravou-se em minha mente e em meu coração. Mudou meu caminho. Mudou minha história.

No sábado seguinte, lá estava eu, a esperar não sei o quê e nem a quem. Sabia que, naquele local, as pessoas se reuniam em torno de um nome, Jesus. Eu pressentia que alguma coisa iria acontecer. Esperei por mais de duas horas. Lá permaneci até que Conceição, Padre Alcides e algumas catequistas compareceram, para participarem de uma reunião que, dias antes, na secretaria da paróquia, havia-se programado.

Por aqueles tempos, nos idos de 1973, a Igreja passava por profundas mudanças, promovidas pelo Concílio Vaticano II, o mais importante evento da Igreja Católica no século XX. A partir daquele acontecimento, houve alteração em toda estrutura e feição do catolicismo, com importantes ações e desdobramentos na pastoral, no estudo, nas missões, na liturgia e nas relações ecumênicas. O documento de Paulo VI,

Evangelii Nuntiandi, definia o papel, a responsabilidade de todo cristão, na divulgação do Evangelho de Jesus Cristo. Assim, a Igreja de Paulo Afonso requisitava leigos que assumissem tarefas administrativas e litúrgicas.

A messe é grande e poucos os operários (LUCAS, 10, 2)

Nossa região só tinha três padres: Mário Zanetta, Alcides Modesto e Lourenço Tori. Eles necessitavam de braços para ajudar “a ceifar a messe”. Acredito que o Senhor havia me ‘escolhido’ para ajudá-los. Necessitava, porém, de preparo. De Bíblia conhecia, absolutamente nada, bulhufas, nadica, necas de pitibiribas. Da vida e da miséria com que eles labutavam, conhecia muito. Seria fácil para mim. Bastaria aumentar a fidelidade ao plano de Deus, arregaçar as mangas, pegar o pão do forno e, com paixão, correr atrás de metas claras, em busca do paraíso universal que Cristo, há dois mil anos, propusera.

O povo

Os trabalhos de organização do povo apenas haviam começado. Trabalhar com gente era difícil. Tinha-se que conscientizar sobre os direitos dos filhos de Deus, para libertá-los dos hábitos arraigados, de costumes seculares, da cultura tradicionalista e da ignorância do que é correto fazer, enquanto senhores de sua própria história. Havia avanços e retrocessos nos próprios passos. Quando o Padre Alcides e a Conceição não se faziam presentes às reuniões, os catequistas voltavam a suas casas, com as bíblias em baixo do braço.

Por esse tempo, começou-se a cogitar a possibilidade de Paulo Afonso tornar-se Diocese. Mesmo devagar, edificou-se a

história da Igreja local. Por desmembramento da diocese de Bonfim, o Papa Paulo VI criou-a, no dia 14 de setembro de 1971. (Fig. 2). Em 8 de dezembro do mesmo ano, recebeu Dom Jackson Berenguer Prado, seu primeiro bispo. Assim, a Igreja de Paulo Afonso iniciou seu caminhar enquanto Diocese.

Figura 2 – Em 14/09/1971, Paulo VI criou a Diocese de Paulo Afonso



Fonte: Ipiranga News (2018)

Arraigado à Cristandade, Dom Jackson Berenguer Prado zelava das pessoas, é bem verdade, mas investia forte no estreitar laços de amizade com o poder político local e fortalecimento do patrimônio pessoal, o que causava desconforto aos leigos e gerava atritos com eles. Assim, a proto-história de Paulo Afonso edificava-se, ao dissabor de conflitos intergrupais e pessoais decorrentes de dois paradigmas antagônicos.

A preparação bíblica realizava-se em todas as segundas-feiras, pela manhã. O conflito pessoal, espiritual e ideológico do vigário geral e da comunidade local, integrados às mudanças pós-conciliares, contra o bispo diocesano vinculado à Cristandade crescia dia a dia. Necessitava-se preparar alguém

para assumir a Catequese, nos moldes do que propunha Paulo VI. Em termos técnicos e pedagógicos, eu me sentia capacitada a suprir a carência, mas, na dimensão espiritual, não. A palavra inovadora estava ainda crua em mim. Para assumi-la eu não me sentia suficientemente segura.

Quando o vigário geral me chamou a uma conversa, passei a vê-lo como uma pessoa comum, sem a auréola de santidade que minha família dizia circundar o cérebro dos padres, vocacionados a serem porta-vozes de um deus estratosférico. Havia-me acostumado a colocá-los em uma redoma, acima das dores humanas, como se fossem pequenos deuses, ilibados aos corriqueiros sentimentos dos degredados filhos de Eva.

Em reciprocidade dialógica, senti-me em companhia de um homem modesto, com necessidades a transcenderem os rituais das missas, confissões e comunhões. Vi-o solitário, cansado pelas desumanas renúncias ao usufruto da vida conjugal, não modificadas pelo Concílio Vaticano II aos obreiros da Igreja. Era ele uma pessoa que discordava profundamente desse instrumento de opressão que se mantivera na estrutura da Igreja pós conciliar. Amava muito a vida e opção pelo sacerdócio que havia feito *ad aeternum*. Contudo, no dia a dia, percebia que aquele sacrifício sobre-humano era contraditório com a mensagem da libertação das pessoas, em busca do usufruto da vida em qualidade plena.

Muitas vezes, nossas reuniões com Conceição, eram assistidas pelo olhar silencioso, misterioso e tristonho de seu admirador, parceiro de caminhada. Certa vez o surpreendi em estranho procedimento. Abraçado a uma coluna, olhava-nos como ansiosa criança, a sonhar pelo abraço materno, fraterno talvez ou mesmo, o afago da pessoa que amava, sem poder manifestar-se. Seu gesto refletia tristeza tal, que escapulia dos olhos. Expandia-se por todo seu corpo. Guardei a lembrança do olhar daquela tristíssima figura. Vi sua solidão, no gesto, no abandono retratado em seu corpo, junto à coluna. Em mais

duas ocasiões, vi a tristeza profunda invadir seu ser, a transparecer fisicamente: uma, quando faleceu um parente em sua terra natal; outra, quando ministrou a extrema unção a um leproso que morava próximo à ‘feirinha’⁹⁵.

Alcides Modesto ansiava por libertação. Por isso, libertou-se do celibato compulsório que o oprimia, sem abdicar da missão eclesiástica que continuou a exercer em outros campos da vida. Construiu nova caminhada. Fez sua história.

Um ensinamento para toda vida

Padre Alcides ausentou-se da cidade. Seu companheiro, Padre Mário, assumiu a coordenação da Pastoral Catequética. Se eram poucos para a região, a situação transformou-se no máximo da carência pastoral. Assim, a caminhada tornou-se difícil, pela carência de padres, pelo desconhecimento da bíblica, pela falta de consciência do que é ser igreja e pela carência de organização do povo. Aos poucos, porém, pela perseverança e estímulo dele, abateram-se as dificuldades.

Ele participava das reuniões, para trabalhar a espiritualidade do grupo. Logo evadia-se. Sem ele, os catequistas e eu fazíamos a parte pedagógica dos trabalhos. Aos poucos, os catequistas assumiam a caminhada. Assim, alcançávamos o objetivo. Aprendemos a nos apropriar da própria marcha. Percebemos que a igreja não era o padre. Eram todos que se reuniam em torno da Palavra de Jesus. Após as reuniões, avaliávamos a caminhada grupal. Percebemos que, mesmo com falhas, conflitos e inseguranças, o grupo crescia em espírito e consciência. Reunia-me, por vezes, com Padre Mário,

⁹⁵ A essas e muitas outras cenas de sofrimento do padre eu presenciei. Eu morava a cinco casas da residência paroquial. Nessa época já éramos muito próximos. Sempre o via passar em direção à casa dele. Então conversávamos.

para com ele avaliar a caminhada catequética, rumos a tomar e documentos a estudar. (Fig. 3 e 4).

Figura 3 – Mário assumiu a coordenação da Pastoral Catequética



Fonte: Vieira; Nunes (2020)

Figura 4 – Equipe de Pastoral Catequética



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

O primeiro encontro diocesano de Catequese realizou-se com dificuldades. Uma delas foi a preparação dos materiais. Grande número de pessoas, vieram das paróquias e poucos operários havia para o trabalho. A messe era grande e os operários, poucos. (LUCAS, 10, 2).

Em nossa comunidade já existia o Gráfica dos Vicentinos, porém o uso de 'tipos' dificultava bastante a tarefa⁹⁶. Além disso, tínhamos pouco tempo para preparar tudo. Pela manhã, Conceição ajeitava as apostilas e eu, à tarde, imprimia-as.

Era o tempo áureo dos mimeógrafos a álcool e óleo.⁹⁷ A nossa era elétrica e a manivela⁹⁸. Em uma tarde daquelas, Padre Mário chegou à Cúria. Estava eu, na luta. Ele observou uma hipertrofia muscular entre minha axila e meu ombro. Eu nem me dera conta. Pegou de minhas mãos a manivela. Entre uma conversa e outra, terminou para mim o trabalho daquela tarde, a me dizer: um dia não mais será assim; tudo isso será bem mais rápido, sem tanta dificuldade; ou não me chamo Mário.

Naquele momento, gestava-se, em sua cabeça genial, a ideia de uma pequena gráfica. E assim foi. À boca miúda, na época, dizia-se que Dom Jackson tinha grande apreço por ele e que tudo o que lhe pedisse, conseguiria. Havia um prédio na Avenida Apolonio Sales. Foi nele que se construiu a gráfica dos padres. Aposentou-se o velho mimeógrafo.

Nesse período da caminhada de nossa comunidade, vimos despontar, no horizonte, novo processo que denotava crescimento mais amplo da igreja: o Papa Paulo VI escreveu e publicou *Evangelii Nuntiandi*. Recomendava que os leigos assumissem a frente da batalha pastoral, com mais

⁹⁶ Era uma tipografia. Nela, a partir das letras do alfabeto sobre uma base, formavam-se as palavras, as frases e os textos.

⁹⁷ Na verdade, parecia mais uma graxa preta. Era terrível. Fazia muita sujeira.

⁹⁸ Pela falta de conhecimento técnico, optamos por aquele modelo.

responsabilidades na missão de evangelizar. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) passou a capacitá-los, mais e mais, para assumirem e comprometerem-se com uma Catequese Renovada. Recomendava que atuassem nas comunidades, aprofundassem-se no Evangelho, no meio do povo, para o povo e com o povo⁹⁹.

Em 1983, o Frade Franciscano Israel José Nery, primo do cantor Padre Zezinho, membro do - Grupo de Reflexão de Catequese (GRECAT) da Comissão de Catequese da CNBB), ministrou um treinamento para catequistas de todo Regional Nordeste III. Padre Mário enviou catequistas da comunidade (algumas ligadas à Prefeitura) para o referido encontro que se realizou na Ilha de Itaparica. Nele, estudou-se o documento 'Catequese Renovada' da CNBB.

O treinamento tinha como objetivo implantar, nas dioceses, um novo jeito de caminhar e ser igreja. Então assumimos o desafio. Surgiam barreiras a cada passo que dávamos. Cada uma delas trazia consigo, porém, o desafio à vitória, à superação. Os leigos realmente retornaram com nova visão da realidade, vontade e esperança renovadas.

A nova consciência e a inserção na comunidade provocaram mudanças profundas na sociedade. Com uma visão mais rica e participativa de viver a Palavra de Deus, aos poucos, vimos surgirem comunidades de base, com a participação dos catequistas nas lutas sindicais e nos movimentos populares; na organização de associações e na criação de grupos de oração.

Com a saída de Dom Jackson, veio pastorear-nos Dom Aloysio José Leal Penna. Com ele, chegou novo progresso, pois nosso primeiro bispo havia estruturado a diocese em termos físicos e geográficos. (Fig. 5 e 6).

⁹⁹ Foi este um dos primeiros documentos da igreja, que estudamos no Centro comunitário de Nova Gloria.

Figura 5 – Dom Jackson Berenguer Prado



Fonte: Arquidiocese de Feira de Santana (2020)

Figura 6 – Dom Aloysio José Leal Penna



Fonte: TV Globo (2012)

Ele, o novo bispo, presenteou-nos com grande quantidade de freiras. Elas muito nos ajudaram em nossa caminhada de fé.

Lamentavelmente, ele ficou por um tempo bastante limitado. Deixou-nos em apenas cinco anos. Em seu lugar, com o Múnus Papal de 15 de junho de 1988, nomeou-se Mário Zanetta, para assumir, como bispo, a Diocese de Paulo Afonso, em 14 de agosto de 1988. (Fig. 7).

Figura 7 – Dom Mário Zanetta



Fonte: Santos; Menezes (2021)

Comunicar era preciso

Dom Mário Zanetta fundamentou todo seu caminhar de bispo, com prioridade na área humana. A opção preferencial pelos mais pobres era sua tônica. Seu lema era: **fora da caridade não há salvação**. A caridade fazia-se presente, quando ele se colocava no lugar do outro, para sentir suas dores, seu cansaço, suas angústias, alegrias e vitórias. Cultivava-a para abrir caminhos, para aceitar as falhas dos outros e seus próprios defeitos. Exercitava-a na caminhada, em busca do Reino que dizia começar aqui e agora. Sabia que a ele somente se alcança, de mãos dadas com os irmãos.

Caridade é comunicar o Reino

Certa vez, Dom Mário convidou para uma reunião, em sua casa, o professor José Maria de Souza, o radialista Bob Charles, a professora Cecília de Oliveira, José Karaja e Cleide (missionários do Conselho Indigenista) e eu. O objetivo era falar sobre comunicação. Ele acreditava que o futuro da pastoral diocesana dependia basicamente dessa arte.

Nessa reunião nasceu a ideia do jornal Informativo Diocesano, com objetivo de suprir a carência de comunicação inter-paroquial da diocese com território de 36.913 km² de extensão, a abranger 20 municípios. Eram grandes as distâncias e enormes as dificuldades de comunicação. Então, o jornal propunha-se a minimizar a carência de notícias. Assim, criou-se o canal de interlocução radiofônica, administrado por uma equipe de Paulo Afonso e componentes das cidades integrantes à diocese. (Fig. 8 e 9).

Figura 8 – Era preciso resolver o problema da falta de comunicação



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

Figura 9 – A Diocese de Paulo Afonso tem 36.913 km² de extensão



Fonte: Diocese de Paulo Afonso (2022)

Descobrimos, contudo, que falar em comunicação era fácil. Fazê-la acontecer eram outros quinhentos. Dos sete membros que formavam a equipe do jornalismo, ficamos apenas ele, (Dom Mário) e eu. Caracterizava-nos como a ‘doisquipe’.

A gráfica

Algum tempo depois, o sonho ainda continuava firme e forte, naquele homem que nasceu para comunicar não só a Palavra,

mas, também ensinar como fazer para que ela se expandisse. A ampliação dos meios de comunicação, de forma mais independente e fácil, deu-se com o desligamento da gráfica dos Vicentinos (trabalhavam juntas), para criação da “gráfica dos padres” (mais tarde Editora Fonte Viva).

Inicialmente, adquiriu-se uma máquina IBM elétrica, algumas impressoras (tipo Xerox) e a óleo, uma enorme guilhotina, dois perfuradores de papel (um industrial, outro manual). Adquiriu-se, depois, um computador. Assim, os trabalhos gráficos começaram, de vento em popa. (Fig. 10 a 12).

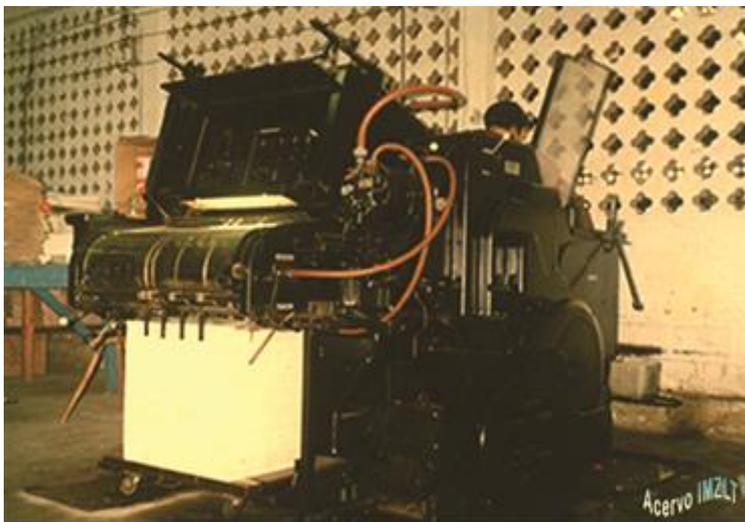
Figura 10 – Impressora manual, com manivela



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1982)

Os humanos, é claro, não poderiam ficar de lado nesse projeto. Sempre que uma máquina nova chegava, vinha alguém para ensinar e havia alguém disposto a aprender a lidar com ela. (Fig. 13). Ligeiramente, ela se tornava a menina dos olhos daquele que com ela aprendia a trabalhar.

Figura 11 – Impressora Offset



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1983)

Figura 12 – Primeiro computador



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1982)

Figura 13 – Havia alguém a ensinar e alguém a aprender



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1983)

Era bom assistir o movimento, normalmente à noite, na Gráfica dos Padres. Vimos que era possível e bom. Prazeroso mesmo era ver a alegria e animação estampada no rosto e, por que não dizer, no corpo cheio de energia daquele homem de sonhos altos e disposto a colocá-los no coração de quem estava a seu lado. Muitas vezes o vi, a pegar pesadas máquinas, ajudar entregadores a retirá-las dos containers. Tudo fazia, com alegria contagiante, bonita de se ver. Aos poucos, a gráfica tomou corpo. Alcançou seu objetivo.

Todos os trabalhos desenvolvidos nas paróquias da diocese formatavam-se e imprimiam-se lá. Ela facilitou, sobremaneira, a evangelização e organização social das comunidades. A coletividade local também fazia uso dos trabalhos da gráfica, o que gerava empregos e muita aprendizagem.

A ela traziam-se estudantes, tidos como problemas nas escolas. Nela, em esquema de rodízio, aprendiam o serviço de

todos os setores. Concedia-se lhes, então, o direito de escolherem o que lhes fosse mais prazeroso. A ele dedicavam-se, com afinco. Tornavam-se, assim, bons profissionais. Aprendiam e levavam o fruto de seu treinamento para casa, pois todos eram remunerados. Ao atingir a maioridade, muitos assumiram seus setores, como bons funcionários.

O sonho continua nas ondas sonoras do rádio

Todos os dias, às 18 horas, tínhamos um programa de cinco minutos, na Rádio Cultura de Paulo Afonso. O programa era ao vivo, o que dificultava bastante a frequência diária. Isso ocasionava insatisfações tanto à administração dela quanto à diocese. Assim, surgiu novo sonho, ao raiar de um novo dia.

Em uma das salas no salão paroquial da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, montou-se um pequeno estúdio de gravação de programas de rádio. O sonho era maluco, com grande improbabilidade de concretizar-se porque, dessa área, nada sabíamos e dos equipamentos, também não. Não pensávamos sequer que poderíamos fazer algo daquele porte.

Certa vez, Dom Mário chegou ao estúdio onde nos encontrou às voltas com dificuldades no domínio dos equipamentos. De imediato disse: Vocês estão diante de um monstro, mas existe grande diferença entre vocês e ele. Vocês pensam, raciocinam, decidem e agem. Ele não. Ou vocês o dominam, ou ele domina vocês. E se a gente o estragar, em uníssono coro, perguntamos. De chofre, respondeu com outra pergunta: Para que existe assistência técnica? Foi o bastante para a gente reagir e adquirir a segurança que precisava para conseguir. Logramos êxito.

Fizeram-se muitos contatos até que o dia da Comunicação de Rádio chegou. De Belo Horizonte, a presentear-nos com um

curso de Comunicação na Area de Rádio, Plutarco Almeida abeirou-se de nós. Ele era padre, escritor e comunicador. Dispôs-se a preparar-nos e ajudar Dom Mário a concretizar mais um sonho, para as comunidades da Diocese.

Após este curso, começamos a gravar semanalmente, em fitas cassete, programas que diariamente transmitiam-se na Rádio Bahia Nordeste. A equipe gravava-os em estúdio da Equipe Diocesana de Comunicação (EDIC), mais tarde transformada em Fonte Viva, então localizada no prédio da Avenida Apolônio Sales. A maioria das paróquias gravava nele os programas transmitidos em suas comunidades.

Criaram-se também duas rádios comunitárias experimentais: uma no bairro Tancredo Neves (BTN I), sob orientação de Padre Wilton e outra no Centro, orientada por padre Ramos. Elas permitiram maior participação da população. Com elas, edificaram-se os alicerces da cultura, dos hábitos e costumes locais. Elas se faziam pela comunidade, para a comunidade.

As exitosas experiências de gravação para as rádios, as vivências nas emissoras comunitárias e os cursos de comunicação incentivaram-nos a realizar dois outros cursos na cidade de Cícero Dantas, um novamente com Plutarco Almeida e outro com Padre Pedro Paulo. Neles, descobriram-se e aproveitaram-se valores humanos cujas vozes aproveitaram-se na Rádio Regional de Cícero Dantas¹⁰⁰ e Rádio Vaza-barris de Jeremoabo. (Fig. 14 e 15). Essas conquistas traziam grande alegria ao coração de Dom Mário. Ele, realmente acreditava no poder da comunicação.

Art. 1º. Fica outorgada concessão à Rádio AM de Cícero Dantas LTDA., para explorar, pelo prazo de 10 (dez) anos, sem direito de exclusividade, serviço de radiodifusão sonora em

¹⁰⁰ A Rádio Regional de Cícero Dantas foi um sonho revolucionário, concretizado pelo Bispo Dom Mário Zanetta. Entrou no ar, em 24 de abril de 1990, às 14 horas, na cidade de Cícero Dantas.

onda média, na cidade de Cícero Dantas, Estado da Bahia.
Parágrafo único. A concessão ora outorgada reger-se-á pelo Código Brasileiro de Telecomunicações, leis subsequentes e seus regulamentos e, cumulativamente, de conformidade com preceitos e obrigações enumerados no artigo 28 do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto nº 88.067, de 26 de janeiro de 1983, bem como às obrigações assumidas pela outorgada em sua proposta. (BRASIL,1987).

Figura 14 – Rádio Regional de Cícero Dantas



Fonte: Vitor (2020)

Figura 15 – Rádio Vaza-Barris de Jeremoabo



Fonte: Rádio Vaza Barris (2023)

A Rádio Regional de Cícero Dantas é parte do sonho de um homem que amava a comunicação. Ele queria que a Diocese tivesse um veículo de evangelização, que chegasse a todos os lares, a todas as comunidades, sem distinção. É uma emissora diferente, aberta à participação popular. Nela, o povo tem voz e vez. Ela leva informação, música, entretenimento e alegria aos lares cícero-dantenses e de toda região.

Durante esses anos, a Rádio Regional consolidou-se como uma emissora de perfil democrático, sem vínculos com partidos políticos, o que possibilitou a difusão dos movimentos sociais. Dá espaço às comunidades menos favorecidas. Auxilia, de maneira educativa, na evolução, no crescimento do município e de toda a região. Tem participação ativa nos momentos determinantes da história religiosa e política. Informa e evangeliza. (Fig. 16). Tem programa com espaço aberto às comunidades. Nele a população faz suas reivindicações e sugestões. Tem programas jornalísticos. Veicula notícias locais, regionais, do país e mundo. Solidariza-se com os artistas da terra, no resgate e fortalecimento da cultura popular.

Figura 16 – Participação popular na Rádio Regional de Cícero Dantas



Fonte: Henrique (2020)

O decreto presidencial nº 8.139 possibilitou a migração de faixa AM (Amplitude Modulada) para FM (Frequência Modulada). Sua reinauguração, com reabertura dos trabalhos, ocorreu no dia 6 de dezembro de 2019, sob a direção do Padre Pedro Rivaldo Lima.

A nova fase dos trabalhos da emissora enquadra-se nas plataformas dos dias atuais. Conta hoje com um moderno transmissor em FM. Sua frequência de execução é 100.9 Mhz. Seu sinal cobre Cícero Dantas, cidades circunvizinhas e toda a região. Disponibiliza seus serviços, via internet, pelo site: www.radioregionalfm.com.

O carro de som

Para diminuir os gastos durante os festejos dos padroeiros, nas paróquias com dificuldades para firmar contratos com carros de som, devido aos altos custos, juntamente com seu afilhado e amigo Carlinhos, Dom Mário sonhou com um carro de som da Diocese. Projetou-o e concretizou-o. Esse veículo de comunicação servia às paróquias e à sede, durante os festejos. Mantinha-se com a prestação de serviços particulares, na comunidade local.

Gigante no acolhimento

Com a criação da Fundação Aloysio Penna, Dom Mário ampliou seus horizontes, com olhar carinhoso e atento aos pobres e abandonados pela sociedade. Organizou a Fundação de Amparo ao Menor de Rua (FUNDAME). Juntamente com outras entidades municipais, fundou a Casa de Acolhida de São José, localizada na Feirinha, antiga área de prostituição na

cidade. Ajudou as infelizes mulheres a saírem da situação humilhante e degradante que a prostituição conduz. Acolheu as crianças de rua, amparou-as e despertou nelas a esperança de um futuro melhor. (Fig. 17 a 28).

Figura 17 – Olhar carinhoso aos pobres



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1983)

Figura 18 – Olhar atento aos abandonados



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1983)

Sua garra, força, energia, fé e esperança em dias melhores eram gigantes. Assumia responsabilidades sempre maiores e

mais abrangentes. Assim, seus dias eram na luta constante, em estradas, cidades e telefonemas infundáveis. A todos, tinha sempre uma palavra de incentivo. Com prodigalidade, distribuía-lhes esperança e força no caminhar.

Figura 19 – Olhar atento aos menores



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1983)

Figura 20 – Olhar carinhoso aos menores



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1983)

Figura 21 – Creche Menino Jesus



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (em data incógnita)

Figura 22 – Escola profissionalizante



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (em data incógnita)

Figura 23 – Escola profissionalizante



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1983)

Figura 24 – Escola profissionalizante



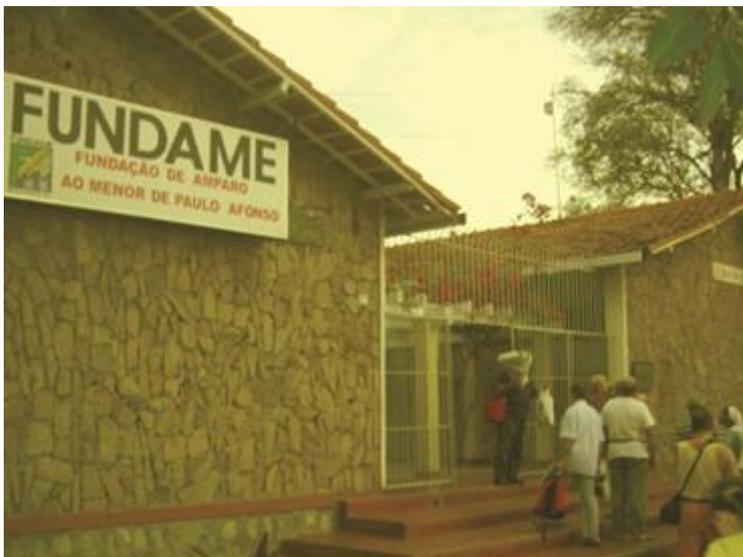
Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (em data incógnita)

Figura 25 – Escola profissionalizante



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (em data incógnita)

Figura 26 – Fundação de Amparo ao Menor de Rua (FUNDAME)



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (em data incógnita)

Figura 27 – Casa de repouso



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (em data incógnita)

Figura 28 – Casa de acolhimento



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (em data incógnita)

Suas ovelhas ele conhecia pela voz e pelo nome. Assim as chamava. Inspirava paz nas dificuldades e segurança nas lutas. Temia pela sorte das ovelhas desgarradas. Tinha sensibilidade acima do comum. Percebia as dores e os dramas íntimos de quem encontrava pelo caminho ou dos que estavam a seu

lado. Apontava caminhos e ajudava-os a trilhá-los. Nada escapava de seu olhar perscrutador e profundo. Descobria as fraquezas e ajudava a superá-las. Tinha paz tão grande que a irradiava a todos. Eliminava problemas, com um simples olhar. (Fig. 29 a 31).

Figura 29 – Instituto tecnológico



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (em data incógnita)

Figura 30 – Unidade de Piscicultura



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (em data incógnita)

Figura 31 – Apoio incondicional aos agricultores



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (em data incógnita)

Como todo ser vivente, também expressava sentimento de ira que o fazia ficar mais vermelho que ao normal. Assim ficava sempre que alguém se negava a aceitar sua ajuda. Sou testemunha pessoal disso.

Foi humano ímpar, amigo fiel, pai a todos, homem de bem. Em tempos de ditadura, não foram poucas as ameaças de morte que recebeu, por lutar e defender os mais fracos e desvalidos. A todas enfrentou com coragem e destemor. Sua morte veio, porém, sem aviso prévio, instantânea e fulminantemente.

No tempo do Pai

Eram sete da manhã de um sábado qualquer, de mais um novembro calorento. A minha porta bateu meu amigo Mário. Sem aviso prévio e cerimônia alguma, veio ao café da manhã, como de costume. Chegava sempre, com largo sorriso e, na fala, um “bom dia, ma fia”. Era assim que, carinhosamente, me chamava. Tomou três xícaras de café forte, sem açúcar. Conversamos abobrinhas (conversas leves, ao estilo de jogá-

las fora). Observei-o, sentado a minha frente, com camisa da cor de seus olhos e calça preta, a esquadrihar as paredes da sala de minha casa. Seu olhar se dirigia ao teto. Sua voz era mansa e suave quando me disse: **não te deixo nem mais pobre nem mais rica. Deixo-te apenas amiga.** Naquele momento, não o entendi.

Então se levantou e perguntou-me: Quer carona à Feira? De minha casa, no bairro Moxotó, à feira, passava-se por uma estrada entre duas represas da CHESF, a que chamávamos de Dois Rios. Na curva desse caminho, perguntou-me sobre a morte. Queria saber o que eu pensava dela. Meio a contragosto respondi-lhe que não gostava de falar sobre ela porque causava saudade, dor e muitas lágrimas em quem ficava. Quando alguém morre, continuei, chora-se por si mesmo, quase nunca pelo que se vai. (LUCAS, 23, 28). Ele ficou em silêncio, a pensar no que eu havia dito, até chegarmos ao destino. Desci do carro. Ouvi sua voz a me chamar, a pedir-me de volta sua bíblia que, ao descer do carro, inadvertidamente levava comigo. Foi a última vez que o vi com vida. (Fig. 32).

Figura 32 – Entre a vida e a morte, no Hospital Português, em Recife



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1998)

Foi, é e será grande meu pesar. Senti-me órfã de pai, irmão, companheiro e amigo de todas as horas. Agradeço a Deus pela oportunidade de ter convivido com ele, no efêmero tempo de

sua vida. Nele manifestou-se plenamente o **Espírito** que, no princípio de tudo, era Verbo. Em Mário fez-se carne. Com a morte dele, habita infinitamente a memória e o coração das pessoas de boa vontade. (Fig. 33 a 38).

Figura 33 – Despedida do pastor, mestre e amigo Mário Zanetta



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

Figura 34 – Ele habita infinitamente a memória das pessoas amigas



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

Figura 35 – Realizou-se seu funeral no dia 16 de novembro de 1998



Fonte: TV Fonte Viva (2020)

Figura 36 – Despedida do pastor, mestre e amigo



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1998)

Figura 37 – Aproximadamente 20 mil pessoas em seu funeral



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1998)

Figura 38 – Infinitas saudades do amigo Monsenhor Renato Corti



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (2018)

Irmã morte

Irmã em quem ninguém gosta de pensar
Gêmea da vida, siamesa negada
Jamais esquecida, quase nunca mencionada.
Estás no lado de fora,
Em qualquer esquina,
Em qualquer bar,
Intrinsecamente ligada, qual mãe,
Ao cordão umbilical.
A alguns, um tanto quando ansiada
Já por outros jamais esperada.
No entanto, eterna companheira
Invisível a perscrutar os passos,
A cada caminhar num doce olhar.
E, de repente, todos os segredos
Da vida por ela são revelados
Através de leve suspiro
Ou dor no peito; um estorvo cerebral,

Num estrondo na estrada,
Num tiro no escuro,
Ou numa braçada de mar.
De repente, não mais que de repente,
Iremos te encontrar.
Em teu abraço fortíssimo, rumo às estrelas
Presos à infinitude do que somos
Eternizados nos corações quem nos ama
Através de ti, iremos nos tornar.

A 72 horas antes do início de seu grande encontro. Depois um breve adeus que se prolongará até nosso próximo encontro. Em algum ponto desta imensa galáxia, em alguma estrela cintilante, existe o brilho e a energia propulsora que irradiava teu ser. Não me importa a distância que nos separa. Vez por outra sinto tua presença, amiga, por perto. Ouço teus passos. Nessas ocasiões, tenho certeza de que a morte não existe. Somos transeuntes numa mesma estrada, uns de um lado, outros de outro, separados por tênue muro. Vez por outra, por graça celestial, ficamos tão próximos uns dos outros, que a divisão vida-morte deixa de existir. A barreira invisível se desfaz, traz para nossa realidade, como num sonho, o irreal. Entre um tremor de corpo, ou arrepio de frio a estremecer-nos, nosso **Espírito** encontra-se, face a face. No enlaçar da vida com a morte, voltamos a nos encontrar. Estranhamente o tête-à-tête se dá. É inusitado. É divino. Só o amor levamos para a eternidade e só ele pode o que é eterno resgatar.

Ode ao amigo

Foste, meu amigo e companheiro
Não sei se, por longas lutas,
ou cansaço da vida,
ou se vencido pelo tempo.
Foste, tão de repente.

Atrás de ti, tantas e quantas vezes.
Umam choravam, outras se calavam.
Foste aumentando as águas do rio,
que então as faces inundaram.

Foste, meu amigo e companheiro,
dono das estradas empoeiradas do sertão.
O canto do Uirapuru e do Acauã soam baixinho:
são tristeza, são desalinho; são saudades, saudades!

Saudades de tua voz, do azul dos olhos teus.
Na estrada feita por teus caminhos
soa fundo um murmurinho: adeus, adeus.
Eu choro porque sou um dos teus.
Adeus.

REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE FEIRA DE SANTANA. **Dom Jackson Berenguer Prado**. 2020. Disponível em: <https://www.catedraldesantana.com.br>. Acesso: 27 jun 2023.

BRASIL. **Outorga concessão à Rádio AM de Cícero Dantas LTDA., para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média, na cidade de Cícero Dantas, Estado da Bahia**. Coleção de Leis do Brasil - 1987, p. 283, v 6. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acesso: 10 jun 2023.

DIOCESE DE PAULO AFONSO. **Diocese Nossa Senhora de Fátima – Paulo Afonso - Bahia**. 2022. Disponível em: <https://diocesedepauloafonso.com.br>. Acesso: 26 jun 2023.

FREIRE, Roland. **Catedral de Nossa Senhora de Fátima**. 2023. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 27 jun 2023.

HENRIQUE, Marcos. **Rádio Regional FM de Cícero Dantas**. 2020. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 28 jun 2023.

IPIRANGA NEWS. **Papa Paulo VI**. 2018. Disponível em: <https://ipiranganews.inf.br>. Acesso: 27 jun 2023.

PERFEITO, Junior. **Sepultamento de Dom Aloysio José Leal Penna, SJ em Botucatu**. TV Globo – YouTube, 2012. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 27 jun 2023.

RÁDIO VAZA BARRIS. **Rádio Vaza Barris FM**. 2023. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 28 jun 2023.

SANTOS, Paulo Roberto R. dos; MENEZES, Jardel. **Diocese de Paulo Afonso promove Semana Municipal Dom Mario Zanetta**. Pastoral da Comunicação. 2021. Disponível em: <https://diocesedepauloafonso.com.br>. Acesso: 27 jun 2023.

TV FONTE VIVA. **Vida de Dom Mário Zanetta**. Paulo Afonso: Fonte Viva - YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 24 jun 2023.

VIEIRA, Maria José Rodrigues; NUNES, Aníbal Alves. **Homenagem a Dom Mário: um padre italiano**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 09 jun 2023.

VITOR, Valdenilson J. **Rádio Regional de Cícero Dantas**. 2020. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 28 jun 2023.

4.5 CORDEL EM MEMÓRIA

Blandina Oliveira Andrade¹⁰¹

Agora, caros amigos,
Vou contar uma história
De nosso Mário Zanetta
Que nunca sai da memória.
Nos deixou só na saudade.
Foi morar na eterna glória.

Consolava os doentes,
Com sua voz calma e mansa.
Nunca dizia um não
Pois nos dava confiança.
Com sua fé e coragem
Nos enchia de esperança.

Entregou-se totalmente
Às ordens do Criador.
Missionário de Cristo,
Homem forte, lutador,
Deixou tudo e seguiu
Para servir ao Senhor.

Guiava bem seu rebanho
Com seu gesto de humildade.
Com palavra doce e meiga
Conquistava a mocidade.
Seu nome era respeitado
No sertão e na cidade.

Basta só pensar um pouco
Nesse amigo de nobreza
Que dedicou sua vida
Em prol da pobreza
De nosso sertão baiano,
Com sua delicadeza.

Deixou sua terra natal
Para fazer a vontade
De nosso Pai verdadeiro
Que lhe deu a liberdade
Pra vir morar no Brasil
E unir as comunidades. (Fig. 1).

Foi enviado por Deus
Para ser nosso pastor.
As ovelhas e os cordeiros
Tratava com muito amor.
Era o pai da caridade
E um bom agricultor. (Fig. 2).

Habitava em Paulo Afonso
Esse homem lutador.
Enfrentava os perigos
Com coragem e muito amor.
Dom Mário foi um braço forte
Para o pobre sofredor.

¹⁰¹ **Blandina Oliveira Andrade** (falecida) era excelente poetisa, vizinha e amiga dos padres. Participava ativamente da Legião de Maria. Não perdia ocasião para declamar seus versos em cordel, nas festas das comunidades da Diocese Nossa Senhora de Fátima. As figuras, *in memoria*, inseriram-se.

Iluminado por Deus
Esse herói estrangeiro
Dedicou sua vida,
Mostrando ser bom guerreiro.
Dom Mário foi para nós
Pai, amigo e companheiro.

Lágrimas, dor e saudade
De nosso querido Mário.
Acompanhando o enterro,
Era um momento precário.
Os lábios balbuciavam
Nas contas de seu rosário.

Nessa grande caminhada,
Acompanhando o caixão
De nosso querido bispo
Este nobre cidadão.
Parou em frente a sua casa,
Dando adeus a seus irmãos.

Parece que Paulo Afonso
Quase todo desabou. (Fig. 3).
A família de Dom Mario
Sofria a mesma dor.
Todos nós tínhamos por ele
Um verdadeiro amor.

Reunido aos fiéis
Ele servia contente.
Aqueles mãos consagradas
Distribuíam pra gente
O pão da Eucaristia,
Um alimento diferente.

Jesus disse: agora basta,
Já cumpriu sua missão.
Eu preciso de você
Em minha santa mansão.
Na terra ganhou vitória
E no céu a salvação.

Maria, mãe da Igreja
Mãe de nosso Salvador,
Os bispos, padres e freiras,
Nesse momento de dor,
Acompanhando o enterro
De seu querido pastor.

Observando o cortejo,
Vendo aquela multidão,
Acompanhando Dom Mário
Que seguia em direção
Para o cemitério local
O fim de sua missão.

Quantas vezes na Catedral
Ele entrava sorridente.
Quando pegava o evangelho
Deixava a todos contente.
O sermão que ele pregava
Comovia muita gente.

Sim, porque naquele pão
Estava o próprio Jesus
Que se deu em alimento.
Por isto morreu na cruz
Para salvar os pecadores
Depois ao céu os conduz.

Todos tinham por Dom Mário
Tamanha admiração.
Guiava seu pastoreio,
Com muita compreensão,
Para que todos alcançassem
O reino da salvação.

Vamos fazer nossas preces,
Unidos em oração,
Por nosso santo padre
E por todos os nossos irmãos
Bispos, padres, freiras e leigos
Neste elo de união.

Zelou bem seu rebanho.
Cumpriu sua missão.
Casa da acolhida e escola
Fez tudo com perfeição.
O que nos resta é saudade
Gravada no coração.

Unidos na mesma fé,
Ouvindo aquele sermão.
Dizia: Não tenham medo
E façam o bem a seu irmão
Na terra ganha virtude
No céu a salvação.

Xexéu canta no espaço,
Quando rompe a nova aurora.
A diocese e as paróquias
Cantam, lamentam e chora
Com saudade de seu bispo
que nunca sai da memória.

Figura 1 – Deixou sua terra natal



Fonte: Vieira; Nunes (2020), inserida pelo organizador

Figura 2 – Era pai da caridade



Fonte: Vieira; Nunes (2020), inserida pelo organizador

Figura 3 – Parece que Paulo Afonso, quase todo, desabou



Fonte: Vieira; Nunes (2020), inserida pelo organizador

REFERÊNCIA

VIEIRA, Maria José Rodrigues; NUNES, Aníbal Alves. **Homenagem a Dom Mário: um padre italiano**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 09 jun 2023.

4.6 VIVEU 120 ANOS

Gianpietro Canossi¹⁰²

Quem me contou foi uma freira, a irmã Celestina. Disse-me que houve um homem, que morreu em um dia desses. Ele viveu 120 anos, isso mesmo, 120 anos. O nome dele era Mário. Foi padre e bispo. Na verdade, pela certidão de nascimento, ele tinha 60 anos, mas morreu com 120.

Ele viveu em dobro. Tudo ele fazia dobrado. Se fosse ajudar uma pessoa, ajudava duas. Se fosse aconselhar alguém, aconselhava logo dois. Chamado para visitar um doente, passava logo na casa de outro. Amava em dobro, rezava em dobro, pregava em dobro, corria em dobro, preocupava-se em dobro. Se fumasse um cigarro, acendia logo outro.

Não teve filhos. Se tivesse, seguramente, seriam gêmeos (de fato, um grande amigo dele teve). Nada para ele era muito. Sempre faltava algo para completar o dobro. Se a medida do que fazia não fosse cheia, abundante, derramando, não estava satisfeito. Assim, ao completar 60 anos, já tinha vivido 120.

A história da freira me convenceu. Só fiquei com uma dúvida: qual seria o motivo de Mário ter passado a vida, fazendo tudo em dobro? Na outra noite, em sonho, tive a explicação. Muitos

¹⁰² **Gianpietro Canossi**, filho de Luigi Canossi e de Maria Piccinelli, nasceu no dia 14 de maio de 1954, em Lozio (Brescia), Itália. Em 1979, concluiu o curso de Teologia no Instituto Missionário da Consolata de Turim, Itália e Filosofia na Pontifícia Universitas Urbaniana, em Roma. Em 1980, concluiu o curso de Ciências Catequéticas, na Faculdade de Teologia da Universidade de Salamanca, Espanha. Veio para o Brasil, em 1981, como missionário do Instituto dos Missionários da Consolata. Trabalhou em Três de Maio e Independência, no Rio Grande do Sul, em Jaguarari e Paulo Afonso, na Bahia. Faleceu em 20 de junho de 2005.

anos atrás, Mário tinha um amigo. O nome dele era Lourenço. Vieram juntos, lá de longe, para ajudar o povo daqui. Fizeram a promessa de trabalhar juntos, pelo resto da vida. Mas Lourenço foi-se, quase logo, tragicamente.

Mário ficou abalado, quase desanimou. Mas o amigo que partiu, um dia, em sonhos o visitou. Que história é essa de querer desistir? perguntou. É trabalho demais para eu fazer sozinho. Você não está mais aqui, respondeu Mário. Lourenço, com a sabedoria dos que já se foram, deu a dica: É simples. Você faz em meu lugar. Assim, faça menos falta.

Mário tomou a sério o conselho. Nesses 25 anos, trabalhou por si e por seu amigo. Se era para rezar uma missa, rezava duas: uma era dele e a outra, de Lourenço. Se era para andar um quilômetro, andava dois: o segundo era de Lourenço. Se perdesse uma hora, a ouvir uma pessoa, não se importava em dedicar mais outra: o tempo do amigo.

Lourenço ajudava-o, em memória. Mesmo assim, Mário foi cansando. Para viver dobrado, precisaria ter tudo em dobro: duas cabeças, quatro pernas, quatro mãos, o dia com 48 horas e a semana com, pelo menos, 15 dias. Sobretudo, necessitaria dois corações. Apesar de grande, o dele era um só. Foi cansando. Foi parando. Até que um dia, parou de vez.

E aí entrou a saudade, mais que dobrada, claro, pois eram milhares que, em sua vida dobrada, ajudara. O choro foi dobrado, o desespero também. As perguntas brotaram aos pares, o vazio, também. Até os gêmeos, filhos de seu amigo, que ainda não entendiam direito as coisas, ficaram muito sentidos. Os dois.

O bom é que o bem veio também em dobro: as orações, a solidariedade, a partilha, as belas lembranças, a fé, a esperança, as sementes a germinar, a alegria e, até a consolação. Não é fácil encontrar alguém que viva tanto tempo. Mário viveu. Morreu aos 60 anos, é verdade, mas viveu 120.

4.7 ESPÍRITO DO PAI CONOSCO

Regina Oliveira Conceição Canossi¹⁰³

Quando conheci Mário Zanetta, em 1992, ele era já bispo de Paulo Afonso. Senti, em **espírito**, que ele era a presença de Deus conosco. A conviver com ele, acompanhar sua luta pastoral à frente da Diocese, ver seu modo de agir, a ajudar as pessoas, fascinei-me por sua bondade, humanidade e caráter.

Ele era sempre uma mão amiga, um conselheiro fiel, agregador de pessoas das mais diferentes camadas sociais, missionário, lutador pelas causas sociais, coração amante dos diferentes, homem visionário, de profunda fidelidade ao poderoso Deus que habitava seu coração. Ele proporcionava encontros divinos e marcantes, transformadores de vidas e realidades.

Ao contrário do que o senso comum recomendava, Mário seguia seus sonhos e fazia santa sua missão. Seus ideais eram os mesmos de Deus Pai. Não media esforços, para dignificar a vida do próximo, dos últimos, sofridos, caídos, abandonados e, enfim, de todos os irmãos que encontrava em seu caminho.

[Mário Zanetta tinha] uma capacidade extraordinária de ouvir a todos, ricos e pobres, brancos e pretos, indígenas e fazendeiros, patrões e operários. Era o padre do diálogo. Sua

¹⁰³ **Regina Oliveira Conceição Canossi**, filha de Manoel Antônio Filho e Maria Oliveira Conceição, nasceu no dia 1º de novembro de 1959, em Jaguarari - BA. Em 1978, concluiu o curso de Magistério no Centro Educacional Cenecista de Jaguarari, em 1989, licenciou-se em Letras, na Universidade de Formação de Professores de Petrolina (UFPP) e, em 2010, bacharelou-se em Direito, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Entre 1998 e 2000, lecionou em escolas estaduais de Jaguarari e, em Paulo Afonso, no Centro Integrado de Educação de Paulo Afonso (CIEPA). Trabalhou no Tribunal de Justiça da Bahia (TJBA). É sócia fundadora do Instituto Dom Mário Zanetta e Padre Lourenço Tori. Atualmente, é aposentada.

palavra era procurada, seu conselho esperado. Sua presença, muitas vezes, bastava para apaziguar os ânimos e encontrar, se não as soluções desejadas, pelo menos, as bases para o respeito entre as diferentes posições. (BANDERA, 1996).

Sagrado bispo, ele se tornou gigante na evangelização, comunicação, defesa dos direitos humanos e paz social. (Fig. 1) Era um grande empreendedor. Transpunha fronteiras. Viajava muito, para evangelizar. Quando o assunto era a caridade, nunca se poupava. Vivia coerentemente seu lema: **Cremos na Caridade**, o que lhe valeu a fama de caixeiro viajante da caridade.

Figura 1 – Dom Mário



Fonte: Vieira; Nunes (2020)

Fincou marcos por onde passou. Estabeleceu laços humanos e fraternos. Adiantou-se no tempo. Viveu a Igreja em saída, conforme recomendou o Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. No amor, deixou legado. Nos corações, outorgou saudades. Na fraternidade, construiu pontes à justiça e paz. Imprimiu suas marcas na areia do tempo.

REFERÊNCIA

BANDERA, Mário. **Carta à Comunidade de Paulo Afonso**. Centro Missionário de Novara, Itália, 1996.

4.8 EXEMPLO DE VIDA

Jovelina Maria Ramalho da Silva¹⁰⁴

Introdução

Das janelas que se abrem para a vida, a da saudade de Dom Mário está sempre iluminada. Por isso é tão fácil e gratificante falar sobre esse amigo. Venha, você também, sente-se e deixe que os raios luminosos dessa janela irradiem seu espírito e coração. Não sinta tristeza. Apenas agradeça a Deus, por ter conhecido um amigo de verdade.

Reconhecimento em Versos

Era uma vez um galego	Veio de longe, o galego
De olhos azuis, da cor do céu,	Das terras frias e geladas.
De mãos cuja energia	Porém. era tão brasileiro!
Aquecia o coração.	Fez deste solo a pátria amada.
Tinha palavras gentis,	Aqui era seu lar,
Certas, sem acusação,	Seu rebanho, sua casa.
Uma vida dedicada	Sua bondade era quente.
À vocação, pela ação.	Sua presença, esperada.

¹⁰⁴ **Jovelina Maria Ramalho da Silva** nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1952. Tem raízes fortes em Palmeira dos Índios – AL. É graduada em Pedagogia e Bacharela em Direito. Por dezenas de anos, exerceu o magistério e participou do Coral da CHESF, em Paulo Afonso. Em 2018, foi agraciada com o título de Cidadã Pauloafonsina. É membro fundadora da Academia de Letras de Paulo Afonso (ALPA). Nela ocupa a Cadeira Nº 12, foi Secretária durante os biênios 2017/2019, 2019/2021, reeleita para o biênio 2022/2023 e implantou o projeto O Escritor vai à Escola. É escritora, poetisa e cantora. Em 1992, publicou o livro Verso e Reverso. Atualmente se dedica à produção de literatura de cordel, participa de corais da Igreja Católica e canta em reuniões de família e eventos da ALPA.

Tinha o coração aberto
A todos que o procuravam.
Nunca dizia: eu não posso.
Com paciência, escutava.
Não importava o assunto.
Nunca, a alguém condenava.
Ressureição e perdão,
Igual a Jesus ensinava. (Fig. 1).

Era simples, sem riqueza.
Apesar de ser um conde,
Não tinha luxo nem pose.
Seu riso contagiava.
Tinha uma alegria tamanha,
Que logo nos conquistava.
Quando entrava em nossa casa,
Os anjos também entravam.

O Mário Zanetta da Itália
Era o padre Mário Brasileiro
Que veio igual a São Francisco
Se transformar em baiano.
Às vezes, até esquecia
Que tinha o sangue italiano.
Sua terra era Paulo Afonso.
Seu coração, brasileiro. (Fig. 2).

Ele nunca estava sozinho.
Sua vida era seu povo.
Sua fala era tão sábia,
Que seu discurso sempre era novo.
O Evangelho era a base
De todo seu caminhar,
Falando com a gente, na praça,
Ou celebrando, no altar.

A homilia de sua missa
Nos acompanhava na vida.
A força de seus exemplos
Nas almas tinha guarida.
As ações da comunidade
Que visavam o bem do povo
Eram por padre Mário defendidas,
Com a presença dele, concedidas.

Era artista da comunicação.
Criou rádios, gráfica e TV.
Construiu um grande prédio
Para, nessas artes crescer.
Oficinas de menores
Ele ajudou a nascer.
Acreditava que era possível
Todo sonho florescer.

Em junho de 88, foi sagrado bispo.
Tenho certeza que os anjos
Ao papa foram soprar
E dizer da alegria
Do povo desta cidade
Em ver o padre querido
Como bispo ser ungido
E escrever no brasão: Cremos na caridade.
Mas, no dia 13 de novembro de 1998,

Foi uma festa tão linda!
Ainda posso lembrar.
Todo povo queria
A mão do bispo beijar.
Era o pai, o amigo e o pastor
Que todos foram aclamar
O amigo de Jesus Cristo,
Com a comunidade a caminhar.
A morte não é o fim,

Dom Mário foi viajar
A dita, que todo homem
Vai um dia realizar. (Fig. 3).
Viveu tão intensamente.
Fez a semente germinar.
Sua lembrança entre a gente
É luz que nunca vai apagar.

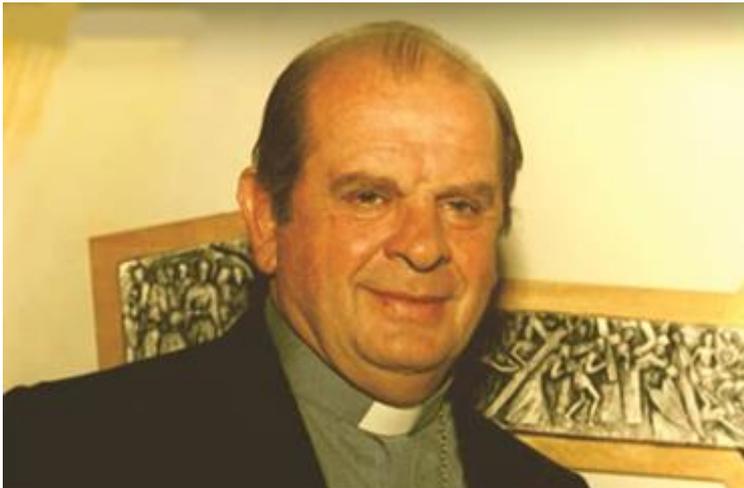
Pois somos filhos de Deus,
Irmãos de Jesus ressurgido
Que a vida eterna nos deu.
Nossa morada é o céu
Onde Dom Mário já está,
Intercedendo por nós,
Quando nossa hora chegar.

Dom Mário deixou pra gente
Continuar a missão
Dar vida e voz à palavra,
Do Evangelho ser ação.
Vós sereis minhas testemunhas,
O Cristo assim nos confiou.
Sereis sal, fermento e semente
Sinais vivos de meu amor.

Enquanto estamos aqui,
Vamos juntar nossas mãos,
Trabalhar com Jesus Cristo.
Eis o grande mutirão:
Desarmar nosso espírito,
Usar mais o coração,
Ser humildes, tolerantes,
Verdadeiros cristãos.

Façamos opção pela vida.
Cristo espera nossa ação.

Figura 1 – Dom Mário, igual a Jesus ensinava



Fonte: Vieira; Nunes (2020)

Figura 2 – O coração de Mário era brasileiro



Fonte: Vieira; Nunes (2020)

Figura 3 – Em 13 de novembro de 1998, D. Mário viajou *ad aeternum*



Fonte: Vieira; Nunes (2020)

REFERÊNCIA

VIEIRA, Maria José Rodrigues; NUNES, Aníbal Alves. **Homenagem a Dom Mário: um padre italiano**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso: 09 jun 2023.

4.9 IL FIUME E LA DIGA¹⁰⁵

Luigino Canal¹⁰⁶

Introduzione

Impetuoso e spumeggiante come le cascate del Rio São Francisco, intrepido e resistente come il cactus del Sertão, esuberante come la generosità della sua gente, tenacemente trascinato dall'amore alla vita come il contadino di queste terre nordestine, che semina tutti gli anni e raccoglie ogni 4 o 5 , sfidando la siccità e gli ingannevoli progetti del governo. Così ricordo questo cactus carnoso chiamato Dom Mario, che si è piantato e dato frutto in questo assolato sertão di Paulo Afonso.¹⁰⁷

¹⁰⁵ O RIO E A REPRESA

¹⁰⁶ **Luigino Canal** nasceu em Cesiomaggiore, (Itália), no dia 10 de junho de 1945. Cursou o Ensino Básico no Liceu de sua cidade natal. Estudou Filosofia e Teologia no Seminário Maior de Triveneto (Itália). Veio ao Brasil em janeiro de 1973 onde trabalhou durante 32 anos. Foi diretor do Centro Missionário e vigário geral da Diocese de Belluno-Feltre. Alguns missionários dessa Diocese, entre os quais os padres Lívio Picolin, Vitor de Bastiani e Remi de Vettor, trabalharam em Paulo Afonso, como membros do Projeto Igrejas Irmãs. (Fig. 1 a 3).

¹⁰⁷ Ele era impetuoso e cintilante como as cachoeiras do Rio São Francisco, intrépido e resistente como o cacto do sertão, exuberante como a generosidade de seu povo, tenazmente movido pelo amor à vida como o agricultor das terras nordestinas, que semeia todos os anos, para colher a cada quatro ou cinco, a desafiar a seca e os planos governamentais enganosos. Lembro-me daquele cacto carnudo chamado Dom Mário, que se plantou e deu frutos no sertão ensolarado de Paulo Afonso.

lo, arrivato in Brasile nel gennaio del 73, dopo pochi giorni ero stato a Paulo Afonso per i funerali di un altro Mario, il suo compagno di viaggio, morto improvvisamente, travolto da un camion che lavorava alla costruzione della diga.¹⁰⁸

La diga

Anche dom Mario era una diga: sbarrava una quantità immensa di energie, le macinava nelle sue viscere per trasformarle in luce e forza, le distribuiva a tutte le ore, difendeva le terre basse, quelle degli umili, dalle “inondazioni” arroganti dei potenti, irrigava amorevolmente le piantagioni fragili dei nostri piccoli orti: non cose da far fortuna, ma da sfamare le necessità del quotidiano; sussurrava sommessamente in cerca di un consiglio, prima di infrangersi rumorosamente contro le rocce dei sordi.

Una diga... lascia sempre un po’ di incubo: e se non ce la facesse? E se un giorno un’infiltrazione buttasse tutto all’aria? E non sarebbe necessaria una revisione generale per non avere sorprese?¹⁰⁹

¹⁰⁸ Cheguei ao Brasil, em janeiro de 1973. Alguns dias depois, estive em Paulo Afonso, para acompanhar o enterro de outro Mário, seu companheiro de missão, que morreu repentinamente, atropelado por um caminhão que trabalhava na construção da barragem.

¹⁰⁹ Dom Mário também era uma represa. Barrava quantidade imensa de energias. Moía-as, nas entranhas. Transformava-as em luz e força. Distribuía-as, toda hora. Defendia as terras baixas, dos humildes, das cheias arrogantes dos poderosos. Regava, com amor, as frágeis plantações das pequenas hortas, cultivadas não para fazer fortuna, mas para alimentar as necessidades quotidianas. Ele sussurrava baixinho e pedia conselhos, antes de bater, ruidosamente contra as rochas dos surdos.

Uma represa sempre deixa um pouco de pesadelo. Se não der certo? Se um dia uma infiltração jogar tudo de cabeça para baixo? Não seria necessária uma revisão geral para evitar surpresas?

Ma mentre noi si ragiona con la testa, lui ubbidiva al cuore, pieno di zelo e di amore... e allora ... le ragioni sono altre e anche se l'infiltrazione è inesorabilmente arrivata, non ci resta che dar grazie al Signore per questo piccolo gigante, simbolo di tutte le vite offerte in olocausto difendendo ostinatamente la vita, in questo martoriato pezzo di mondo che è il Nordeste del Brasile.¹¹⁰

Figura 1 – Padres de Belluno-Feltre, Diocese Irmã de Paulo Afonso



Fonte: Acervo fotográfico de Luigino Canal (1998)

¹¹⁰ Enquanto raciocinamos com a cabeça, ele obedecia ao coração, cheio de zelo e amor. Então, há outros motivos. Mesmo que a infiltração chegue inexoravelmente, agradeçamos ao Senhor pelo pequeno gigante, símbolo de todas as vidas sacrificadas, em holocausto, por defenderem teimosamente sua existência naquele pedaço de mundo surrado que é o Nordeste do Brasil.

Figura 2 – Bispo de Belluno-Feltre, em visita a Dom Mário Zanetta



Fonte: Acervo fotográfico de Luigino Canal (1998)

Figura 3 – Dom Mário Zanetta com amigos italianos a visitarem-no



Fonte: Acervo fotográfico de Luigino Canal (1998)

4.10 PARCEIRO INCONTESTE

Harald Schistek¹¹¹

Introdução

Mário Zanetta foi uma grande figura, um grande lutador, precursor e apoiador da convivência com o Semiárido. Há 30 anos, nós começamos a trabalhar o conceito da convivência com o Semiárido. Desde o início, Dom Mário foi um entusiasta desta ideia. Foi muito importante porque deu credibilidade ao Instituto da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA). Nos anos de 1990, não muito longe da Ditadura Militar, a Igreja Católica Apostólica Romana era muito prestigiada. Por isso, era importante o aval que ela dava para divulgação da ideia e apoio à proposta de convivência com o Semiárido. (ANEXOS 1 e 2).

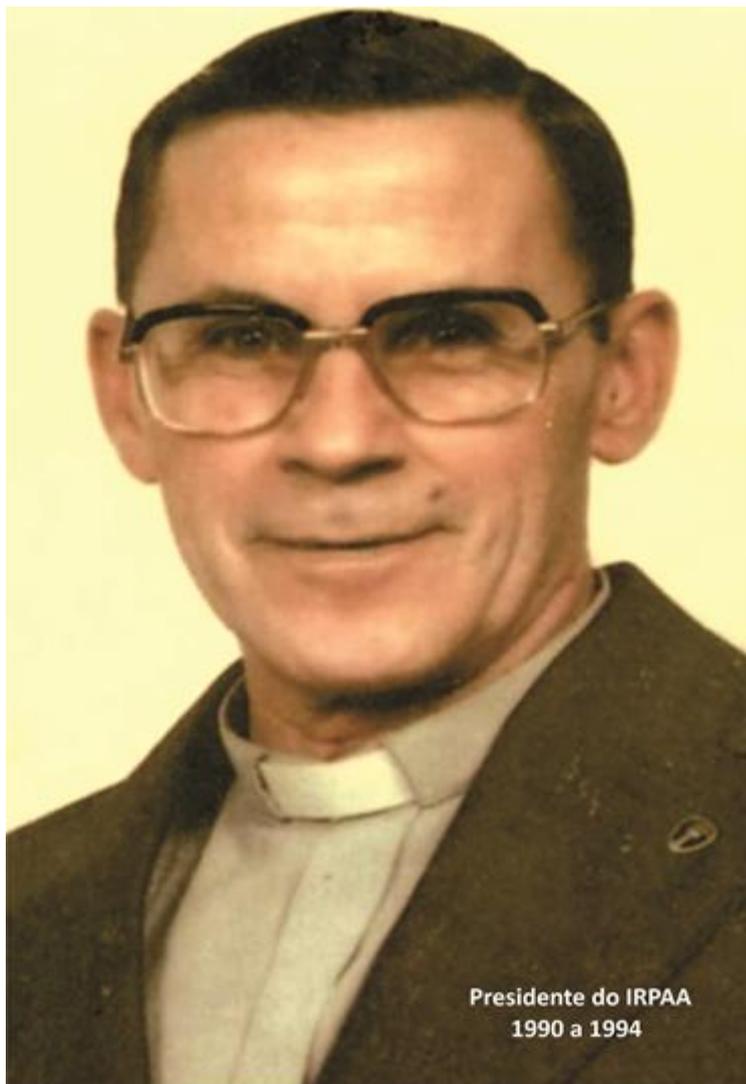
Apoiador inconteste

Desde o início, Dom Mário foi partidário dessa ideia. O primeiro presidente do IRPAA foi Dom José Rodrigues, com dois mandatos. (Fig. 1). Depois, Dom Mário assumiu. Foram

¹¹¹ **Harald Schistek** nasceu em Viena (Áustria), no dia 13 de janeiro de 1942. Era Filósofo e Teólogo pela Universidade de Salzburgo (Áustria). Tornou-se bacharel em Engenharia Agrônômica na Universidade de Agricultura de Viena e na Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF). Em 1976, radicou-se no Brasil onde, por 45 anos, dedicou-se a estudar e ensinar a arte da convivência com o Semiárido. Em 1990, com o bispo Dom José Rodrigues outros companheiros, fundou Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPPA). Faleceu em Juazeiro – BA, no dia 9 de dezembro de 2021, com 79 anos de idade.

quase dois mandatos. Infelizmente, ele faleceu antes de terminar o segundo mandato. (Fig. 2).

Figura 1 – Dom José Rodrigues de Souza



Fonte: Pereira (2020), inserida pelo organizador

Figura 2 – Dom Mário Zanetta



Fonte: Acervo fotográfico do IMZLT (1998), inserida pelo organizador. Ele demonstrava presteza fora do comum. Naquela época, a burocracia era menor. Hoje em dia, é quase impossível realizar os trabalhos da entidade, sem a presença do presidente por perto, para resolver pendências bancárias e do Fórum.

Quando, na época, se precisava mesmo a presença do presidente, ele vinha de imediato. Nunca dizia não poder, nem prometia vir depois. Ele vinha logo, muitas vezes, no mesmo dia.

Lembro-me também das assembleias gerais do IRPAA. Com a presença dos sócios e outros participantes, elas vinculavam-se aos eventos da Escola de Formação dos Agricultores, que se estendiam por duas semanas. Era muito importante para eles ter o bispo presente. Ele saía de Paulo Afonso, entre três e quatro horas da manhã, para chegar em tempo, antes do início da Assembleia que começava às nove horas. Ele ficava nesse dia. À tarde, ele cumprimentava os que chegavam para a formação. Não se demorava mais. Seguia, adiante, para alguma visita pastoral a uma paróquia da Diocese de Paulo Afonso.

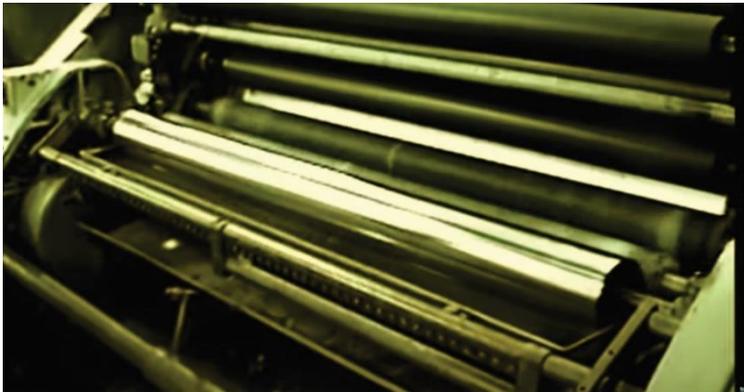
Esse engajamento compromissado que ele tinha com a proposta do IRPAA era impressionante. Não tinha hábitos e nem qualquer comportamento de gente grande, importante, como alguns membros da hierarquia da Igreja da Cristandade. Simples e humildemente, ele atendia ao chamado dos coordenadores da entidade. Perguntávamos se ele poderia vir. prontamente, ele dizia que sim. Falava: amanhã, de manhã, estarei aí. Essa simplicidade no trato era um traço importante da identidade dele.

Ele tem grande mérito na divulgação da proposta de convivência com o Semiárido. Também o possui na publicação de diversos assuntos de interesse das comunidades. Ele trouxe da Itália uma gráfica Offset. Facilitava a publicação dos trabalhos (panfletos, boletins, cartilhas e folders) do IRPAA. Foi grande sua ajuda. O Caminhar Juntos de Dom José Rodrigues, durante vários anos, foi impresso em mimeógrafo. Era muito trabalhoso e pouco legível. Nele não se podia inserir fotografias. Ele próprio era o grande obreiro, o admirável

escritor. Tinha vocação para ser jornalista. Constantemente o editava e publicava.

Um dia, a conversar por telefone, Dom Mário lhe perguntou: por que não o manda para editarmos aqui? Você o traz, a gente faz os clichês e imprime. Assim, uma vez por mês, de madrugada, eu viajava com um colega da Diocese de Juazeiro, a Paulo Afonso. Ficávamos lá, na gráfica, até meio dia ou à tarde, para aprontar as páginas e fazer as fotos do que fora escrito. A edição era eletrônica. Não era com tesoura e cola. Juntavam-se as páginas e as colunas, com as fotos inseridas nelas. Depois se faziam as fotos para os clichês do offset. (Fig. 3). Voltávamos à tarde, quase no escuro. Naquela época não havia perigo nas estradas. A gente viajava a noite toda, sem medo de ser assaltado.

Figura 3 – Offset de Dom Mário, em Paulo Afonso



Fonte: TV Fonte Viva (2020), inserida pelo organizador

A propósito, lembro-me do famoso e memorável alemão Siegfried Pater. Ele era jornalista e produtor de filmes sobre justiça social e quebra dos direitos humanos. Publicou um livro sobre comércio de órgãos no Rio de Janeiro onde se encontravam corpos, especialmente de jovens, sem os órgãos internos. Houve grande impacto. Ele era, por isso, ameaçado

de morte. Foi um dos fundadores da revista crítica *Public Forum*. Faleceu em 2015.

Em Juazeiro, ele foi pessoa muito destacada. Conhecia bem Dom José Rodrigues de quem tornou-se grande amigo. Toda vez que o bispo viajava à Europa, passava pela Alemanha onde, com Siegfried Pater, visitava várias entidades.

Como resultado, Siegfried Pater fez uma biografia parcial de Dom José Rodrigues. O livro chama-se *Der Bischof Technischerniched* (O Bispo Tecnicamente Livre). Quando essa publicação saiu, eu trouxe um exemplar para o Brasil. Numa visita de Dom Mário a Juazeiro, foi à casa do bispo. Viu esse livro. Ficou tão impressionado que falou: isso nós temos que traduzir. De imediato prontificou-se a pagar a tradução e a imprimir a versão em português, em sua editora. Assim, publicou-se o livro Dom José Rodrigues, o Bispo dos Oprimidos com a capa diferente da que tinha o livro original. Esse livro foi muito procurado. A capa dele é de uma casa solitária, no interior, com um mandacaru na frente, muito significativo em nossa região. Para Mário, Dom José Rodrigues tinha que ser destacado como bispo da Teologia da Libertação. Ele deu todo apoio financeiro, logístico e emocional. Foi muito importante essa ação dele.

Outro destacado atributo identitário de Dom Mário era a facilidade de falar com o povo. Ele transmitia mensagens, conceitos, informações importantes, de maneira simples, com clareza tal que todo mundo entendia. Assim, ele deixou o legado de grande apoiador das causas populares, entre as quais a convivência com o Semiárido.

Quando chegou a notícia de que ele tinha sofrido um derrame, para nós foi um baque muito grande. Foi levado a Recife onde não se conseguiu recuperá-lo. No dia do enterro, eu fui a Paulo Afonso, com outros membros de nossa equipe. Foi uma multidão de gente. (Fig. 4 a 6). A gente viu como ele era

querido e o trabalho dele, bem aceito. A equipe de comunicação tentou entrevistar-me. Não conseguiu. Eu estava muito chocado. Cada frase que eu começava a proferir, sobre a importância de Dom Mário, eu não conseguia terminar. O choro era minha resposta.

Figura 4 – Seu corpo, já sem vida, de volta à Igreja de Paulo Afonso



Fonte: TV Fonte Viva (2020), inserida pelo organizador

Figura 5 – Missa de corpo presente, em frente à catedral



Fonte: TV Fonte Viva (2020), inserida pelo organizador

Figura 6 – Uma multidão acompanhava o traslado de seu féretro



Fonte: TV Fonte Viva (2020), inserida pelo organizador

REFERÊNCIAS

PEREIRA, Jônatas. **Dom José Rodrigues que nos ensinou o valor da comunhão e da solidariedade**. Rede GN, 2020. Disponível em: <https://www.redegn.com.br>. Acesso: 09 jul 2023.

TV FONTE VIVA. **Vida de Dom Mário Zanetta**. Paulo Afonso: Fonte Viva - YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso: 09 jul 2023.

5 **CONSIDERAZIONI FINALI**¹¹²

Infinita è la nostalgia di Mario Zanetta e Lorenzo Tori; perenne, il ricordo di come erano; incalcolabile, il bene che hanno fatto ai più poveri, ai bambini e ai giovani di Paulo Afonso, nella valle del fiume São Francisco e nella regione semiarida del Nordest del Brasile; inestinguibile, il ricordo che nelle connessioni neurali del popolo brasiliano trovò comodo rifugio lo spirito essenzialmente cristiano di questi intrepidi missionari di Giovanni XXIII, del Concilio Vaticano II e della Diocesi di Novara.

*Infinitamente benedette sono le loro mamme, Rosa Zanetta e Generosa Pidroni che, rispettivamente nelle città di Borgomanero e Montescheno, hanno accolto, partorito e allattato i bimbi Mario e Lorenzo. Beati i loro genitori, Luigi Zanetta e Gregorio Tori, che, fin da piccoli, hanno contribuito a risvegliare nei due piccoli italiani il fascino della condivisione della vita, come offerta più preziosa al Dio che libera, per abitare i cuori degli umili latinoamericani in buona fede, disponibile.*¹¹³

¹¹² **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

¹¹³ Infinita é a saudade de Mário Zanetta e Lourenço Tori; perene, a lembrança do jeito peculiar de eles serem; incalculável, o bem que eles fizeram aos mais pobres, às crianças e aos jovens de Paulo Afonso, do Vale do Rio São Francisco e do Semiárido do Nordeste do Brasil; inextinguível, a memória que nas conexões neurais do povo brasileiro encontrou confortável abrigo o **Espírito** essencialmente cristão desses destemidos missionários de João XXIII, do Concílio Vaticano II e da Diocese de Novara.

Infundavelmente bem aventuradas sejam suas mães, Rosa Zanetta e Generosa Pidroni que, nas cidades de Borgomanero e Montescheno, respectivamente, abrigaram, deram à luz e amamentaram os bebês Mário e Lourenço. Benditos sejam seus pais, Luigi Zanetta e Gregorio Tori que, de cedo, ajudaram a despertar, nos dois italianinhos, o encanto pela partilha da vida, como mais preciosa oferta ao Deus que liberta, a habitar o coração dos humildes latino-americanos de boa vontade.

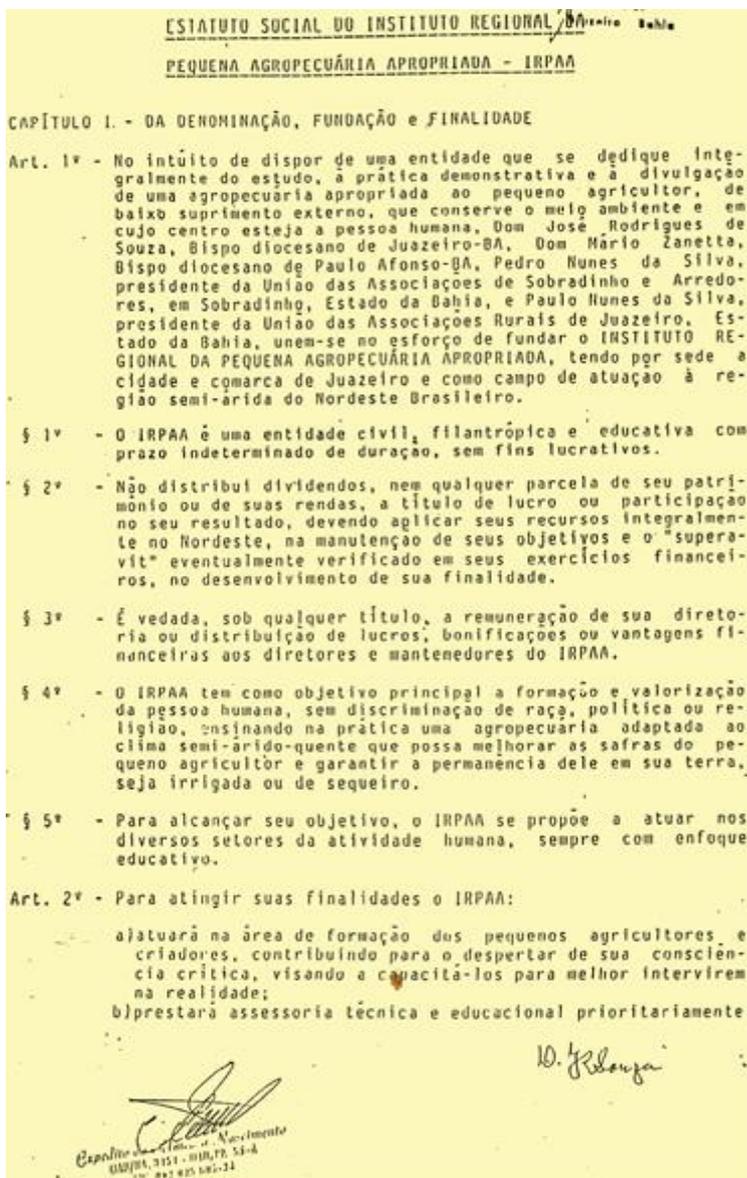
Un ringraziamento illimitato va ai professori dei seminari di Miasino, Arona e Novara, che hanno sapientemente preparato i giovani seminaristi a vivere, con radicalità e pienezza, il passaggio dal cristianità di Costantino al cristianesimo autentico delle prime comunità del Grande Maestro dell'umanità. Un ringraziamento perenne va alla Diocesi di Novara e al Coordinamento del Progetto Chiese Sorelle dei missionari Fidei Donum, al quale erano legati anche i nostri memorabili compagni, gli evangelizzatori Luciano Piumarta e Alfredo Grosso.

*Siamo infinitamente grati!*¹¹⁴

¹¹⁴ Ilimitados sejam os agradecimentos aos professores dos seminários de Miasino, Arona e Novara que, sabiamente, preparavam os jovens seminaristas a viverem, com radicalidade e em plenitude, a transição da Crisandade de Constantino ao autêntico Cristianismo das primeiras comunidades do Mestre Maior da humanidade. Perenal gratidão destine-se à Diocese de Novara e à Coordenação do Projeto Igrejas Irmãs dos missionários *Fidei Donum* a que também se vinculavam nossos memoráveis companheiros, os evangelizadores Luciano Piumarta e Alfredo Grosso.

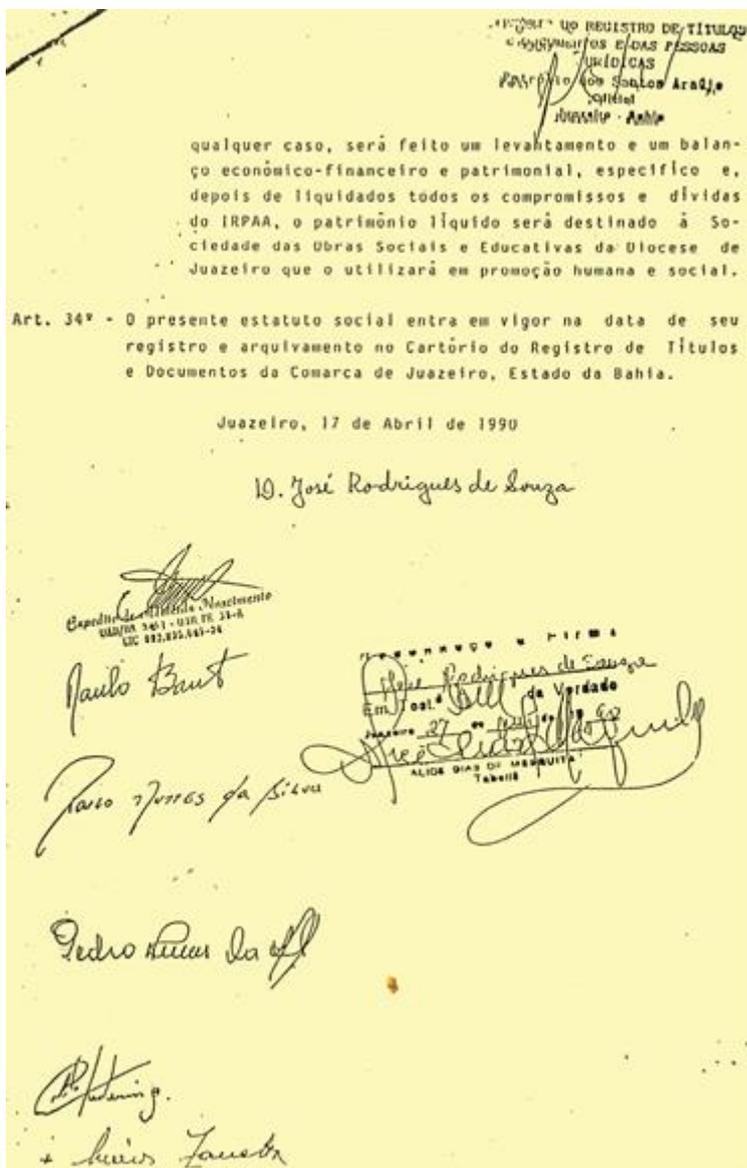
Infinitamente gratos!

Anexo 1 – Estatuto Social do IRPAA (primeira folha)



Fonte: Acervo do IRPAA (1990)

Anexo 2 – Estatuto Social do IRPAA (última folha)



Fonte: Acervo do IRPAA (1990)

Imbuídos do Espírito das primeiras comunidades cristãs, conforme recomendavam João XXIII e o Concílio Vaticano II, Mário Zanetta e Lourenço Tori, missionários italianos da Diocese de Novara, chegaram em Paulo Afonso no dia 24 de maio de 1969. Era então vigente o regime militar antidemocrático, implantado pelo famigerado golpe da República das Oligarquias do Brasil, no dia 31 de março de 1964. Com peculiar amor preferencial pelos mais pobres, solidarizaram-se eles com os filhos abortivos do progresso positivista. Passo a passo e ombro a ombro, com eles caminharam, em busca do Reino de Deus, a mesma Terra sem Males que, há milênios, os grupos nativos de raiz Tupinambá tentam conquistar. Inspirados nas práticas pastorais dos pajé-açu, dos caraíbas do sertão tapuia, de Antônio Conselheiro, Padre Cícero Romão, Beato Lourenço, Paulo VI, Helder Câmara, Pedro Casaldaliga e José Rodrigues, apostaram ser viável a utopia do Nazareno Sonhador. Desejo que os leitores mantenham vivo o exemplo de vida dessas duas Testemunhas de Cristo, para continuarmos o importante trabalho em que eles se engajaram e dedicaram suas vidas. Um abraço carinhoso do Instituto Mário Zanetta e Lourenço Tori.

Everaldo Bezerra Patriota
Presidente do IMZLT

